



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

ESCOLA DE DANÇA

*PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM
DANÇA*

RAFAEL ALVES DE ASSUNÇÃO OLIVEIRA

RELAÇÕES DO CORPO COM O CHÃO:

*Experiências artísticas, educativas e de saúde como construção de
pertencimentos*

Salvador

2023

RAFAEL ALVES DE ASSUNÇÃO OLIVEIRA

RELAÇÕES DO CORPO COM O CHÃO:

***Experiências artísticas, educativas e de saúde como
construção de pertencimentos***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Ferreira de Aquino.

Salvador

2023

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Oliveira, Rafael Alves de Assunção.

Relações do corpo com o chão: experiências artísticas, educativas e de saúde como construção de pertencimentos / Rafael Alves de Assunção Oliveira. - 2023.
169 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Ferreira de Aquino.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2023.

1. Dança. 2. Dança - Aspectos sociais. 3. Dança - Aspectos antropológicos. 4. Criação (Literária, artística etc.). 5. Sentidos e sensações na arte. 6. Corpo humano (Filosofia). I. Aquino, Rita Ferreira de. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.3

CDU - 793.3



Ministério da Educação
 Universidade Federal da Bahia
 Programa de Pós-graduação
 Profissional em Dança
 Mestrado Profissional



**ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO
 CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL DO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA UFBA –
 PRODAN**

Aos sete dias do mês de julho de dois mil e vinte e três, às 10h, no Teatro Experimental da Escola de Dança da UFBA, foi realizada a **Defesa do Trabalho de Conclusão do Curso do Mestrado Profissional de Dança da UFBA de RAFAEL ALVES DE ASSUNÇÃO OLIVEIRA** intitulado **“RELAÇÕES DO CORPO COM O CHÃO: experiências artísticas, educativas e de saúde como construção de pertencimentos”**, com a presença da Banca de Avaliação composta por: Professora Doutora Rita Ferreira de Aquino, orientadora, docente do PRODAN/UFBA e presidente da banca; Professora Doutora Ana Elisabeth Simões Brandão, membro interno, docente do PRODAN/UFBA; e o Professor Doutor Fernando Marques Camargo Ferraz, membro externo, docente do PPGDança/UFBA. Dando sequência à abertura, o mestrando fez a exposição do seu trabalho e, em prosseguimento, cada membro da Banca procedeu à arguição em relação ao trabalho apresentado. Após a finalização dessa etapa, a banca reunida emitiu o parecer conjunto final e indica pela aprovação do trabalho, concluindo assim que **RAFAEL ALVES DE ASSUNÇÃO OLIVEIRA** está apto a receber o título de Mestre em Dança pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança-UFBA. Ao final, lavrou-se a presente ata que será assinada pelos membros da Banca e o mestrando. Em 07 de julho de 2023.

Rafael Alves, Rita Ferreira de Aquino, Fernando Marques Camargo Ferraz, Tamara Brito Cruz, Samuel Elias, Silvio Vieira, Thiane Nascimento, Juliana Gomes, Rafaela Maria Oliveira Lima, Jaqueline Maga Tilly Neto, Janaina Moraes Franco, Leane Joana Boasentime Leavelle, Angel Pandora Fox, Alexandre Antonio de Jesus, Kleber Cesar, Damiana de Jesus Santos, Davi Oliveira Ferreira, Juliana Lima, Ellen Dayna Gonçalves Pereira, André Calmon B. de Sante, Juliana Lima, Procella Alves Lomas, Ivo de V. Ferreira, Cibele Bonfim, Janaina Lima, Juliana de Oliveira, Clara Floris

Endereço: Av. Ademar de Barros, s/n Campus de Ondina
 Salvador- BA CEP: 40170-110
 Fone: (71)3283-6572
 E-mail: prodan@ufba.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Coordenação do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança – PRODAN / UFBA e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. Gratidão às pessoas moradoras do Alto da Sereia e participantes da Clínica Comunitária, às participantes dos componentes Prática Solística, Laboratório de Corpo e Laboratório de Criação 2022.1 da Escola de Dança da UFBA, ao estúdio Shunyma, a Casa 4 cantos de luz Ilê Oxum Oxalá – CLIO e ao grupo de pesquisa ENTRE: Artes e Enlaces e o Programa de Pós Graduação Profissional em Dança como um dos caminhos para esse tipo de expansão e por instigar uma pesquisa implicada em dança socialmente referenciado a partir da ênfase em contextos e sujeitos/as como articulação política, social e ética na sistematização de práticas artístico pedagógicas.

Em especial, meus agradecimentos a Rita Aquino primeiro por aceitar meu convite para esta orientação, pelas orientações sensíveis criando espelhamentos e devolutivas de perguntas vitais durante todo o processo, por me instigar ao exercício da autonomia, por colaborar com os processos de aprendizado com a escrita, fala e dança. Foi muito importante para mim conhecer seu trabalho sobre “*As práticas colaborativas como estratégia de manutenção de projetos artístico-pedagógicos*” (2015) e me aproximar das noções de mediação cultural e

educacional em dança. A densidade e qualidade desse trabalho deve muito pelo fato de conseguirmos desenvolver boas trocas e diálogos fundamentais nos chãos desta pesquisa. Agradeço pela tua persistência e por ser uma orientadora colada em todos os processos. Por ser solidária e generosa, e em momentos cruciais e decisivos desta caminhada, me conduzindo gentilmente pelas mãos. Por oportunizar espaços de desenvolvimento profissionais, apoios e redes vitais. Agradeço pela pessoa orientadora artista que é e que inspira o caminho de colocar a mão na massa do fazer da mediação artística e pedagógica. Obrigado por tudo.

A Leonardo França pela pessoa artista professor engajado, por tocar nessa caminhada pelos diversos chãos da pesquisa e processo de criação em dança, pelas tardes de trocas, compartilhamentos, escuta sensíveis de arte-vida, por espelhar uma masculinidade vital. Por demonstrar solidariedade ao fazer artístico, por criar espaços me ajudando no exercício da autonomia durante a tutoria e diálogos na co-direção. Por ir me instigando a insistir no fazer artístico conjugado a vida. Muito do caráter de inovação das práticas corporais e procedimentos artísticos agradeço a Leo.

As participações de Rita e Leo são fundamentais na pesquisa e alimentaram o desejo de seguir desdobrando

discussões e aprendendo a partilhar, seguir se profissionalizando na dança. Para fazer expandir novas noções no campo da dança e com outros contextos e sujeitos/às.

A Alexandra Martins, minha conterrânea, por me receber em sua casa desde a época da Especialização em Dança com muito entusiasmo, pelas caminhadas e histórias contadas do Alto da Sereia, BA, por me proporcionar condições de troca por meio de serviços administração da casa por moradia oportunizando esses estudos, por me instruir na edição audiovisual do áudio-sonho de minha mãe ensinando a compor com sua voz, por me por apresentar a Clínica Comunitária e por ter dado apoio a vinda e mudança de minha família para Salvador/BA.

Tâmara Terso por ser amiga firme, por ter lido minha carta intenções do PRODAN e colaborado, por indicar para um serviço logo quando cheguei em Salvador, BA, criando forças para se manter morando e estudando, por me guiar até a Clínica Comunitária, por todos os momentos de troca e escuta sensível.

Ana Paula de Sá por ter colaborado com um olhar sensível na feitura do Portfólio para ingresso no PRODAN e pelas artes gráficas realizadas para divulgação de meus serviços.

Roberta Rox e Seth Hagel por me acolherem no ambiente da Clínica, por tratarem com Acupuntura, Ventosa e Auto Hemoterapia quando estive em crise e por me ajudar a se fortalecer para continuar estudando. Por de modo compartilhar conhecimentos da tradicional medicina chinesa, protocolos e terem me mostrado na prática esse

movimento de saúde popular. A Roberta por conversas artísticas por me ensinar ventosas de fogo, por trocas e escutas sensíveis de experiências de vida, por ter me apoiado tanto em muitos momentos difíceis e a Seth espelhar uma masculinidade que cuida ensinando protocolos de auto agulhamento, relação de escuta com moradores do Alto da Sereia e por escutas e trocas sensíveis de processos de vida, por me oportunizar espaço de atuação e aprendizado na casinha 16 e na Clínica Comunitária.

A Denival Marinho e Jussara Gomes por idealizar e facilitar a realização da Clínica como um sonho coletivo tão potente e vital para muitas pessoas da comunidade. A Denival por ensinar que somos todos, todas e todos de uma mesma família, pelas trocas de ideias na escadaria, por me emprestar apostilas de massoterapia, por me orientar com técnicas de atendimento na Clínica e a Denival e Jussara por contribuir assiduamente com encontros e eventos da Clínica com pré-produções e sobretudo um aspecto importante, a alimentação que muitas vezes Jussara e Irá juntamente com outros moradores fortaleceram na nutrição dos terapeutas/as em trabalho.

A minha mãe dona Joanita Alves que foi um apoio vital em muitos momentos ouvindo leitura de cartas, opinando, dando força em questões práticas e por ter autorizado compartilhar em Pouso o áudio de seu sonho. Leticia Nogueira por me indicar ao trabalho com Lucio, a Lucio Piantino, Lurdinha Danezy, Mônica Gaspar, Joana Piantino e a Treice Kelly.

Aos moradores e participantes da Clínica: Chico Poeta, Dona Damiana de Jesus Santos, Nana Tazawa, Rodolfo Gabriel,

Steven Sunmor, Marcos Pereira da Costa, Iago Araújo, Jacilda (Cida) Magna Telles, Anderson Telles, Irá Santos Silva, Dona Maria de Fátima, Ianô Baldez, Gabriela Silva, Fernando Passos, Piturico, Glayds Bitencourt, Fernanda Passos, Gabrielle Sophia, Carlos Marcelino (Paulinho), Kleber da Paixão, Leonardo Bittencourt, Solange Bitencourt, Alexandre Araújo, Rair Valente, Célia Maria, Jaqueline de Almeida, Yasmin Magalhaes, Iracema Carvalho (Lalaka), Samira Soares, Vitor (Rato), Mariana de Castro pelas trocas de cuidados no momento tão importante da pesquisa. À Jéssica Lemos por contribuir com ideias para colagem dos lances e exposição fotográfica, Bianca Borsoi por topiar realizar os porta-retratos das fotos presente do evento Escuta, a Lina Maria por criar a arte gráfica do Evento escuta e criar os catálogos de Pouso e da Clínica Comunitária.

Agradeço a Lucas Valentim e Willian Gomes, a Clara Trigo, Diogo Lins e Claudiana Honório, Candai Calmon, Irys Oliveira, Claudia Auharek por aceitar a permuta de massoterapia pela minha participação no curso de Anatomia da Respiração.

Agradeço à banca composta pela coordenadora do Programa de Pós Graduação em Dança-PRODAN a Profa.Dra. Beth Rangel e o Prof.Dr. Fernando Ferraz do Programa de Pós Graduação em Dança PPGDANÇA, que contribuiu significativamente para uma nova percepção dos produtos e a síntese dos procedimentos e materiais desenvolvidos.

RESUMO

Esta é uma pesquisa implicada desenvolvida no Programa de Pós Graduação Profissional em Dança PRODAN/UFBA, na linha de pesquisa Experiências Artísticas, Produção e Gestão em Dança. As perguntas teórico-práticas iniciais que mobilizam essa pesquisa são: Como o chão me move? Como mover o chão? A partir de uma compreensão integrativa de corpo, o objetivo principal foi promover de maneira entrelaçada experiências artísticas, educativas e de promoção da saúde, compreendidas como tecnologias para o estabelecimento de vínculos e formas de pertencimento com comunidades e territórios. A abordagem metodológica baseia-se na pesquisa-intervenção de natureza qualitativa. Procedimentos da pesquisa somática performativa foram enfatizados na investigação em dança e vivências em comunidade, as quais articulam leitura e escrita à observação e escuta de saberes compartilhados pela tradição oral por mestres/as, artistas e não artistas. Esse percurso é narrado em volumes, agrupados de forma sequencial, todos compostos de um conjunto de cartas de caráter afetivo, não cronológico, que visibilizam os percursos da pesquisa assim como os próprios vínculos e pertencimentos tecidos pelo artista em seu trajeto profissional de Brasília, DF a Salvador, BA. São eles: 1. Memorial o chão da pesquisa, que apresenta seus principais elementos da investigação e os caminhos trilhados no percurso no Mestrado Profissional em Dança; 2. Somos como somos e não cromossomos: experiência artístico-educativa com Lucio Piantino; 3. Clínica Comunitária do Alto da Sereia: experiência integrativa de saúde; 4. Pousos: experiência de criação em dança. Deste modo, as volumes 2 e 3 contém as produções intelectuais técnico-tecnológicas, o volume 4 apresenta a produção de natureza artística – principal resultado da investigação. Em cada um deles, após a apresentação de uma síntese dos resultados da pesquisa, são disponibilizadas as cartas que abordam aspectos destes processos de criação. Um quinto volume compreende as considerações finais, intitulada Cartas para o futuro, e o Apêndice A consiste de uma produção intelectual bibliográfica - artigo publicado no decorrer do Mestrado Profissional. Os resultados demonstram a potência da dança como conhecimento complexo, capaz de promover de maneira inovadora modos de entrecruzar experiências artísticas, educacionais e de saúde a partir de uma compreensão de corpo integrado, abrindo caminho para novas inserções profissionais no mundo do trabalho que atendam às demandas da sociedade.

Palavras-chave: Dança. Arte. Corpo integrado. Processo de criação. Pertencimento.

ABSTRACT

This involved research has been developed in the Professional Postgraduate Program in Dance PRODAN/UFBA, in the line of research Artistic Experiences, Production and Management in Dance. The initial theoretical-practical questions that mobilize this research are: How does the ground move me? How to move the ground? From an integrative understanding of the body, the main objective was to promote artistic, educational and health promotion experiences in an intertwined way, understood as technologies for the establishment of bonds and sense of belonging with communities and territories. The methodological approach is based on qualitative intervention research. Procedures of performative somatic research were emphasized in dance research and community experiences, which articulate reading and writing to the observation and listening of knowledge shared by the oral tradition by masters, artists and non-artists. This route is narrated in volumes, grouped sequentially, all composed of a set of letters of an affective, non-chronological nature, which make visible the research journeys as well as the very bonds and belongings woven by the artist in his professional path in Brasília, DF to Salvador, BA. They are: 1. Memorial on the research floor, which presents the main elements of the investigation and the paths followed in the Professional Master's Degree in Dance; 2. We are as we are and not chromosomes: an artistic-educational experience with Lucio Piantino; 3. Alto da Sereia Community Clinic: integrative health experience; 4. Pousos: creation experience in dance. Thus, volumes 2 and 3 contain technical-technological intellectual productions, volume 4 presents production of an artistic nature – the main result of the investigation. In each of them, after presenting a summary of the research results, letters are made available that address aspects of these creation processes. A fifth volume comprises the final considerations, entitled Letters for the future, and Appendix A consists of one bibliographical intellectual production – an article published during the Professional Master's Degree. The results demonstrate the power of dance as complex knowledge, capable of promoting innovatively processes of crisscrossing artistic, educational and health experiences from an understanding of an integrated body, opening the way for new professional insertions in the world of work that meet the needs of society's demands.

Key-words: Dance. Art. Integrated body. Creation process. Sense of belongings.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. O CHÃO DA PESQUISA: ELEMENTOS DA INVESTIGAÇÃO E PERCURSO NO MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA | 10 |
| Carta 1 - Prática para iniciar a leitura | 11 |
| Carta 2 - Sobre um memorial em formato de cartas | 12 |
| Carta 3 - O chão dessa escrita: de Brasília, DF para Salvador, BA | 15 |
| Carta 4 - No manejar pelo caminho estou sempre acompanhado | 17 |
| Carta 5 - Encontrando eixos em parcerias | 27 |
| Carta 6 - Para Alexandra Martins | 30 |
| Carta 7 - Para o Grupo de Pesquisa ENTRE: Artes e Enlaces | 32 |
| Carta 8 - Resposta à mensagem de <i>Whatsapp</i> enviada a Rita Aquino | 35 |
| Carta 9 - Para Profa. Ciane Fernandes | 36 |
| Carta 10 - Para a respiração | 38 |
| Carta 11 - Para minha orientadora | 39 |
| Carta 12 - Para o Reitor João Carlos Salles | 40 |
| 2. SOMOS COMO SOMOS E NÃO CROMOSSOMOS: EXPERIÊNCIA ARTÍSTICO-EDUCATIVA COM LUCIO PIANTINO | 41 |
| Carta 13 - Para Helrison Pereira | 47 |
| Carta 14 - Para Lucio Piantino | 49 |
| Carta 15 - Para minha orientadora | 53 |
| Carta 16 - Para Marcos Paulo Alves Rodrigues | 57 |
| 3. CLÍNICA COMUNITÁRIA DO BAIRRO DO ALTO DA SEREIA, BA: EXPERIÊNCIAS INTEGRATIVAS EM SAÚDE | 61 |
| Carta 17 - Para falar de saúde | 65 |
| Carta 18 - Aprendizado sobre a Clínica Comunitária: carta convocatória | 68 |
| Carta 19 - Detalhando parte da realidade de relações e aprendizados | 72 |
| Carta 20 - Para Roberta Rox | 76 |
| Carta 21 - Para Cida | 79 |
| Carta 22 - Para Seth Hage | 80 |
| Carta 23 - Para Denival Marinho | 83 |
| 4. POUSO: EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO EM DANÇA | 87 |
| Carta 25 - Para Alexandra Martins, Práticas para caminhar no escuro | 95 |
| Carta 26 - Como essas comunidades têm se movido em meu mover? Como o meu mover move comunidades, danças e sentidos? | 99 |
| Carta 27 - Para Rita Aquino e Leonardo França | 101 |
| Carta 28 - Para Leonardo França, pontos e redes vitais | 104 |
| Carta 29 - Para Ângela Maria - Shunyma | 113 |
| Carta 30 - Para tocar com arte, implicações éticas, sociais e políticas | 121 |
| Carta 31 - Para Leo | 123 |

| | |
|--|-----|
| Carta 32 - Para Keila Oliveira e turma de Laboratório de Corpo e Criação, fluxos que se retroalimentam e se nutrem | 128 |
|--|-----|

| | |
|--------------------------------|------------|
| 5. CARTAS PARA O FUTURO | 131 |
|--------------------------------|------------|

| | |
|--|-----|
| Carta 33 - Para Marcos Paulo Alves Rodrigues | 132 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| Carta 34 - Considerações finais: cartas em um mesmo envelope | 137 |
|--|-----|

| | |
|--------------------|------------|
| REFERÊNCIAS | 149 |
|--------------------|------------|

| | |
|---------------------------|--|
| APÊNDICE A: ARTIGO | |
|---------------------------|--|

**O CHÃO DA PESQUISA:
ELEMENTOS DA INVESTIGAÇÃO
E PERCURSO NO MESTRADO
PROFISSIONAL EM DANÇA**

Rafael Alves



Estado da Bahia

Carta 1 - Prática para iniciar a leitura

Salvador, 01 de maio de 2020.

Cara leitora e leitor,

Esta carta é um convite para uma prática de leitura. Sente-se de forma confortável. Alinhe sua coluna vertebral na direção do teto como se um fio sustentasse o alinhamento da sua nuca. Deixe os ombros relaxados e os ísquios bem apoiados em seu assento. E, por alguns instantes, de olhos fechados ou abertos, observe como os sons próximos e distantes se apresentam a você. Depois siga levando o foco da sua atenção para partes do seu corpo. Podemos iniciar de baixo para cima - de olhos fechados, imagine seus pés, pernas, joelhos, quadris, cavidade abdominal, peitoral, coluna lombar, torácica, cervical, ombro, nuca, couro cabeludo, olhos e musculatura da face. Tendo focado a sua atenção nos sons do local onde você se encontra e em partes do corpo por mais alguns minutos, apenas observe a sua respiração como ponto vital e iniciamos a leitura.

Carta 2 – Sobre um memorial em formato de cartas

Salvador, 17 de outubro de 2021.

Cara leitora e leitor,

Me propus a escrever este memorial em formato de cartas que narram os processos de investigação desenvolvidos ao longo do mestrado Profissional em Dança – PRODAN. Comecei a me aproximar desse tipo de escrita no Coletivo de Estudos Educação Somática e Improvisação CEDA-SI/DF¹, durante o curso de Licenciatura em Dança no IFB entre 2011 e 2017. Mais tarde, na Especialização Estudos Contemporâneos em Dança da Universidade Federal Bahia – UFBA em 2019, escrevi um trabalho acadêmico também em formato de cartas.

Dois anos depois, já no Mestrado Profissional em Dança, no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança – PRODAN / UFBA, no contexto da pandemia, me deparei novamente com a possibilidade de troca de correspondências. Foi quando nos componentes curriculares de Performance Negra com Fernando Ferraz, no trabalho final do semestre, produzi a carta para Lucio Piantino e, em Projetos Compartilhados, conduzido pelos professores Rita Aquino e Fernando Ferraz, tive uma experiência de troca de interesses de pesquisas em formato de cartas. A necessidade de retomar essa forma de expressão com as palavras ficou bem mais evidente com a crise de saúde sanitária coletiva e o distanciamento físico.

Importante destacar que minha turma de Mestrado Profissional em Dança 2020.1 foi a única do programa a realizar todo curso de forma remota, o que impactou muito os caminhos imaginados de cada pesquisa dos colegas, bem como essa pesquisa que você lê. Esse formato de trocas foi mais do que um sanar de angústias: foi um fortalecimento de vínculos, reconstrução de pertencimento e aproximação de novos territórios afetivos.

¹ O Coletivo de Estudos em Dança, Educação Somática e Improvisação (CEDA-SI) é um coletivo de artistas que surgiu do encontro de docentes e estudantes do Curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília – IFB em 2012. Disponível em: <https://cedasi.com.br/sobre.html> acesso em: 07 de junho de 2022.

Cartas como forma de respiro, nutrição e leveza para seguir transitando individual e coletivamente em meio a uma grande crise econômica, social, política e de saúde.

Percebendo que o tempo já não era mais o mesmo, e a contemporaneidade atravessa grandes processos de transformações sociais e políticas, parecia emergir a importância desse tipo de fortalecimento dos afetos como construção de um corpo integrado, vivenciando o entendimento prático de que a arte promove processos vitais de sensibilização e saúde.

Nesse sentido, estive bastante mobilizado para conhecer pessoas que trocaram cartas, como por exemplo Lygia Clark e Hélio Oiticica (1998). A primeira coisa que me chamou atenção nos dois artistas brasileiros foi a forma de amizade presentes na obra, cartas com confissões honestas, bonitas, de fortalecimento e reconhecimento mútuo enquanto artistas. Também foi importante foi ter conhecido outro lado da artista Lygia Clark através de práticas terapêuticas inspiradas na arte, em objetos, massagens, tipos de toque, sopros e diferentes estímulos que facilitam o processo de aceitação de si, por meio de fases do atendimento não verbal e verbal, a regularidade das sessões e a total aceitação do cliente².

Seguindo esse fluxo de aproximação das cartas no livro Cartas de Lygia Clark e Hélio Oiticica, Luciano Figueiredo escreveu na introdução do livro observando a cumplicidade que os dois amigos artistas nutriam um pelo outro:

Um tipo raro de amor, portanto, este que se manifesta pelo reconhecimento e solidariedade à luta artística do outro, ao seu progresso criativo e à intensidade de busca que cada um se determina nas questões da arte. Podemos sentir neste conjunto de 40 cartas que Hélio Oiticica e Lygia Clark guardavam e trocavam o melhor de si para confiança exclusiva ao outro (FIGUEIREDO, 1998, p. 15).

União que marca a existência dos dois. Vai revelando como as trocas e confissões mostravam a construção de vínculos e pertencimentos. Consequentemente nutrindo, complementando de modo muito único e honesto suas criações. Isto é, uma aproximação

² O termo cliente é uma forma ressignificar o termo “paciente” propondo assim a noção de que ambos, terapeuta e cliente, participam juntos do processo terapêutico. Para conhecer um pouco mais de sua prática como artista terapeuta Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c3VU6KtfhSI&t=805s> acesso em: 07 de junho 2022.

muito consistente entre arte e vida marcada em todos os trabalhos dos artistas. A capa do livro *Cartas (1964-1974)* é um exemplo dessa conexão entre os dois e seus trabalhos.



*Fotografias 1 e 2: Fotografia da capa e contracapa do livro *Cartas (1964-1974)*, na qual constam três fotografias da obra *Diálogos de Mãos (1966)*, da artista Lygia Clark. Fonte: acervo pessoal.*

Para Lygia, Hélio era o lado de fora de uma luva, a ligação com o mundo exterior. Eu, a parte de dentro. Nós dois existimos a partir do momento em que há uma mão que calce a luva” (1998, p. 03). Assim como em as práticas terapêuticas, objetos relacionais presentes nas obras de Lygia Clark e Hélio Oiticica podemos perceber que a relação dos dois trazem de complementaridade, arte e vida, obra e espectadores/as. O que me moveu a seguir nesse fluxo de expressão e criação por aqui.

Agradeço por sentir esses primeiros impulsos.

Sigamos para as próximas cartas.

Carta 3 – O chão dessa escrita: de Brasília, DF para Salvador, BA

Salvador, 07 de junho de 2022.

Cara Salvador, BA,

Primeiro lhe agradeço por me receber, acolher e permitir que meu deslocamento para cá fosse tão transformador. Desde que vim pela primeira vez para a Especialização em Dança da Escola de Dança da UFBA, minha percepção mudou em relação a entender minha família, mas também a negritude. O pouco que vivenciei da cultura e da educação daqui me despertou a perguntar tudo que fosse possível aos meus pais e tios sobre a história de minha família. É como se após a Especialização, o encontro com o Alto da Sereia e agora o encontro com você pudesse abrir novos caminhos de compreensão dos rastros daqueles que vieram antes de mim, os mortos e vivos da família.

Querida Salvador, essa escrita (i)memorial que lhe agradeço despertou para novos entendimentos dos fazeres, formas de vida, costumes, contextos e sujeitos que fizeram e fazem parte do que sou hoje. Estamos em um continuum com a vida. Foi assim que percebi inicialmente em minha trajetória efervescente afro-indígena, despertando memórias do *breaking* e das mãos. As vivências com a cultura Hip Hop e a linguagem da dança *breaking* retornaram como um jorro que deseja pulsar.

Percebendo arte e vida tão próximas – por que não dizer inseparáveis? -, passei a vislumbrar novamente a possibilidade de experimentar no corpo modos de mover, ser/estar como chãos que me movem. Dancei o chão das casas que morei aqui, no Alto da Sereia, o chão das praças públicas, dos bancos, das escadas, chão da família, das comunidades, territórios, o chão da diáspora e afins. Fui de algum modo durante a pandemia de Covid-19 tornando esses diversos chãos como cena. Salvador, seus chãos foram transformando alguns pontos de apoio comuns na trajetória / mudança / deslocamento.

Fui percebendo que eu já não era mais o mesmo e me aproximando de novos contextos, comunidades, revendo a negritude, as diversas questões como algo que me

fazia observar que a nossa identidade brasileira está em constante negociação e diversidade. Me mudar para você foi como uma nova perspectiva de reinvenção e deslocamento. Assim como a artista visual Alexandra Martins³ Brasília não foi meu ponto final, mas ponto de partida. A diáspora como elemento fundante em meu trajeto.

Lhe amo, Salvador. Parfraseando Paulo Freire, ninguém cura ninguém, as pessoas se curam juntas. Nossa cura é coletiva.

Um beijo grande, minha nova cidade.

³ A artista apresenta na mesa do Entre nas experiências artísticas em Dança: comunidades, coletividades e contextos em jogo um vídeo trajetória que mais do que um deslocamento revela reflexões marcantes também marcantes para ela, tais como, a diáspora como elemento fundante, Brasília, DF como destino final (para sua família) e também como ponto de partida para a artista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o4MnPMRtNs4>. Acesso em: 27 de maio de 2022.

Carta 4 – No manejar pelo caminho estou sempre acompanhado

Salvador, BA, outubro de 2020.

Cara leitora e leitor,

Esta escrita é como um exercício de manejo das palavras. Faço estas palavras com as mãos. Crio aqui um abecedário corporal a partir de experiências de vida e construções de realidades. A composição desse memorial tem formato de cartas, mas você também encontrará alguns bilhetes, notas e programas que sintetizam esse percurso. Foi um estilo que encontrei para mobilizar o chão da escrita por meio de minha prática profissional. Crio uma escrita em solitude, mas que dialoga com contextos e sujeitos/as. No caminho pelo caminho, estou sempre acompanhado.

A primeira vez que vim para Salvador, BA em 2019, para o curso de Especialização em Dança na Escola de Dança da UFBA, eu fiquei extremamente motivado para conhecer a história possível dos meus antepassados. O lugar em si, a turma, a necessidade de autoconhecimento que surgia lá na Licenciatura em Dança entre 2011 a 2017 foram decisivas para ativar esse processo de curiosidade sobre a Ancestralidade.

Parafraseando Eduardo de Oliveira, a cultura seria um tipo de mobilização da ancestralidade atravessando o espaço da memória - que também é corpo e corpo é ancestral (p. 246, 2007). Uma vez que o passado familiar parecia ter sido um corpo apagado ou muito menos rememorado, fazia sentido entender o que meus avós faziam e porque alguns elementos culturais como a cultura Hip Hop e a dança *breaking*, danças relacionais, práticas corporais de toque, massoterapia, educação somática me parecia familiares. Abaixo, pretendo contar algumas memórias de meus pais e avós que dialogam com noções de corpo, ancestralidade e o trabalho das mãos que atravessam gerações.

Me aproximando dos trinta anos de idade, neste encontro com Salvador, BA, fui percebendo diversas referências afro diaspóricas basilares da cultura nordestina baiana presentes na arte, educação e religiões brasileiras. Senti que o primeiro passo seria ter

mais curiosidade sobre alguns aspectos históricos - por exemplo, a vinda de povos escravizados para o litoral brasileiro. O que significa ter nascido brasileiro em um país? Para isso, foi acontecendo esse movimento de conversar com pai, mãe, tio e tia e captar o máximo de informações possíveis. Quase que uma espécie de reconstrução do corpo e da memória.

Para Eduardo Oliveira (2007), temos que pensar o corpo desde a matriz africana, sobretudo um pensar que é produzido pela experiência do eixo africano no Brasil que, no meu ponto de vista, é um modo de entender o Brasil como uma coisa múltipla. O que ele chama de cosmovisão africana está baseado em três princípios: diversidade, integração e ancestralidade.

Logo que voltei de Salvador, BA, ainda em 2019, fui conversar presencialmente com meu pai, Stênio Cardoso de Oliveira, para saber um pouco mais de sua história e quem eram meus avós. Nos encontramos em uma banca de frutas que ele tem na estrada que liga o Distrito Federal ao Goiás, Tocantins e Maranhão. Essa banca fica bem em frente ao hospital regional de Brazlândia/DF onde nasci em 1992. Meu pai já foi caminhoneiro, cabeleireiro e sempre teve um lado para mexer com terras e arte. Se aproximou bastante de pedras cristais, terreiros de candomblé e umbanda. Uma vez, Danilo, irmão da parte de meu pai, disse que já tinha participado algumas vezes de visitas a terreiros chegando a tocar tambor - o que o levou a criar uma banda de samba e pagode no colegial.

Interessante perceber dois aspectos: o culto às religiões afro-brasileiras e a influência artística. Meu pai gosta de desenhar, tocar instrumentos musicais e esculpir em madeiras, chegando a realizar uma exposição de arte no antigo museu de Brazlândia/DF na orla do Lago. Na exposição tinham carrancas, grandes carroças, quadros e instrumentos de madeira. Nesse encontro com ele, percebi toda uma forma de viver simples e de encantamento pela espiritualidade dos sonhos, evidenciando em mim meu interesse por estes assuntos.



Fotografias 3 e 4: Fotos de meu pai, Stênio Cardoso de Oliveira. Fonte: acervo pessoal.

Para Eduardo Oliveira, a ancestralidade pode ser compreendida como um tecido no tempo/espaço tramado pela memória. No meu ponto de vista, talvez uma memória

encarnada pois estão no corpo as tendências para aquilo que temos como habilidade e potência para o aprendizado. Para o filósofo, a ancestralidade é mais antiga que a modernidade e a pós-modernidade, podendo produzir encantamento entre alteridades. Nas suas palavras, “a memória é tão somente um mecanismo de acesso a ancestralidade (...)” (OLIVEIRA, 2007, p. 246).

Meu pai me contou também sobre seus pais e, ao escutar suas histórias, percebi a presença deles em mim. Meu avô Joaquim Cardoso Oliveira tinha a habilidade de lidar com a plantação e com atividades artesanais que envolvessem as mãos, desde pequenos consertos, a feitura de um chinelo até a construção de uma casa, erguida do chão. Para Eduardo de Oliveira, chão é a regra, é universal. É singular.

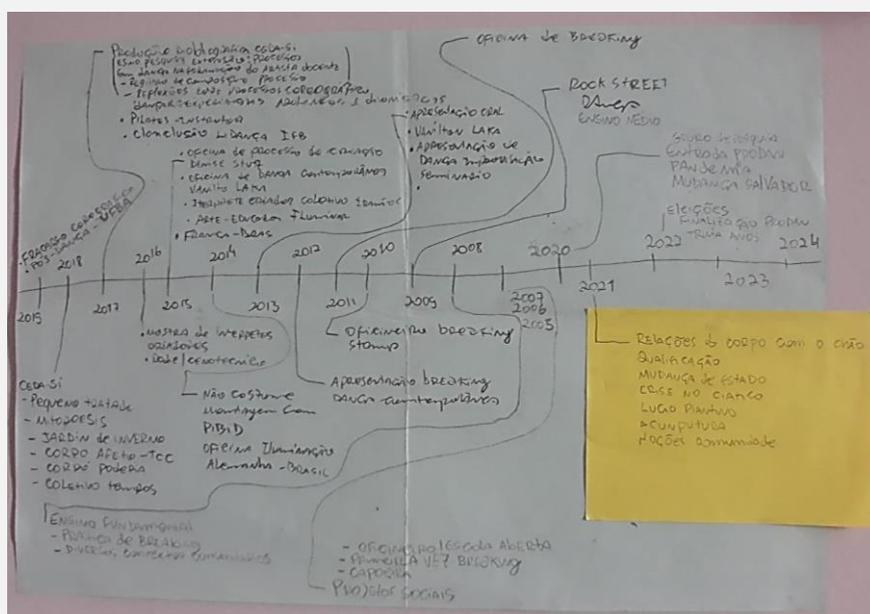


Fotografia 5: Foto de minha avó paterna, Maria Rosa Oliveira. Fonte: acervo pessoal.

Já minha avó Maria Rosa Oliveira era uma mulher indígena nordestina do Ceará, uma mulher muito carinhosa que trabalhava como curandeira e parteira. Tomei um susto quando meu pai contou sua história. Me reconheci imediatamente em minha avó, pois

mesmo antes de saber de sua história eu já trabalhava com dança e práticas corporais como Pilates, Gyrokinesis, Gyrotonic e Thai Massagem Yoga. Práticas que enfatizam o contato e, em especial, o conhecimento do corpo a partir das mãos.

No Mestrado Profissional em Dança, no decorrer das Práticas Profissionais Orientadas⁴, fui percebendo que nesse manejo, articulei questões relacionadas à arte, saúde, educação, pertencimento social e comunitário. Nesta linha do tempo esboçada no componente curricular Projetos Compartilhados⁵ em março de 2020 e atualizada em agosto 2021, identifiquei como estes aspectos foram se estruturando ao longo da minha trajetória:



Fotografia 6: Registro da linha do tempo produzida no componente curricular obrigatório Projetos Compartilhados, em março de 2020. Fonte: acervo pessoal.

As provocações no Mestrado também me avivaram a memória de uma outra história familiar, contada por minha mãe sobre o processo da feitura do sabão preto, em Divinópolis, interior do Goiás, a partir da árvore timbó e das cinzas de outras árvores da

⁴ O processo de orientação no Mestrado Profissional corresponde à Prática Profissional Orientada, que se estende do primeiro ao terceiro semestre. A supervisão tem a função de garantir a apropriação e aplicação do conhecimento advindo das práticas profissionais avançadas e transformadoras no campo da Dança e é realizada através de encontros presenciais entre mestrando e orientador.

⁵ Componente curricular obrigatório que integra o Módulo de Qualificação Acadêmica da Matriz Curricular do Mestrado Profissional em Dança da UFBA a partir de um exercício de encontros regulares para discussão coletiva dos projetos individuais da prática profissional, resultando na escrita do projeto de pesquisa e a escrita do artigo para publicação na Associação Nacional de Pesquisadores em Dança ANDA.

vegetação do cerrado, confeccionando um produto biodegradável. Minha mãe narra a comunhão com as suas irmãs, com as árvores retorcidas e raízes profundas no chão do cerrado, o rio e o contexto comunitário. A escuta desta experiência revelou relações entre corpo e território, processo e produto, criação e aprendizado, arte e vida, afetividade e participação, uma prática que subsidia o fazer.



Fotografia 7: Da esquerda para direita, tia Ana Fernandes, minha tia Maria da Conceição, do lado uma vizinha enfermeira, seu filho, minha mãe, no fundo um cartaz escrito contigo e duas pessoas atrás da cortina. Ceilândia/DF, 1980. Fonte: acervo pessoal.



Fotografia 8: Minha mãe Joanita Alves em frente à igreja de São Lázaro e a Fabesb, Salvador, BA Ano: 20 de agosto de 2021. Fonte: acervo pessoal.

Tão diversas quanto nossas histórias familiares, costumes, culturas, modos de vida e prática é o corpo. O corpo seria anterioridade e, ao mesmo tempo, continuidade: para o filósofo brasileiro Eduardo Oliveira, o corpo seria uma tradição de signos dinâmicos que responde e se molda ao tempo contemporâneo (2007, p.100-101). Conversando com meus pais percebi espantado que a linha do tempo que eu estava traçando em 2020 de fato começava muito antes, mesmo antes de nascer - compreensão que transformou minha atuação profissional pois possibilitou a construção de outros sentidos. É como se minhas mãos fossem as mãos dos meus avós e também de meus pais, um tipo de atualização ancestral.

À minha avó Maria Rosa Oliveira e à ancestralidade, faço essa oração:

Querida ancestralidade.

Que a atualização de seus signos seja sempre de amor, saúde e realização.

Avó e ancestrais, sinto-os nas mãos tão forte quanto no coração.

Entre o pulsar do coração e a ponta dos dedos cabe mais do que a força.

Que nas palmas palmares habitem flechas e sementes de cura.

Quando eu tocar, que eu seja tocado.

Que se abram os portais dos pontos vitais, a transformação dos corpos e a dança cósmica da vida.

Faça destes corpos teias de conexões, feitura em si, culturas do afeto.

Multiplica o tato do sorriso, as formas de manejo, o toque no escuro, os pontos de luz.

Chamo por vocês, aqui e além, acendendo uma vela, seguro uma flor e olho para o mar com admiração.

Dai-me força e luz para multiplicar casas, sentir o fogo, transmutar formas e adoçar a vida.

Concede-me aqui e além, a vacina necessária para enxergar no escuro.

Que nosso Tempo, seja sempre a luz da anterioridade e continuidade.

Que a ressignificação e a feitura de nossas memórias (i)memoriais sejam tecidas de acolhimento e cores vivas.

Atualiza na gente os signos ancestrais das relações do corpo com o chão.

Para que sejam bonitos os encontros, o cultivo da terra e o manejo da vida.

Ensina-me a pousar como fruto e criar aconchegantes partilhas.

Vó quando eu lhe danço, danço com árvores, respiro raízes no céu e na terra.

Tu és rainha mitocondrial eterna variação.

Eu agradeço, confio, aceito e entrego.

Assim seja! Amém e Axé!

Para Emanuele Coccia, ter nascido significa ser natureza. Assim como as plantas constroem o corpo a partir da terra, da relação com o sol e a água, somos da mesma matéria que são feitas todas as coisas (COCCIA, 2020, p.04).

Minha vida já é a vida dos meus pais, dos meus ancestrais. É como se eu fosse tão antigo que, mesmo antes de ter nascido, eu já estivesse lá encarnado no corpo deles, assim como eles estão aqui na continuidade de meu corpo. A terra como manifestação tão

antiga não morre, mas está sempre em ciclos de transformação, ciclos de vida. Somos sujeitos de pertencimento em constante transformação.

Percebo em mim memórias pelas quais sou grato. Aqui habitam tecnologias de vida/corpo. E com estes corpos tão antigos, transformar ideias em realidade. Essas situações evidenciam corpos em metamorfoses e em continuidade com a vida (COCCIA, 2020).

Acompanhar este trabalho de realizar coisas com as mãos é como aprender a filosofar e ter consciência de que o pensar está implicado na experiência corporal, ela se dá (no) corpo e (pelo) corpo em relação com outras formas de vida. Neste sentido, pensar o corpo e a ancestralidade para Eduardo de Oliveira é pensar que “o corpo é chão da gente. O corpo é o ser. Corpo é relação e não relação. Corpo é existência. Corpo é ancestral” (2007, p. 99-100).



*Fotografia 9: Registro da massagem no irmão Marcos Paulo Alves Rodrigues, em Agosto de 2020.
Fonte: acervo pessoal.*

QUEM É RAFAEL ALVES⁶



Fotografia 10: Registro de prática de meditação em 2022. Fonte: acervo pessoal.

⁶Rafael Alves: Artista da dança, terapeuta profissional e mestre no Programa de Pós Graduação Profissional em Dança da PRODAN/UFBA. Filho de Joanita Alves e Stênio Cardoso, é especialista em Estudos Contemporâneos em Dança UFBA. Nasceu em Brazlândia-DF, mas mora em Salvador/BA há três anos e meio. Licenciado em Dança/IFB. Integrante do Grupo de Pesquisa ENTRE: Artes e Enlaces. Sabe ser místico, poético e pé no chão. Possui formação no Método Kusum Modak SM Terapia Yoga Massagem Ayurvédica SM com Prem Shunya, em Thai yoga massagem pelo Spa Raquel Furquim/DF, pré-treinamento em Gyrokinesis® e Gyrotonic® pelo Gyrotonicbrasiliásudoeste e em Pilates pela Personal Pilates/DF e CGPA/SP. Honestidade, carinho, consciência de classe, dança e toque não podem faltar. Rafael Alves é bem melhor pessoalmente

Carta 5 - Encontrando eixos em parcerias

Salvador, março de 2020 e setembro de 2021.

Cara leitora e leitor,

Esta carta foi escrita em dois momentos, separados por 18 meses de intervalo. No primeiro momento, eu participava do componente curricular Projetos Compartilhados e estávamos na véspera da pandemia de Covid-19 no Brasil. No segundo momento, eu já estava morando na nova casa, no Alto de Ondina, em Salvador. Ao longo dessa pesquisa ainda viria a me mudar novamente, para o bairro de Pernambués, também em Salvador, trazendo comigo minha mãe.

Em uma orientação com Rita Aquino e em processo de estruturação de uma fala para apresentação no "Seminário Im(pulso) Profissionalização em Dança: recriando espaços de trabalho"⁷, identificamos três eixos que, entrelaçados, dão sustentabilidade ao meu fazer com dança e seus desdobramentos: artista da dança, educador social e educador somático.

Quando tinha em torno de 12 anos de idade, participei de projetos sociais nos quais tive contato com as práticas de capoeira e *breaking*. Foi nesses contextos que tive as primeiras experiências de troca de aprendizado em roda e, anos mais tarde, como oficinairo dando aulas de *breaking*. Essa primeira vivência na adolescência possibilitou desenvolver vínculos, construção de identidade, pertencimento e protagonismo juvenil. Roberta Estrela D'Alva reconhece no contexto do nascimento do Hip-Hop no sul do Bronx algumas características como auto representação, diversidade, sociabilidade, comunicação e autodidatismo (2014).

⁷ O seminário de Graduação (IMPulso) consiste em uma ação artístico-pedagógica que visa a construção de um espaço de diálogos/reflexões em torno da dança na interface com questões que envolvem o cotidiano do corpo docente e discente da graduação. Embora seja um evento destinado às pessoas estudantes dos Cursos de Graduação da Escola de Dança da UFBA (Diurno, Noturno e EAD), o objetivo dessa Mesa foi debater a relação entre Dança e trabalho, refletindo a porosidade dos espaços de atuação profissional em Dança na contemporaneidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BallT-xSYDM&t=3084s> acesso em 22 de maio 2022.

Ao ingressar na graduação da Licenciatura em Dança, o eixo como educador somático foi se desenvolvendo junto ao Grupo de Pesquisa Ceda-si. Tive contato com dança contemporânea, educação somática e composição em dança em tempo real. O interesse nessa linha de pesquisa me ajudou a me desenvolver profissionalmente, ter autonomia financeira e retroalimentar a prática com dança. O jeito de ser professor nutre o jeito de criar. Ambas as práticas estão conectadas. Assim fui atuando nessa trajetória como instrutor/personal de Pilates, Gyrokinesis, Gyrotonic e Massoterapeuta.

Hoje no PRODAN e no Grupo de pesquisa Entre: Artes Enlaces, venho aprendendo outras noções de corpo como articulações políticas, sociais e éticas ligadas à noção de território, sujeito e comunidade. Durante este percurso, fomos identificando que os contextos de atuação ocorreram em estúdios, clínicas de fisioterapia, projetos de extensão comunitária, oficinas de consciência corporal para trabalhadores do Sebrae/DF e o público foram profissionais da dança, teatro, pessoas em processos de reabilitação com diferentes patologias, pessoas de diferentes profissões e pessoas idosas.

Em Salvador, BA, no PRODAN, os contextos, sujeitos/as e a criação foram se atualizando de outras formas, dando continuidade à minha construção como profissional. A participação social vivenciada em projetos sociais em Brazlândia, DF voltou forte na relação com a Clínica Comunitária no bairro/comunidade do Alto da Sereia, onde morei em 2020. A pandemia de Covid-19 me levou de volta também para atuação como terapeuta corporal e mediador de processos artísticos- educacionais, agora no ambiente *on-line* e semipresencial. Morar em outro estado me reaproximou das práticas de autocuidado e do fazer artístico-docente. Importante marcar que um projeto de pesquisa amadurece a partir da nossa história de vida.

Na Clínica Comunitária conheci um público de profissionais da performance, audiovisual, jornalismo, professores/as, terapeutas, psicólogos, mestres/as de capoeira, acupuntura, crianças, jovens, adultos, pescadores/as e vizinhos. Ao ir criando redes, atuando neste ambiente e trocando com minha orientadora nas Práticas Orientadas, ia se revelando aos poucos o problema de pesquisa no PRODAN/UFBA: como o chão me move? Como mover o chão?

Participar de comunidades, do grupo de pesquisa Entre: Artes e Enlaces, participar da preparação corporal/criação coreográfica de uma obra e morar no Alto da Sereia foi ajudando a criar novos chãos e trajetórias. À medida que entendia por meio das orientações o tipo de conhecimento que se aproximava mais do meu caminhar, as leituras e conceitos foram chegando.

Foi quando me aproximei da leitura da tese de minha orientadora sobre as práticas colaborativas como estratégias de sustentabilidade de projetos artístico-pedagógicos (2015) e, através desta, de autores como Milton Santos e Stuart Hall. Fui traçando um caminho que implica na relação com os territórios, com o fazer junto, com a colaboração, como reconhecimento da identidade e diáspora como ponto construção.

No componente curricular Projetos Compartilhados (2021)⁸, a partir de exercícios propostos por Fernando Ferraz e Rita Aquino, fui compreendendo o que era embrionário na pesquisa e sua potência de desenvolvimento. Por meio de compartilhamentos entre os colegas, ia se criando ossos e musculatura do projeto de pesquisa "Relações do corpo com o chão", cujo objetivo é desenvolver práticas artísticas, educativas e de saúde que estimulem construção de vínculos, pertencimento e participação social.

Todo esse contexto de distanciamento social, leituras, aproximações teóricas com a vida e pessoas me chamou atenção para outras possibilidades de se repensar o fazer dança. Deslocado da cena dos palcos como intérprete, passei novamente a tecer reflexões sobre arte e vida. Em seguida, a noção de artes participativas, cuidado mútuo, saúde e corpo como articulações políticos sociais que movem um pensar corpo de forma expandida. Ao longo desta escrita pretendo descrever, apontar materialidade, reflexões dentro em cada um destes eixos de atuação e como este trajeto vem se desenvolvendo no âmbito da pesquisa.

⁸ É importante mencionar que essa característica de processualidade foi marcante no percurso do Mestrado Profissional em Dança. Criar um projeto no percurso ajudou a deixar vivo o fazer da escrita e a perceber a processualidade da criação como inerente à vida.

Carta 6 – Para Alexandra Martins

Salvador, BA, 30 de agosto de 2021.

Querida Alexandra,

Esse trabalho é fruto de novas participações, como por exemplo no grupo de pesquisa Entre: Artes e Enlaces, liderado por Beth Rangel e Rita Aquino. Estou aprendendo a me relacionar coletivamente no ambiente virtual, ouvir diferentes perspectivas e a dialogar com os participantes. Dialogar entre diferentes perspectivas proporciona criar um pensamento relacional e de múltiplas referências fugindo de noções comuns. Tenho feito exercício de escuta sobre experiências de vida, atuação profissional e articulações teóricas de professores, artistas, pesquisadores acerca de discussões de educação, noções de corpo, diversidade, identidade, currículo, comunidade, mediação de processos, ética, naturezas, culturas, formas de vida, humanidades, artes participativas e sujeito social.

A cada discussão é possível criar novos questionamentos da realidade, encontrar uma forma de compartilhar os problemas da prática da pesquisa e relacionar o pensamento. Estar entre estas pessoas tem sido um outro abraço da comunidade. Eu, como jovem dançarino, tenho aprendido a criar espaços de trabalho que surgem a experiência de escuta, de se questionar como o chão da minha prática vai criando os argumentos dos chãos das ideias e o chão da materialidade da dança. Estar entre tem feito com que eu retornasse aquele sonho de organizar as ideias com a fala, a escolher as palavras, falar da prática, aprender a responder e a se perceber em transformação. Talvez esse seja também esse espaço de invenção da profissão do artista da dança e não artista, o espaço acadêmico e o espaço não acadêmico. Como lugares não distantes e separados, mas como socialmente construídos.

A possibilidade de atuar de jeitos distintos, como dar aulas de práticas corporais, participar de companhias de dança, trabalhar com figurino, cenário, iluminação, gestão pública, pesquisa - enfim, tenho percebido o mundo do trabalho de maneira mais ampla. Formas de trabalho que por vezes se complementam e divergem. Mas por se tratar de um de um campo em expansão e de arte, as diversas carreiras, trajetórias e processos em formação retornam ao seio da criação, das condições de troca, sustentabilidade e criação

de redes que se sobrepõem. Isto é, ser artista da dança é inventar danças e espaços de trabalho que geram outras danças, é incansavelmente estar em um processo de criação.

Os percursos da vida vão sendo construídos a partir da escuta do coração, a escuta do coração vai guiando aos contextos e sujeitos/as, os sujeitos/as e contextos vão refletindo novas trajetórias, escolhas, experiências e transformações. No artigo “Confabulando com pesquisas implicadas em dança” (2021), a noção de pesquisa aplicada vem se transformando para implicada com contextos e sujeitos/as pois os mesmos já constroem conhecimentos, mobilizando a ideia de que arte e educação são formas de conhecer. Milton Santos e Stuart Hall mencionados no texto colaboram com a noção de prática social e identidade sejam intercambiáveis na relação com a sociedade, ou seja, produção de conhecimento em dança está associando com prática social do pesquisador/a na sua relação com sujeitos/as de conhecimento e territórios. O que nos dá um entendimento da base da produção de conhecimento ser assentado com práticas de solidariedade e comunidade (RANGEL; AQUINO; ROCHA, 2021, p. 59-61).

Percebo tanto nos grupos de pesquisa que participei como no PRODAN, a ativação dessa atitude dos estudantes ingressos, pesquisadores/as buscarem em suas produções de conhecimento em dança o status de socialmente referenciado. Reconheço a implicação com contextos sujeitos/as como articulação política, social e ética na sistematização de práticas artístico pedagógicas. Talvez essa seja uma ótima dimensão do que significa ser estudante da UFBA e participar deste grupo.

Carta 7 – Para o Grupo de Pesquisa ENTRE: Artes e Enlaces

Salvador, 17 de abril de 2021.

Queridas colegas,

Depois de nosso último encontro construí uma lista de perguntas que gostaria de compartilhar com vocês:

- Por que fazer dança?
- Para que serve a dança?
- Que tipos de danças?
- Em que contextos há necessidade de protagonizar uma dança?
- Como dança produz danças?
- Como a dança produz vida e políticas?
- Qual é a importância da dança na sociedade?
- Como criar danças que sonham contextos possíveis de formação de redes, heterogeneidade, vínculos, estéticas da relação, diferença, construção de experiências artístico-educativas, participação e os contextos geram danças?
- Como falar de danças sem apenas descrevê-las?
- Como transpor a realidade do mundo dos sonhos pela perspectiva do bem viver para realidade material dura, conflituosa como um modo de cura?
- Que ideia de terra planejada é essa que andam dizendo por aí?
- Como o chão me move?
- Como mover o chão?
- Como o corpo pode ser uma abordagem partilhada em transformação com humano e não humano?
- Que corpo é esse?
- Como corpo e dança podem se tornar estratégias para pensar outras

humanidades?

- Como outras discussões milenares de corpo colocadas por tradições de pensamento indígena e afro podem contribuir com a prática de dança?
- A partir destas perguntas é necessário pensar o corpo, território e identidade? O que a dança tem a ver com isso?
- Como construir um plano nacional de desenvolvimento onde valores como solidariedade e pertencimento possam fortalecer redes de cidadania?
- Como práticas, perspectivas de mundos e comunidades dos povos originários e afro podem se tornar integrantes e importantes produtoras de conhecimento no desenvolvimento brasileiro?
- Como os exercícios de intelectualidade são calcados no rigor dos vínculos afetivos com comunidades como reconstrução do conhecimento solidário?
- Como não perder o encanto?
- Como construir experiências artístico-educativas através de participação social, pertencimento e integração no contexto da pandemia de Covid-19?
- Como mover o chão das vértebras?
- Qual é a importância de processos artístico-educativos e de participação social no desenvolvimento cultural local (comunidade Alto da Sereia)?
- Como reconhecer o modo como cada pessoa inventa?
- Qual é a importância de escutarmos a voz das mulheres nos diversos contextos?
- Como esta pesquisa dialoga com as partes e com o todo?
- O que minha ignorância é capaz de produzir?
- O que escrever no chão da pesquisa?
- O que aprender com os resultados da pesquisa?
- O que aprender com as considerações finais?
Como dar continuidade a esta pesquisa?

- Como continuar vivendo a partir de outras trocas?
- Como a relação do corpo com o chão mobiliza não só novos parâmetros de corpo e dança, mas relações inventivas e sustentáveis com a vida como um todo?

Acredito que fazer perguntas faz parte de momentos cruciais da vida, do cotidiano assim como, se faz na arte ou no processo de qualquer prática. Nesse período, foi a primeira vez que passei a me fazer muitas perguntas, mais do que a busca por uma resposta. E este exercício foi sem dúvida muito mobilizado da minha realidade cotidiana, afetiva, de escrita e de criação. Como disse minha orientadora Rita Aquino, no componente curricular Projetos Compartilhados, “as perguntas vão direcionar o nosso olhar”.

Carta 8 - Resposta à mensagem de *WhatsApp* enviada a Rita Aquino

Salvador, 18 de abril de 2021.

Aproveito para dizer q eu vi a defesa de Jai Bispo - Movediço: estudos de chão⁹. Achei massa a proposta das aulas de chão, a relação do chão com Salvador, BA e a escrita das cartas que ele fez. Mobilizou diversos questionamentos, fiquei me perguntando algumas coisas... enfim. Quero dizer que o último encontro do grupo de pesquisa Artes e Enlaces - Linha 1 foi bem importante para mim! Com as discussões do texto e a experiência dos colegas questionando essa ideia de que para pensar dança é necessário pensar o corpo. Percebo que talvez seja muito importante mergulhar nesse tipo de estudo uma vez que para mim está surgindo essa relação do corpo com o chão. Então ontem, mobilizado pelo nosso encontro, reelaborei várias perguntas sobre corpo e dança. Fiquei refletindo que Leo é uma ótima referência para estudar corpo, o massa é que ele está conosco no grupo e o trabalho dele está fresquinho :)

⁹ Defesa de mestrado de Jailson Pereira Bispo no Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA, em 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TnyNReEVR4o&t=8692s> acesso em 13 de junho de 2022.

Carta 9 - Para Profa. Ciane Fernandes

Salvador, 13 de abril de 2021.

Olá Cara Ciane,

Envio notícias que ecoam as imagens da (pé)squisa. Há três semanas o corpo da (pé)squisa se tornou rochedo descansando. Foi uma dança ciática. Uma forma de ser chão, chãos das ideias e chão da casa. Um percurso do solo. Essa dança escutou algumas vozes e se expressa agora com você.

Qual movimento que essa pausa da (pé)squisa tem? Em que chão a (pé)squisa pisa?

A (pé)squisa sentiu a densidade do chão e encontrou algumas palavras. Veio palavras em amarelo e verde, não como chão dos últimos cinco anos, mas de despertar consciente.

Ela nasceu do seio das redes comunitárias que sustentam o caminhar das danças. A (pé)squisa pisa o chão com o corpo como um todo. Desde que essa (pé)squisa surgiu, ela já engatinhou, rastejou, alcançou, puxou, cedeu, empurrou, resistiu e se manteve em estabilidade dinâmica. Essa (pé)squisa foi orientada pelas placas tectônicas, amontanhou fluxos, pausas e conexões espaço/tempo. Essa (pé)squisa já se originou a muito tempo atrás antes mesmo de nascer, ela já era os corpos afro-originários. A ancestralidade da (pé)squisa é cósmica e as palavras que brotam aqui são locais. De palavra em palavra a (pé) enche a voz e dança vozes vivas. Sonha em uma dança possível. Sonha contextos possíveis que gerem outras danças. Essa (pé)squisa tem se apoiado devagarinho nos solos que a sustentam. Como os contextos comunitários a movem? E como mover contextos comunitários?

Ciane, uma vez você disse que: “a pesquisa é um continuum de pernas para o ar, guiada pelo centro do corpo em contato com o carinho do chão”. Se me permite, lhe pergunto aqui. Onde se encontra o centro do corpo? É nos pés, nos joelhos, na pélvis, no sovaco, na cabeça ou no coração? Pode a pesquisa em um continuum de pernas para o ar guiar a ponta dos dedos das mãos? Seria o corpo um chão teclado pela prática em relação às diversas pontas dos dedos? Como o chão me move? Como mover o chão?

Escutar cada chão para que as respostas venham em movimento ou nesse continuum de pés para o ar, novos deslocamentos e mobilizações com os centros do corpo. Corpo com o chão. Corpo como chão. Chão da casa. Diria os (as) espetadores/as que este é o melhor chão? Que nos acolhe e recebe? Que estão nossas raízes? Que é uma vibração ctônica da carne?

Por um instante em movimento, a pesquisa encarnou. Chão das escadas. Chão da educação. Chão da esquina. Chão do banquinho. Chão da família. Chão da comunidade. Chão das ideias e até cartas para mover chãos. Qual é o chão da pesquisa? Relações do corpo e chão entrelaçando experiências artísticas, educativas e de participação social.

Os conhecimentos de dança em um continuum ceder e empurrar, puxar e afastar, enraizar e florear. morrer e nascer. Metamorfosar. Pesquisa com chão como um continuum da vida. Do corpo da mãe, do pai, dos bichos, das plantas e até da poeira das estrelas. Como ajuntamento e afastamento. Envaginação e transformação de tecidos sociais. A mesoderma da ativação dos (as) sujeitos (as), o endoderma da pele comunitária e o ectoderma da coautoria. Em que terras a pesquisa quer move? Com quais contextos e sujeitos(as)? Em que direção de movimento?

Neste continuum de pernas para o ar vou me despedindo. Sua condução foi como um chão que proporcionou escuta, incerteza, movimento, relações do corpo como um chão. Sigo esta pesquisa com a saudade de dançar chãos por vir.

Um grande abraço somático!

Carta 10 – Para a respiração

Salvador, julho de 2021.

Querida respiração,

Te escrevo pois

essa prática me remeteu as danças.

Danças feitas com as mãos, pés, voz, olhos e coração.

Tenho olhos cacheados

Coração pulsante, clavículas moventes e minha inspiração é profunda.

Dou-me abraços internos e inspiro mar

na relação das águas e terras do corpo.

Encontro vários chãos, as bases são móveis e as raízes também flutuam como as copas da árvore.

Os alvéolos e o diafragma nos dão suporte para troca de oxigênio.

Chão de dentro abraçam o coração, assim como as costelas abraçam os pulmões e os pulmões o coração.

Falar vozes coletivas é respiração.

Querida respiração, te inspiro nas costelas e contextos pois sou você.

Como caminho movente te sinto todos os dias.

Respiro como alimento, renovação, inspiração, atenção e abertura.

Com o faro vou cartografando a existência como uma dança.

Respiração move costelas, bases, contextos e inspira.

Carta **11** – Para minha orientadora

Salvador, abril de 2021.

Querida Rita,

Terminei de ler sua tese “A prática colaborativa como estratégia para a sustentabilidade de projetos artístico-pedagógicos em artes cênicas: um estudo de caso na cidade de Salvador” (2015). Me chamou atenção os sujeitos ativos nos processos de construção com oficinas de formação em mediação (construção do plano de aula, apreciação de espetáculos, fruição antes e depois da obra). E também como tudo isso se alinhou com a estratégia dos/as educandos/as da rede de ensino público continuarem acessando por meio de seus educadores/as conhecimentos culturais e artísticos nas atividades do Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia - FIAC.

Toda essa dimensão de seu projeto de doutorado mostrou relações de pertencimento e vínculo afetivo entre educadores/as e educando/as, espectadores/as e artistas. O trabalho mobilizou diversos aprendizados, como diz Paulo Freire, em roda e de forma dialógica, em que todos colaboram, lidando com desafios, sustentando na prática a participação social. Como em Milton Santos, a pesquisa criou redes, solidariedade como ferramentas de desenvolvimento sociocultural e artístico-educacional.

Acho que essa leitura me conectou na época com uma dimensão de sonhar contextos possíveis, de aprender a ser adulto, de ter a vontade de aprender a criar e colocar a mão na massa.

Carta **12** – Para o Reitor João Carlos Salles

Salvador, 18 de maio de 2021.

Caro Reitor Prof. João Carlos Salles,

Gostaria de agradecer pela coragem e pela elegância nos atos necessários em defesa da Educação. Todos os pontos abordados, tais como a grave situação orçamentária, a questão da ciência, autonomia universitária, ações afirmativas e a situação das universidades públicas são assuntos demasiadamente importantes para nossa saúde estudantil.

Ao ouvir seu discurso de encerramento no evento “Educação contra a barbárie”¹⁰, pude compreender melhor que a educação universitária não é um privilégio. Educação deve ser um direito de todos, todas e todes. Ficou evidente que esta política de terra arrasada tem devastado o terreno cultivado por gerações anteriores comprometendo as futuras. Embrutecer as relações sociais é conhecimento ou ignorância?

O que está acontecendo nesse momento de crise de Covid-19 é um processo de sucateamento das universidades, um total descaso com a educação. Pois sabemos que a educação e o investimento nas universidades públicas movem tecnologia e inovação, conhecimentos construídos com pessoas e contextos, e que podem proporcionar melhorias efetivas na sociedade.

Quero agradecer pelo ato em defesa da Educação. Sempre estudei em escola pública e só tive condições de chegar aqui na Universidade Federal da Bahia pela construção de governos mais democráticos e solidários. Sabemos que com incentivos, investimentos, bolsas, ações afirmativas para permanência estudantil podemos desenvolver ciência, educação e cultura, contribuindo com pesquisas que servem à sociedade. Este é um trabalho feito por muitas mãos que sustentam nosso país. Agradeço por enfatizar que as universidades devem ser públicas, gratuitas e de qualidade. Que nossas instituições tenham mais representantes como você, eleitos por mais estudantes como eu, que vem de outras classes econômicas. Grande abraço!

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JMUPJ4520Ow> acesso em 10 de junho de 2022.

PRODUÇÃO

**SOMOS COMO SOMOS
E NÃO CROMOSSOMOS:
EXPERIÊNCIA ARTÍSTICO-EDUCATIVA
COM LUCIO PIANTINO**

Rafael Alves



Estado da Bahia



APRESENTAÇÃO

Relações do corpo com o chão: experiências, educativas e de saúde como construção de pertencimento é uma pesquisa implicada desenvolvida no Programa de Pós Graduação Profissional em Dança PRODAN/UFBA, na linha de pesquisa Experiências Artísticas, Produção e Gestão em Dança. As perguntas teórico-práticas iniciais que mobilizam essa pesquisa são: Como o chão me move? Como mover o chão? A partir de uma compreensão integrativa de corpo, o objetivo principal foi promover de maneira entrelaçada experiências artísticas, educativas e de promoção da saúde, compreendidas como tecnologias para o estabelecimento de vínculos e formas de pertencimento com comunidades e territórios. Esse percurso foi desenvolvido em três eixos, a saber: 1. mediação de processos artísticos, educacionais relacionado a preparação corporal e criação de coreografia de danças urbanas em colaboração com o espetáculo do artista brasileiro Lucio Piantino para obra *Somos como Somos e não Cromossomos* estreada em 2021, o qual foi desenvolvido à distância no formato on-line e semipresencial em 2020.2; Pousou: experiência de criação em dança com a co-direção e tutoria artística de Leonardo França; e 3. A participação na Clínica Comunitária do Alto da Sereia, Salvador/BA com moradores do Rio Vermelho e Ondina. O caderno *Somos como somos e não cromossomos* integra constituindo esses eixos de investigação/atuação.

CONTEXTO

Desde a década 1980 e 1990, o Hip Hop local de Brasília foi movimentado por jovens das periferias ao mesmo tempo que a cultura foi se consolidando em outras capitais do Brasil, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Fortaleza etc. No entanto, teve um diferencial por ser mais difundido no centro-oeste por parte da população de famílias da periferia terem contato com família de servidores do estado que proporcionou acesso à internet e a tecnologia da época com as fitas VHS. As fitas de VHS e a internet foram um dos meios pelas quais as informações foram sendo difundida mais rapidamente entre os jovens, assim como, os passos de dança, o jeito de tocar, grafitar e rimar foram influenciando a cultura local sobretudo da cidade em geral (TAVARES, 2010. p, 315).

Brasília desde sua criação teve uma forte centralização da cultural e do lazer no Plano Piloto, mas o Hip Hop local ganhava força nas periferias com as ruas de lazer e festas Blacks. Ao invés dos jovens atravessarem distâncias para se divertirem, a distância impulsionou a organização desses movimentos como forma de diversão, mobilização cultural e política (TAVARES, 2010. p, 315-16). Mas anos depois, a necessidade de troca e partilha entre grupos de Breaking foram fundamentais, a rodoviária do Plano Piloto foi o primeiro ponto de encontro central para grupos que moravam longe. Depois, o shopping Conjunto Nacional (Setor de Diversões), o Centro comercial Conic (Setor de Diversões Sul) e Complexo nacional da república na Esplanada dos ministérios na Biblioteca nacional, esses ambientes ficam próximos à Rodoviária e se tornaram palcos de encontros mensais do B.boys e B.Girls pela integração de diferentes grupos de distantes periferias (ALMEIDA, 2016, p, 22-23).

O fenômeno cultural mundial chegou à Brasília englobando as estéticas do Dj, Mc, Grafite e Dança. Até hoje essa cultura vem sendo praticada como estilo de vida por jovens em todo mundo e vem se constituindo na cena local como luta de classe, participação política, reconhecimento social, reconhecimento da identidade como transformacional, gerando papéis sociais, protagonismo e pertencimento permeados por aspectos de colaboração, produção, aprendizagem, criação e mobilização.

O QUE FOI TRABALHADO

O objetivo inicial foi propor práticas corporais inspiradas em Gyrotonic®, Gyrokinesis®, Yoga, Pilates, Danças, Thai Yoga Massagem e exercícios de condicionamento físico que propiciam a ampliação da capacidade cardiorrespiratória. Com objetivo de propor práticas que estimulam o exercício cardiorrespiratório para dançar as cenas do espetáculo, abarquei tudo que Lucio queria fazer nas aulas, como dançar axé, funk e o próprio *hip-hop* como caminhos para dilatar essa atenção aberta e centrada.

Outro aspecto importante a ser mencionado é que as palavras **relação** e **mediação** estavam presentes na maioria das anotações dos planos de aulas, eram reflexões resultantes da prática e do encontro. No trabalho da coreografia, foram aparecendo outros aspectos, o **estímulo** e a **repetição** consciente. O trabalho consistia basicamente em fazer gravar, assistir, conversar, analisar o gesto expressivo¹¹ - e fazer de novo. À medida que os ensaios iam acontecendo, a sequência coreográfica ia acumulando movimentos que faziam sentido e readaptando outros. O que evidenciou neste trabalho um fluxo de criação colaborativo.

PROPOSTAS DE EXPERIMENTAÇÃO

Observe a **relação** durante a aula, perceba quais questões e como podem ser mediadas a partir do encontro. Ou se você deseja trabalhar algum objetivo específico, esteja aberto para ser espectador e escuta do seu estudante. Deixe o desejo dele lhe guiar, isso vai abrir espaço para você criar junto. Pode começar por uma conversa informal e descontraída logo você vai entender quais os problemas/afetos mais pulsantes e como canalizá-los em relação à proposta. Por exemplo, se o foco for trabalhar a respiração. Vá por aquilo que o estudante lhe oferece no momento, se é realizar uma dança ou falar, veja como o trabalho com a respiração já pode estar aí. Antes de tudo o objetivo principal é estimular um tipo de educação da **atenção** para que outras coisas aconteçam.

Fique atento aos assuntos e discursos que os gestos do estudante evocam nas aulas, tudo pode se tornar material de experimentação, isto é, a recriação de novas aulas, atividades e propostas práticas. Deixe que a prática das aulas e o modo como ela acontece guie o percurso. Esse percurso é o próprio modo como você responde ao processo educativo com

11

o estudante. Novos ou a inspiração em outras atividades vão brotando do encontro. Lembre-se! Quem guia as aulas e a preparação dos planos são as pluriperspectivas de mundo e o desejo do estudante. Essa será sua força motriz para realização. Dessa forma, os **objetivos do plano de ensino e ou de aula** vão sendo moldados durante acontecimento e pós-encontro.

Por fim, vá sempre recorrendo ao que aconteceu nas aulas anteriores e as possibilidades que se podem abrir dentro de um mesmo objetivo. Se for preciso mudar, mude, mas se necessário esmiuçar a proposta. A repetição é fundamental devendo sempre lançarmos sobre ela um novo modo de experienciar. Faça deveres de casa, troque referências e sempre reflita de forma escrita sobre a aula que foi trabalhada no dia. Este exercício permitirá desenvolver ainda mais sua consciência sobre si mesmo na relação com seus alunos e atividades desenvolvidas. O que está em jogo é o caminho de uma ativação de modos de relação e atenção conjunta. Ela abrirá caminho para conhecer e para que as coisas aconteçam de modo prazeroso e inesperado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os resultados preliminares, posso afirmar, portanto, que a obra *Somos que somos e não cromossomos* aponta para um caminho como reelaboração de si e produzindo conhecimento, não em um modelo de corpo que precisa ser seguido, superado ou dançado como se anunciasse um objeto. Há reflexões que não são “pautas”, mas reelaboração de existência. Talvez seja uma das diversas contribuições da obra para o público em geral. Com Lucio pude aprender mais do que ele poderia aprender comigo. Assim os corpos com características e especificidades se apresentavam disponíveis ao ver, fazer, lembrar, aprender, traduzir e criar. O conteúdo da aprendizagem era o próprio processo de aprendizagem, assim como a prática foi se transformando e tecendo reflexões no próprio percurso. A observação foi fundamental para desenvolver uma abertura a surpresas e mudanças. As danças resultantes dessa prática buscaram relações de pertencimento, mediação, experiências artístico-educativas e a discussão de pessoas com/sem deficiência; com integração, consciência crítica e inacabamento como condição de igualdade - o que Aquino (2015) aponta como chão das práticas colaborativas, não-hierárquicas e dialógicas, baseadas na presença e afetividade como retroalimentação dos/das sujeitos/as e contextos. O trabalho foi publicado nos anais do evento em 2021, intitulado *Relações do corpo com o chão: experiências artístico-educativas com Lucio Piantino*.

Para mais informações, acesse o link: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/relacoes-do-corpo-com-o-chao--experiencias-artistico-educativas-com-lucio-piantino->



**SOMOS COMO
SOMOS E NÃO
CROMOSSOMOS**

SINOPSE

Apoiado pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC), do GDF, o espetáculo "Somos como somos e não cromossomos", é uma peça teatral solo, estrelada pelo ator brasileiro Lucio Piantino, de 26 anos, que tem Síndrome de Down. No palco, Lucio interpreta quatro personagens elaborados por ele e que têm relação direta com sua história de vida. São eles: o artista plástico, o B-boy (hip-hop), o deputado e a drag queen Úrsula Up. Na narrativa destes personagens, temas importantes são abordados como inclusão social, a necessidade de cumprir direitos básicos como acessibilidade atitudinal, que é a que reconhece as pessoas com deficiência como pessoas que devem ser percebidas pelos outros sem preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminação. Outros temas tratados são a sexualidade das pessoas com deficiência e a aceitação das pessoas LGBTQIA+.

Siga nas redes: *@espetaculosomoscomosomos*

LINK PARA ACESSO A OBRA

<https://www.youtube.com/watch?v=dfxjL0y-1E>

LUCIO PIANTINO

Lucio Piantino é um artista que tem síndrome de Down e não uma pessoa que tem a síndrome que dança, pinta e atua. A síndrome de Down é apenas uma das suas características. Ele começou a dançar e a pintar quando tinha 12 anos e com 13 anos fez sua primeira exposição que chamava "Matando aula", foi uma exposição enorme de 40 quadros. Aos 15 anos virou artista plástico profissional. Começou a carreira internacional aos dezenove anos. Fez exposição em Perúgia, na Itália, e deu um *workshop* para 20 pessoas italianas com deficiência. Depois fez três exposições na Itália, em Roma.

SOMOS FICHA TÉCNICA

Ator - **Lucio Piantino**

Diretora de produção, Texto, Figurino e Cenografia - **Lurdinha Piantino**

Diretora de palco - **Mônica Gaspar**

Contrarregra e atriz - **Joana Piantino**

Coreógrafo do basquete e ator- **Fred Magalhães/ Patubatê**

Coreógrafo da Drag/ trilha da Drag – **Filipe Fiákra**

Mediação de processo, preparação corporal e coreógrafo do B-boy
- **Rafael Alves**

Estilista da Drag - **Sandra Lima**

Maquiadora - **Andy Souza**

Operadora de som e trilha sonora- **Anna Moura**

Iluminadora - **Ana Quintas**

Intérprete de LIBRAS - **Raul Ribeiro**

Intérprete da Drag - **Dalila Vegas**

Audiodescrição - **Joana Piantino**

Fotógrafo - **Leonardo de Souza**

Gravação e edição - **Miá Filmes**

Teatro SESC Newton Rossi - **SESC Ceilândia/DF**

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos: Leticia Nogueira, Rita Aquino, Lucio Piantino, Lurdinha Piantino, Mônica Gaspar

Carta 13 - Para Helrison Pereira

Salvador, julho de 2021.

Mano,

Te escrevo como quem sente saudade do nosso tempo de *breaking*, a prática do Hip-Hop na cidade de Brazlândia-DF. Sinto gratidão por nascer na década de 1990, o Hip-Hop estava chegando em diversas partes do Brasil com força, assim como política mais democráticas com ONGs e projetos sociais.

Foi por meio dessa cultura e do grupo de *breaking* Rock Street Crew que fui aprendendo a fazer escolhas. Construimos pertencimento na cidade e nossa dança com certeza carregava reflexões sobre a luta de classe. Acredito que o grupo Rock Street mobilizou muitos vínculos, rede de apoio, socialização e consciência crítica para caminhar mais atentos a escolhas de vida.

A base que sustentou a formação do grupo foi a amizade. Essa amizade, tanto nossa como com os meninos, foi marcada por características sócio políticas éticas que atravessaram nossa vida ali, naquela época, início dos anos 2000. A disposição do bairro propiciava encontros nas quadras de futsal, campos abertos de gramado, a prática de soltar pipa ou o que chamam aqui em Salvador de raia. Nosso modo de vida revela reflexões e memórias. Fico pensando: o que você lembra ou reflete quando lê esse texto?

Esses dias estive recordando dos nossos ensaios para apresentações e dos corres que fazíamos para dançar, criar apresentações e ensaiar. Fazer cultura era um lugar de prioridade para gente. Naquele momento era importante se utilizar da linguagem do *breaking* e do teatro para comunicar. O que me remete ao Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, de São Paulo, com o teatro Hip-Hop. Percebi que o grupo de dança que foi criado em 2009 era mais do que um grupo, tinha uma função social, trabalho colaborativo, auto representação e a expressão de uma voz comunitária.

Era natural como jovens encontrarmos meios de expressar questões, silenciamentos, racismo e a forma como a realidade se apresentava naquele momento. Um traço bem contundente era a percepção de uma cidade culturalmente enraizada em uma cultura “Cowboy”, na qual os marcadores sociais do “malandro” eram compreendidos não no sentido de uma pessoa esperta, mas marginal e até mesmo perigosa. Não à toa as questões do racismo e preconceito foram levantadas rapidamente por todos/as ao criarmos o trabalho intitulado “Preconceito”. Na dança, era perceptível o jeito de se vestir, falar e as tonalidades de cor de pele. A cultura *breaking* e o Hip-Hop agenciando novas possibilidades e modos de vida.

Nosso aprendizado foi em roda. Essa circularidade do conhecer transformou a gente em pessoas cidadãs. Sinto que nem tudo é para sempre. E sei que o tempo que durou o grupo foi o suficiente para transformar a vida de cada uma/um que passou por ele. Percebo aí o papel da arte, da dança, da educação e da cultura movendo camadas importantes individual e coletivo.

Sou grato por termos tido a oportunidade de cursar um curso de Licenciatura juntos. Outra jornada muito potente, tanto quanto os aprendizados da dança *breaking*. Fico orgulhoso por ser quem você é, fazendo seus corres, criando as duas danças de vida, por podermos vivenciar momentos juntos desde a infância nos corredores da rua aos momentos de partilha de nossas masculinidades. São muitas coisas e pontos vitais em nossas conversas, mas me despeço deixando o meu grande abraço e lhe convidando para, quando puder, vir visitar nossa nova casa em Salvador, BA.

Carta 14¹² – Para Lúcio Piantino

Salvador, 17 de dezembro de 2020.

Fala parceiro! Como você está?

Espero que esteja na medida do possível bem e se cuidado. Ah! E quando puder, vamos fazer uma prática de axé, funk e danças urbanas?

Mano, estou te escrevendo neste fim de semestre como um dançarino de *breaking*, dando aquele gás na roda até o fim. Esse ano não está sendo fácil né, mas consegui fazer o semestre suplementar da Escola de Dança da UFBA em meio a uma mudança de casa inesperada. Mas não poderia deixar de dar esse *breaking* com as palavras que remeto a você.

Caro Lucio, meu camarada. O motivo de minha comunicação é, em primeiro lugar, de agradecimento pelo trabalho que estamos fazendo juntos e, dois, gostaria de narrar um pouco dos caminhos percorridos em nossas aulas. Nelas, nós encontramos as nossas diferenças. Criamos dinâmicas pelo *google meet* e neste contexto, me perguntei: o que poderíamos aprender juntos? O que ficou para você? E como aquilo que você já faz cotidianamente seria mote para preparação corporal de seu espetáculo?

Como professor mediador de experiências, fui entendendo na minha relação com você que essa prática ia acontecendo a partir das danças e das atividades que você gosta. Assim como as questões cotidianas que poderiam surgir durante as aulas como, por exemplo, um compartilhamento, uma fala, uma inspiração, uma referência, um desejo, uma negação, uma negociação etc.

O que posso dizer neste caminho percorrido até aqui é que estou aprendendo com você a desenvolver uma atenção aberta, como diz Virgínia Kastrup, uma atenção concentrada com pouso e reconhecimento atento. Estive como quem olha um quadro

¹² Esta carta foi escrita no contexto da componente de Performance Negra com Prof. Dr. Fernando Ferraz.

percebendo o todo e as partes - as texturas, as cores, as paletas, os traços e tudo que compõe ao redor do quadro. Tá ligado nessa pira né, parceiro? Mediar suas práticas para o espetáculo nesse estado de corpo e disponibilidade é como se fosse a relação que temos com público ao dançar. Público e artista são tomados por outro tempo, não só pelo relógio, mas pela presença.

Buscando uma preparação corporal que criasse disponibilidade para cena e tomada de decisão no percurso de nossas aulas, pedi a você que me desse uma aula de danças urbanas. Eu era seu aprendiz, mas que conduzia a prática e, você, meu professor engajado, disponível e autônomo. Juntos, aprendemos formas de ensinar o movimento de danças urbanas como o *wave*, que dizer, aquela onda que fazemos com os braços. Porém, esta aula teve um diferencial: a Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, que você praticou durante anos com a dança.

Neste dia, tive dificuldade para iniciar o mover pelas pontas dos dedos, o qual era o princípio da movimentação da onda. Você, com a sagacidade, logo sacou e me propôs fazer a letra E do alfabeto em Libras. A letra (E) seria a letra que faz dobrar a ponta dos dedos como princípio de movimento. Nesse momento, algo mágico aconteceu neste encontro entre danças urbanas e LIBRAS. Outro estado de corpo e percepção despertou em nós, curiosidade, vontade de fazer e aprender. Isto é a presença! Parceiro, foi foda! Achei genial, sabe por quê? Aquilo era como se fosse preparação corporal de dançarinos e atores. Corpos engajados, disponíveis, abertos, focados para além das camadas corporais de osso e músculo.

Em vinte encontros observei sua atuação profissional do ponto de vista educativo e artístico. Você mostrou a importância de narrar sua história com dança. Vi aspectos relacionais, identitários, estéticos, poéticos, toda uma potência que perpassa questões de preconceito, deficiência, diversidade, política de direito comum. Sobretudo, uma reflexão dos corpos marginalizados que em sua maioria são estigmatizados pelo colonialismo, ou seja, vistos como os “outros”, segundo Luciane Ramos Silva¹³. Também observei reflexões

¹³ Referência ao artigo “A Dança Dos Outros: imaginações diaspóricas para interpelar o mundo”, publicado pela autora na Revista Moringa em 2019.

que não são só “pautas”, mas reelaboração de existência. Talvez seja uma das diversas contribuições de sua obra, parceiro.

Dando esse *breaking* com as palavras que remeto a você e, caso você tenha interesse ou queira mostrar para seu público de dança, gostaria de recomendar duas referências. A primeira delas é o trabalho de Ana Carolina Bezerra Teixeira chamado “A Deficiência Em Cena: O Corpo Deficiente Entre Criações E Subversões” (2010). Nele, com a Cia. de Dança Roda Vida, a autora reflete a questão desses corpos até então considerados incapazes para tal prática e que tomam na cena artística como um despertar para novas possibilidades estéticas de movimento, criação, produção artística, acesso ao mercado de trabalho nas artes e a formação profissionalizante. A segunda recomendação que gostaria de propor é o documentário “É tudo para ontem” do Emicida (2020)¹⁴. No filme vai falar da história da música que te mostrei em nosso último encontro *on-line*, aquela que ele canta com Majur e a Pablo Vittar com *sampler*: Belchior – Sujeito de Sorte.

Essas recomendações são para fortalecer e inspirar ainda mais sua pesquisa com a obra “Somos como Somos e não Cromossomos”, que vai estrear em 2021. Suas danças são muito bonitas e refletem contextos sociais de classe, político, educacionais, de luta anti-racista, anti-machismo, anti-homofobia e anti-capacitista. Toda uma diversidade que cruzou sua experiência de vida. Assim como ser gay e trazer à cena sua drag queen chamada Úrsula Up. Ela é um arraso. Para mim, você fez como Ariano Suassuna: trouxe contextos de vida em uma obra-aula-espetáculo. Criou este espaço não só de aprendizado na lida com as diferenças, mas de poesia e encantamento.

Meu parceiro Lucio Piantino, você é um artista que inverte valores, cria formas de educação, possibilidades na cena artística e que se utilizou da linguagem da dança como manifestação política e a inspiração de outros autores sociais e mobilizadores. Desejo que sua prática cause impacto em seus contextos de atuação. Para fechar esse *breaking*, te provoço a uma tomada de decisão para as cenas do espetáculo: definir a música da cena do *bboy* e estruturar uma sequência coreográfica. Nos próximos encontros nos vemos para dar o gás e fechar esta cena, pode crê? Desejo também que tenha um excelente descanso,

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FQ9hCN0ZYSg> acesso em 27 de abril de 2022.

pois este ano não está sendo fácil. Sei que arrasamos indo até o fim, e 2021 será pleno de saúde, amor e muita dança.

Um forte abraço e até mais.

Assinado: Rafael Alves

Carta 15 – Para minha orientadora

Salvador, 25 de maio de 2021.

Querida Rita Aquino,

Hoje fiz uma fotografia do portão aberto da última casa que morei no Alto de Ondina e da mesa vermelha que eu herdei da outra casa que morei no Alto da Sereia com a Alexandra Martins. A foto do portão aberto foi a mesma que te mandei quando fui receber a cesta básica quando me encontrava em uma situação de vulnerabilidade socioeconômica no contexto da Pandemia de Covid-19. Agradeço muito a você, Lucas Valentim e todos/as que organizaram esta mobilização solidária e coletiva. Foi inspirador e muito necessário para seguir estudando.

A fotografia da mesa vermelha tem os livros que você me levou de presente e também os livros emprestados, como “O Hip-Hop Educação e Poder” de Ivan dos Santos Messias (2015), “Teatro Hip-Hop” de Roberta Estrela D’Alva (2014), os que ganhei foram “1000 Casas” (2012) de Artistas do Piauí do Núcleo Dirceu e o “Catálogo Palco Giratório” (2019), onde há um artigo seu com seu parceiro e artista Felipe de Assis chamado: “Como fazer juntos? Práticas colaborativas em mediação cultural”. Achei muito interessante esse conceito porque vai falar de algo novo para mim que é o conceito de artes participativas, que conheci pela primeira vez lendo sua tese de doutorado no contexto da organização e mediação cultural do Festival Internacional de Artes Cênicas Bahia - FIAC.

Atravessado por nossa roda de conversa na mesa “Entre nas Experiências de Mediação, Coletividade e Contextos em jogo”¹⁵ comentei sobre a necessidade de se pensar outras formas de se produzir dança. Arrisquei dizer danças com a vizinha, da vizinhança, que mesmo em vídeo e ou palco, mas que inspiradas na relação com o chão dos lugares. Com todas essas referências e na minha relação com Salvador, BA, venho percebendo tal importância. Como você percebe essa dimensão do fazer da dança nos dias de hoje? Como emergir outros modos de produção em dança através de vínculos,

¹⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t6I_e6hvUY8 acesso em 13 de junho de 2022.

participação nesse momento da vida e em Salvador, BA? Por exemplo, como seria retomar *Looping: Bahia Overdub*, em relação com os espaços abertos dos largos de Salvador, BA?

No outro livro que você me presenteou, chamado “1000 Casas” do Núcleo Dirceu que Soraya Portela e Janaína Lobo participam, me ocorreu também essa dimensão de arte participativa e outros modos de se pensar a dança nos locais e casas. Tanto em *Looping* como em 1000 Casas percebo essa dimensão do fazer da dança na relação com as pessoas e lugares. Desde a especialização Estudos Contemporâneos em Dança em 2019, me encantou e encanta o modo como você era e é em sala de aula, assim como Soraya falava de suas experiências de dança e a relação que vem desenvolvendo com as pessoas mais velhas. Vejo ambos fazeres artístico-educacionais se retroalimentam.

Me recordo que em uma aula da Especialização você levou um vidro de alfazema distribuindo o cheiro pelas mãos e nos levando a sentir o cheiro e também trazendo a importância do toque, do tato naquele ambiente coletivo, me sentia livre e aberto para criar de um modo que gosto porque é relacional. Outra lembrança que me ocorreu quando ganhei os livros, foi de quando Soraya contou histórias vivenciadas no projeto 1000 Casas, em especial sobre o momento em que ela passou a entender que visitar as pessoas em suas casas e conversar era um pretexto para provocar danças. Soraya se enrolava toda em um papel Craft enorme, enquanto iam acontecendo as ações. As pessoas eram surpreendidas com um novo jeito de ser e estar, e a dança acontecia de modo relacional.

Depois de três anos, fez ainda mais sentido perceber que a dança move contexto social, comunitário, cria outras realidades e está para além do movimento em si. Essas lembranças educacionais e artísticas me convocam como estudante, artista e espectador a criar junto. Em algum nível, tenho me aproximado disso com a Clínica Comunitária do Alto da Sereia. Vir para Salvador é como um portal que leva ao reencontro com meus contextos comunitários em Brazlândia, DF, do *breaking*, do aprendizado informal e de um fazer de dança que nasce do encontro e do diálogo.

Você me falou do Bboy Jesse Batista, de Alagoas, que também aparece no Livro do Palco Giratório com o trabalho Realidade Apropriada Libera Evidência R.A.L.E, no qual o

artista reflete sobre um corpo aprisionado por apenas um sentido, ressaltando seus marcadores sociais. O contato com seu trabalho me trouxe uma ideia de um corpo forte e resistente, uma realidade que me remete a Brasília. Conecto também essa imagem com outra memória de quando Soraya contou de outra Bgirl, Cleyde Silva¹⁶ que ia na casa das pessoas ou nos muros vazios plantar bananeira. Para mim, pensar um fazer em dança a partir desses contextos que vivi, atualizando com as possibilidades do fazer da dança hoje, me dá algum tipo de eixo, pois me reconheço na história que venho construindo.

Ao vir de um estado para o outro, tenho pensado que a mudança das bases de apoio, assim como na dança *breaking*, é uma das diversas formas de perceber o mundo. Nesse sentido, ver o trabalho de Jesse Batista e da Bgirl de Teresina, PI, me deixa feliz porque desejo me mover com uma linguagem contemporânea de dança, trazendo essas influências de técnicas do Hip-Hop, assim como também, o grupo Fragmento Urbano¹⁷ apresentado pelo professor Fernando Ferraz na componente de Performance Negra 2020/2.

Em “Teatro Hip-Hop”, Roberta Estrela D’Alva traz a noção do Ator-MC por meio da poesia rimada como mobilizadores sociais. A autora mostra como o Hip-Hop é uma forma de posicionamento político relacionado à identidade e representação social que contribui significativamente na formação crítica, em mobilizações políticas de grande parte da juventude em contextos não formais com características de solidariedade e voluntarismo.

Acredito que o Hip-Hop tem me acompanhado desde sempre e foi preciso entrar em contato com estas leituras para desenvolver o trabalho de mediação de processo e colaboração da obra “Somos como Somos e Não Cromossomos” do artista Lucio Piantino. Deste modo, pude acessar, mesmo fora de Brazlândia, DF, uma reconexão de pertencimento. Muito grato a você pelas cestas e por estas referências. Estou nutrido e alimentado de muitas danças. Sou muito grato por você ser minha orientadora.

¹⁶ Artista de Teresina-PI que também participa do Projeto “Mil Casas”. Disponível em: <https://www.demolitionincorporada.com/1000casas> acesso em 06 de julho de 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://www.fragmentourbano.com.br/> acesso em 08 de julho de 2022.

Beijo grande!

Carta 16 – Para Marcos Paulo Alves Rodrigues

Salvador, 01 de julho de 2021.

Mano, te escrevi algumas cartas que você não recebeu ainda. Acho importante enviar todas para você. Assim vamos ao menos tentando nos comunicar. Hoje é 01 de julho 2021 e eu escrevo para você com a cor da tinta da caneta verde e mobilizado por uma conversa que acabei de ter pelo *WhatsApp* com nossa mãe. Falamos sobre nossa mudança de vida e de estado.

Daqui de Salvador, BA, mando um salve com fé e resiliência. O que for possível será para que as coisas deem certo em nossos caminhos. Enquanto isso, seguimos na reflexão do que podemos fazer para melhorar a nossa vida. Ao som de músicas de mantras e os sons da vizinhança, te mando um abraço de força.

Se eu pudesse te enviar uma telepatia em pensamento eu diria: meu mano querido, acredito, esta caminhada aqui na vida é um constante processo de transformação. Peço e agradeço para que essas percepções das mudanças sejam reais e prósperas. Segure-se firmemente em seus sonhos, sonhos que são sonhados juntos também são possíveis.

Sabemos que somos bem mais do que aquilo que foi posto ou imposto para gente. Somos mais do que o sistema. A luta é contra esse sistema maior, o capitalista. Nosso gladiar é maior do que dor e sofrimento. Somos além da forma como somos vistos por esse sistema. Temos marcadores sociais e marcas do preconceito, mas nem eles podem nos definir. Temos muitas possibilidades, capacidades, habilidades, talentos para colocar em jogo no campo certo. O campo do sujeito e cidadão. Com a energia do amor e a saúde que temos, a realização vem.

Tenho pensado nessas questões para pensar em danças possíveis. Essa dança pode ser em movimento ou relação com o espectador/a. Acredito que este processo de mudança já é uma forma de dançar. Dançar os movimentos da vida. Penso que é possível materializar uma arte e comunicar relações comunitárias, sociais, e também aquilo que

nos move, o desejo e os sonhos. Nessa dança da vida, o que você deseja dançar que ainda não dançou?

Falando em dança, nesses últimos dias de crise do nervo ciático durante esse processo de pandemia, senti-me muito vulnerável e frágil. Foi outra referência de corpo que experimentei, porque você sabe que um corpo que dançou *breaking* é diferente. É forte. É nesse contexto que tenho escrito esta carta e aprendido a ficar quieto, nem sempre estar no corre ou produzindo algo. Às vezes é bom parar de correr atrás da vida e deixar a vida caminhar até a gente.

Tive que voltar para dentro sem perder a coragem de pedir ajuda e de me relacionar com as pessoas. Fiquei muitos dias no chão e aprendendo a descansar. Senti que a incerteza me mostrou o quanto tive apegado a alguns padrões mentais e ou crenças limitantes. Essa situação me possibilitou praticar outras formas de me relacionar com a vida e com pessoas próximas. Menos certezas, quer dizer, menos garantias de futuro, e estar mais atento ao momento presente. Estou aprendendo a confiar e a transitar de uma instabilidade corporal e social para uma estabilidade dinâmica de saúde de afetos, amizades verdadeiras, conexão consigo mesmo.

Também gostaria de compartilhar um pouco do que fiz por aqui nesses dias. Voltei a estudar de forma adaptada. Mudando de posição e evitando muito a posição sentada para aliviar a dor lombar. Venho preparando uma apresentação para o congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA. Tenho lido um texto que estrutura minha fala, li diversas vezes gravando áudios. Ensaiei também com minha orientadora e apresentei para alguns colegas. Meu esforço em seguir estudando é para poder de algum modo oferecer uma vida melhor para a gente. Tenho feito desse modo de estudar um hábito, como na dança *breaking*: repito, repito, repito até se tornar consciente. O poeta Manoel de Barros diria: repetir, repetir, repetir até ficar diferente.

Quando senti que a comunicação estava boa, mandei um áudio da apresentação para minha. Uma forma de seguir acompanhando ela a distância e fortalecendo vínculos e ver como essas coisas chegam no universo dela. A estrutura dessa fala é sobre uma

experiência de dança que tive com Lucio. Basicamente, começo me apresentando, digo quem é Lucio (artista da dança, teatro e pintor com Síndrome de Down), digo o nome do projeto (Relações do corpo com o chão, experiências artístico-educativas e de participação social). Falo que o objetivo é desenvolver práticas artísticas participativas que estimulem a construção de vínculos de pertencimento e participação social. E, por fim, discorro sobre três pontos: 1) relações de pertencimento entre sujeito/as a partir da linguagem Hip-Hop e a dança *breaking* 2) mediação de ensino aprendizagem (preparação corporal) online e semipresencial e a 3) discussão de corpos com deficiência¹⁸.

O que minha mãe destacou na fala dela, foi o aspecto de memória, quando comentei que conheci Lúcio há mais de quinze anos atrás em um evento de Hip-Hop em Brazlândia, DF. Talvez o mais importante nisso tudo, mano, é de que devemos e podemos reconstruir nossa história a partir das memórias de afeto e aprendizado. Esse aspecto em minha fala foi o que mais tocou minha mãe. O contexto do Hip-Hop, assim como outros, nos renderam boas memórias. Talvez seja daí que devemos reconstruir e no momento presente (no agora) escolher como queremos contar nossa história.

Outra memória que me recorde ao escrever esta carta era o sonho de construir a casa de Brazlândia, DF. Sonhava com uma casa de alvenaria com acabamento, pintada, confortável e, uma vez pertencente a casa, podendo convidar amigos/as e familiares. Conseguimos melhorar essa casa e também dar seguimento ao sonho de morar em outro estado.

Fiquei muito feliz quando você veio me visitar em Salvador, BA, no Alto da Sereia. Foi em agosto de 2020, mês de Omolu, orixá que representa a cura que pode ser visto também na figura de São Lázaro. Omolu veste de palhas curando as feridas, uma espécie de tratamento. Achei muito significativo esse acontecimento de vida. Foi inédito e muito especial. Passamos a primeira vez juntos, depois de 28 anos, quinze dias como se estivéssemos viajando. Graças a Alexandra que doou seu auxílio emergencial para comprar sua passagem. Muito grato a ela por ter proporcionado esse momento tão bonito a nós. Conversamos sobre coisas profundas de nossa vida, amores, desamores,

¹⁸ O artigo publicado nos Anais do evento está disponível no Apêndice A.

masculinidades, as pessoas da sereia, alguns lugares de Salvador, BA, aprendizados, nossas diferenças e possibilidades de voltar para cá.

Durante este tempo senti que tivemos uma conexão muito diferente de todas as outras vezes que estivemos juntos - mesmo com alguns dissensos que surgiram no final da viagem, mas com os quais soubemos lidar extremamente bem, trocando ideias. Eu aprendi muitas coisas desconhecidas para mim e sei que você também pode se conectar com coisas do meu mundo e vice-versa. Percebi que aqueles 15 dias foram como anos, saquei uma dimensão muito gratificante de ser seu irmão.

Nossa conexão foi além da superficialidade. Nos conectamos em um nível profundo das emoções/razões como coisas indissociáveis, como diria Milton Santos ao falar da geografia do espaço e a vida social. Talvez aprendamos juntos a estar mais sensíveis aos nossos processos internos e externos. Acredito que com a presença do mar, lemanjá, a energia de cura do Alto da Sereia, BA, facilitou algumas tecnologias de reconhecimento das nossas humanidades e também passamos a perceber a vida em novas direções. Antes de finalizar, deixo uma pergunta: quais memórias são vitais para você? O que escolheria contar daqui em diante?

Finalizo esta carta acendendo uma vela como símbolo de mantermos a nossa luz interior e a escuta diária do coração, das emoções e dos sentimentos. A chave para mesmo com tantas "lutas", nos mantermos abertos a vida. Desejo com fé e alegria um caminho de presença, auto aceitação e consciência a nós.

Um forte abraço, nós veremos em breve!

PRODUÇÃO

CLÍNICA COMUNITÁRIA DO BAIRRO DO ALTO DA SEREIA, BA: EXPERIÊNCIAS INTEGRATIVAS EM SAÚDE

Rafael Alves



Estado da Bahia

APRESENTAÇÃO

Relações do corpo com o chão: experiências, educativas e de saúde como construção de pertencimento é uma pesquisa implicada desenvolvida no Programa de Pós Graduação Profissional em Dança PRODAN/UFBA, na linha de pesquisa Experiências Artísticas, Produção e Gestão em Dança com orientação da Profa. Dra. Rita Aquino e contou com a bolsa FAPESB. As perguntas teórico-práticas iniciais que mobilizam essa pesquisa são: Como o chão me move? Como mover o chão? A partir de uma compreensão integrativa de corpo, o objetivo principal foi promover de maneira entrelaçada experiências artísticas, educativas e de promoção da saúde, compreendidas como tecnologias para o estabelecimento de vínculos e formas de pertencimento com comunidades e territórios. Esse percurso foi desenvolvido em três eixos, a saber: 1. mediação de processos artísticos, educacionais relacionado a preparação corporal e criação de coreografia de danças urbanas em colaboração com o espetáculo do artista brasileiro Lucio Piantino para obra *Somos como Somos e não Cromossomos* estreada em 2021, o qual foi desenvolvido à distância no formato on-line e semipresencial em 2020.2; Pouso: experiência de criação em dança com a co-direção e tutoria artística de Leonardo França; e 3. A participação na Clínica Comunitária do Alto da Sereia, Salvador/BA com moradores/as do Rio Vermelho e Ondina que constitui um desses eixos de investigação/atuação.

CONTEXTO

Segundo os moradores mais antigos do Alto da Sereia, o lugar já teve o nome de Alto do Bibiano e também Alto do Canzuá. Dizem que o nome atual foi dado devido a história da escultura de uma Sereia que ficava na parte de trás do morro, nas pedras do mar aberto. Segundo alguns moradores, a força do mar a levou a sereia. O nome é uma homenagem a essa história que se tornou símbolo da comunidade permeada pelo encanto. Há outros relatos que por ser uma comunidade também de pescadores/as ela deu origem a uma das festas mais importante de Salvador/BA, o famoso 2 de fevereiro, a homenagem a Iemanjá realizada na praia do Rio Vermelho do lado da casa dos pescadores, o Alto da Sereia fica do lado bem próximo. O morro como um todo tem uma extensão territorial que vai desde a praia da paciência até o antigo restaurante Sukiaki onde fica a (praia das ondas). Há moradores que consideram o Alto da Sereia como um ponto entre os bairros do Rio Vermelho e Ondina sendo dividido em duas partes: Pedra da Sereia que é compreendida como a parte de baixo que vai desde a praia das ondas até a parte de trás do morro, ou seja, toda a parte das pedras. Nesta parte é possível sentar para ver o pôr do sol de diversos lugares e também acessar o Alto da Sereia por uma escadaria lateral. A parte que é chamada de Alto da Sereia têm mais duas escadarias principais de acesso pela Av. Oceânica. Sendo uma do lado da Igreja Evangélica, que fica do lado da loja de carros importados, e a outra, é onde fica escola de capoeira do Nzinga fundada pela mestra Janja. Nesta mesma escadaria se localiza. A escola classe Ana Neri. Uma quarta escadaria se encontra na parte de trás do morro, podendo ser acessada pela praia da Paciência. Seguindo pela escadaria central do Nzinga até o alto, na parte que dá para ver o mar, tem uma igreja católica chamada Nossa Senhora dos Navegantes bem esquina à direita, seguido uma viela que dá para o outro mirante é possível ver uma ponta da Ilha de Itaparica e o início da Bahia de Todos os Santos. Nesse mirante fica a famosa quitanda de Dona

Maria Fátima, as pinturas da artista Maria Lina e foi onde aconteceu *Memori-se* uma performance de Roberta Rox inspirado no Alto da Sereia. Esse ambiente aberto é palco de eventos culturais da comunidade e já teve uma versão da Clínica Comunitária durante a pandemia de Covid-19. Com o retorno seguro, a Clínica voltou a ser realizada no salão da igreja Nossa Senhora dos Navegantes, sempre aos sábados 10h às 14h. Mas também teve versões mais antigas realizadas nas ruas, com visitas em domicílio e durante cinco anos foi realizada no estúdio Casinha 16. Neste território é possível ver casas com portas, janelas abertas e um forte relações de parentesco entre os moradores. Há gerações de famílias morando lá e os mais antigos optaram por não subir carros. Apesar de uma grande especulação imobiliária, a maioria das casas dessas famílias são passadas para gerações seguintes. Denival Marinho Veloso é um dos moradores que herdou a casa de sua família junto com seu irmão e é também um dos idealizadores da Clínica Comunitária. Para Denival e os moradores, a Clínica é um sonho coletivo que acontece há mais de 11 anos. Ele entende a comunidade como união, confiança e saúde. O ambiente em que acontecem as práticas integrativas proporciona um momento de respiro, pausa e aprendizado em roda, o que se aproxima das práticas colaborativas, processos de ensino e aprendizagem, participação social, território e comunidade proposta por Aquino (2015).

SUJEITOS

A Clínica é realizada há mais de onze anos com moradores/as do Rio Vermelho, Ondina e outros bairros. Ela já foi composta por diversos participantes - estudantes, acupunturistas, massoterapeutas, psicólogas, professores/as, profissionais do audiovisual, jornalistas e artistas. O público vai desde crianças a idosos, pescadores/as, costureiras, cozinheiros/as, surfistas, trabalhadores do transporte coletivos, policiais militares etc. Respeitando os protocolos de biossegurança, foram desenvolvidas ações de cuidado e atenção à saúde junto a essa comunidade. Os idealizadores deste projeto são os moradores Denival Marinho, Jussara Gomes e Seth Hague que foram se aproximando da comunidade aos poucos e desenvolvendo os atendimentos. Desde o início, passaram pela Clínica diversos participantes e terapeutas. Atualmente Roberta Rox artista e acupunturista, Tâmara Terso moradora, jornalista e doutoranda em comunicação e Rafael Alves artista da dança e terapeuta corporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prestação de serviços continuados desde 2020 até o momento foi decisiva para identificar contextos e sujeitos/as, observar noções de corpo e saúde integrados. A escuta de tradições orais, tais como, procedimentos ditos de saúde, histórias das pessoas, do lugar, de mestres artistas e não artistas fez com que emergisse reflexões sobre práticas artísticas, educacionais que fossem ganhando corpo, por exemplo: a escrita de cartas; impressão de fotografias para presentear moradores da comunidade (foto-presentes); produção de murais em espaços públicos com imagens da Clínica a partir da técnica de lambe lambe; entre outros procedimentos artísticos. Essa trajetória vem sendo tecida a partir de meu percurso profissional de Brasília, DF a Salvador, BA e voltou com força à

medida que o processo de criação em dança do solo Pousou foi se desenvolvendo de também de modo presencial inspirado nesse contexto de aprendizado.

FICHA TÉCNICA

Terapeutas: Denival Marinho, Seth Hague, Roberta Rox e Rafael Alves

Fotógrafos: Seth Hague, Ianô Baldez, Nana Tazawa, Roberta Rox, Tamara Terso e Rafael Alves

AGRADECIMENTOS

Coordenação do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança – PRODAN / UFBA e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, moradoras do Alto da Sereia e participantes da Clínica Comunitária, grupo de pesquisa ENTRE: Artes e Enlaces, a Rita Aquino, Leonardo França, Alexandra Martins, Tamara Terso, Lina Maria, Roberta Rox, Seth Hague, Denival Marinho, Jussara Gomes, Nana Tazawa, Chico Poeta, Dona Damiana de Jesus Santos, Rodolfo Gabriel, Steven Sunmor, Marcos Pereira da Costa, Iago Araújo, Jacilda (Cida) Magna Telles, Anderson Telles, Irá Santos Silva, Jéssica Lemos, Dona Maria de Fátima, Ianô Baldez, Gabriela Silva, Fernando Passos, Piturico, Glayds Bitencourt, Fernanda Passos, Gabrielle Sophia, Carlos Marcelino (Paulinho), Kleber da Paixão, Leonardo Bitencourt, Solange Bitencourt, Célia Maria, Samira Soares e Bianca Borsoi.

17 – Para falar de saúde

Salvador, 11 de março de 2021.

Cara Rita Aquino e Tamara Terso¹⁹,

Ontem foi meu aniversário e posso dizer que um dos maiores presentes que ganhei foi participar da Clínica Comunitária do Alto da Sereia. Agradeço a Tamara e Alexandra Martins por me conectarem a este contexto em um momento tão importante de minha vida e Rita por segurar firme minhas mãos. O motivo da minha carta é que gostaria, se me permitem, de lhes apresentar o modo como passei a perceber este ambiente de cura coletiva e que muito me nutre.

Conversando com a galera da Sereia, fiquei sabendo que a Clínica Comunitária é realizada há mais de dez anos. Fui identificando a partir das fotografias e conversas que ela é composta por diversos moradores/as, estudantes, acupunturistas, massoterapeutas, psicólogas, professores/as, profissionais do áudio visual e você jornalista. O público vai desde crianças a idosos, pescadores/as, costureiras, cozinheiros/as, surfistas, trabalhadores do transporte coletivos, polícia militar etc.

Respeitando os protocolos de biossegurança, lembro que houve uma pesquisa junto a essa comunidade para pensar formas de cuidado mútuo e continuidade. Foi quando em 2020 tive a oportunidade de conhecer este trabalho, sendo acolhido e também participando com atendimentos de massoterapia de forma adaptada. Os atendimentos têm sido realizados desde então com as pessoas de forma conversada e afetiva. Há trocas de diversos procedimentos de auriculoterapia, meditação com rosas, técnicas diversas, dicas de prevenção, alimentação, exercícios posturais e de respiração, bem como práticas complementares e integrativas.

Este ambiente é como momento de respiro, pausa e aprendizado em roda, o que se aproxima das práticas colaborativas propostas por Rita. As contribuições de Paulo Freire e Jacques Rancière me auxiliaram a compreender os processos de ensino e aprendizagem que ocorrem nestes encontros. Para pensar esta participação social,

¹⁹ Jornalista - DRT 4860/BA. Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas - Póscom/ UFBA. Centro de Estudos e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia - CEPAD/UFBA. Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania - CCDC/UFBA.

território e comunidade, trago comigo Milton Santos e Stuart Hall. A partir desses autores passei a refletir a respeito do pressuposto que vem sendo construído por professores/as pesquisadores/as, de como a pesquisa nasce da implicação com contextos e sujeitos/as.

Esses dois presentes que ganhei de vocês no meu aniversário ano passado, em 2020, dialogam com este contexto do território, da comunidade e da doação. Rita me presenteou com um trecho de uma entrevista de Muniz Sodré, quando este teve alta após dias internado lutando contra a Covid-19:

Aprendi que a vida não é aferida pela quantidade de nada, nem sorológica, nem de produção, como dizem os economistas. A vida é uma doação que o outro lhe faz. Pode ser do grande outro, que é Deus, e dos outros não tão grandes, que são os amigos. Essa doação vem dos médicos, da comunidade. Senti na pele, na carne e no espírito que a vida é um presente que a comunidade lhe dá. (SODRÉ, 2020, p. 3).

A seguir, o trecho Sobonfu, que fala de comunidade dons que foi enviada por Tamara:

A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo, é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e receberem as dádivas dos outros. Quando você não tem uma comunidade, não é ouvido; não tem um lugar em que possa ir e sentir que realmente pertence a ele; não tem pessoas para afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique, tornando a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham. Além disso, a falta de comunidade deixa muitas pessoas com maravilhosas contribuições a fazer sem ter onde desaguar seus dons, sem saber onde pô-los. Quando não descarregamos nossos dons, vivenciamos um bloqueio interior que nos afeta espiritual, mental e fisicamente. (SOBONFU, 2007, p. 35).

Desses textos-presentes faço minhas reflexões e palavras. Recebo como um estado de saúde em expansão, integrando o corpo como um todo. Percebo na pele a força que as sujeitas/os têm na formação do sujeito cidadão na resolução de problemas coletivos, na partilha do comum e na promoção de saúde coletiva. Assim são os fazeres, as danças com contextos e sujeitos/as que acontecem sempre em relação. A doação seria um princípio vital de troca. Dar e receber como dinâmica das e nas relações coletivas. Desse modo, as comunidades são esses presentes que as deusas dão.

Assim tenho percebido a minha relação com a clínica, uma relação de doação, aprendizado, compartilhamento na qual, na maioria das vezes, o engajamento com meu próprio processo é um tipo de troca não financeira, mas também a troca e a doação de serviços de massoterapia e, em outros momentos, o receber cuidados. Desse modo estou me compreendendo enquanto terapeuta em formação e também um propositor de práticas sensíveis artístico-educacionais. Este ambiente foi se vinculando à pesquisa por necessidade de aprender a se cuidar, aprender procedimentos de tratamento, atendimento e a exercitar de que modo a dança poderia estar acontecendo na relação com as pessoas. Talvez no modo como passei a me ver nelas, compreender meu passado com o contexto da linguagem da dança *breaking* e ao mesmo tempo pensar que essa participação move o meu mover com a dança.



Fotografia 11: Moradores/as e participantes da Clínica Comunitária do Alto da Sereia no Rio Vermelho, no Salão da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, em março de 2021. Fonte: acervo pessoal.

Me despeço desta carta e recomeço com essa imagem vital.

Um abraço caloroso a vocês!

Carta 18 – Aprendizado sobre a Clínica Comunitária: carta convocatória

Salvador, 23 de outubro de 2021.

Salve Seth Hagel e Rodrigo Eloi,

Direciono esta carta a vocês já colocando à mesa as diferenças. Um é participante da Clínica e outro que já demonstrou interesse em participar através das práticas de Reiki. Uma é não artista e o outro é artista, ambos nascidos em lugares completamente diferentes, um é hetero e outro é gay. Com nossas diferenças, distâncias e aproximações temos em comum o exercício das nossas masculinidades e as práticas terapêuticas. Nesse sentido e se for possível, gostaria de compartilhar para além de nossas diferenças um pouco do que venho aprendendo na Clínica em relação ao acompanhamento das pessoas e as questões do território. O que venho compreendo como uma perspectiva de corpo e saúde integradas.

Ontem, após um grupo de estudos de práticas integrativas que criamos com participantes da Clínica e moradores/as do Alto da Sereia, BA, um canal para construir diálogo, conversei com Roberta Rox, artista e terapeuta, sobre questões do ambiente e da comunidade. Estamos constantemente nos atualizando sobre os acontecimentos, sujeitos/as e contextos, uma prática que nos dá a capacidade de compreender melhor as pessoas, o lugar e observar os detalhes.

Durante e após minhas participações na Clínica, passei a abrir mais a percepção, observar cada detalhe, cada queixa, questão, o estado das pessoas participantes, o que elas trazem e o que elas falam nos atendimentos. Assim fui me orientado através da escuta a identificar aspectos de saúde e ou adoecimento ligado a questões não só físicas.

À medida que fui conversando com participantes e moradores/as durante o percurso da Clínica entrei em contato com outras camadas da comunidade como a fome, questões de masculinidade tóxica com violência, pedofilia, pessoas que por vezes podem estar em processos difíceis com o abuso de substâncias, ou sentindo-se sozinhas. Era como se a raiz dessas questões físicas estivesse diretamente ligada às questões sociais,

emocionais e espirituais. As mesmas raízes para o adoecimento e a saúde vinham de lugares conectados da vida. É bem delicado falar disso. Na verdade, eu fui entendendo isso comigo mesmo e compreendendo como uma prática necessária a escuta do corpo individual e coletivo. Isso ajudava a internacionalizar as mãos, as práticas, os protocolos e ações sensíveis, como por exemplo, fazer uma fotografia em que a beleza de se ver nas pessoas gere algum tipo de saúde ou corpo expandido, ou o simples fato de saber como as pessoas estão, conversar um pouco, oferecer auriculoterapia²⁰. Pequenas gestos e ações como sementes que vão na direção de uma transformação que leva tempo.

Pronto, essa foi a primeira parte que gostaria de compartilhar com vocês, mas agora, se me permitem, gostaria de entrar em outra. Temos duas questões que já mencionei acima que por vezes ficamos reflexivos em lidar de forma mais direta e urgente que é a questão de masculinidade tóxica ou abusos sexuais na comunidade. Já conversei um pouco sobre isso com Seth e também comento aqui com você, Rodrigo, como uma situação que estamos buscando formas de lidar ao menos conversando. Como podemos pensar em redes de apoio eficazes e rápidas que mobilizem pessoas para lidar com essa situação? Seria possível criarmos uma ramificação da Clínica Comunitária que trabalhe em roda a discussão das masculinidades, da saúde de homens, práticas de sensibilização? Como compreender uma mediação de experiências artístico-educativas a partir dos sujeitos/as?

Se for possível, dar continuidade aos desdobramentos deste projeto e unir forças com vocês topo organizarmos essas rodas. Vai ser massa se conseguirmos realizar uma ação assim. Acredito que vamos ter a oportunidade de tocar diretamente ou indiretamente em pontos de excesso, mas também de uma maior vitalidade das masculinidades. Distante de uma intervenção de querer mudar o ambiente e ou as pessoas a partir de nossa visão de mundo, mas deixar que a dimensão relacional ética, estética, terapêutica, autônoma e política gere interesse e desejo nesse tipo de cuidado entre a gente. Esta carta é também um estímulo coletivo.

²⁰ Ramo da acupuntura que estimula pontos específicos na orelha que se conectam com meridianos de energia vital pelo corpo como um todo.



Fotografia 12: Moradores/as e participantes da Clínica Comunitária do Alto da Sereia, BA. Leo fotógrafo e Denival massoterapeuta, em março de 2021. Fonte: acervo pessoal.

“As redes são sempre abertas - em algum nível - se fortalecem desta abertura que traduz não apenas o seu potencial de expansão, mas de transformação” (AQUINO, 2015, p. 111). Como menciona Aquino, neste ambiente coletivo bem como em dança pude sentir a potência que ações comunitárias geram na transformação do indivíduo social, em aprender a desenvolver autocuidado, abertura, expansão, criação de rede e espelhamento saudável - como diz bell hooks, a possibilidade de se ver nos lugares e nas pessoas. Criar redes de masculinidades saudáveis para que a gente se perceba uns nos outros.

É nesse sentido que esta reflexão se alinha à ideia de pesquisa implicada mencionada no artigo “Confabulando com pesquisas implicadas em dança” (RANGEL, AQUINO, ROCHA, 2021)²¹, que compartilha essa noção como pressuposto político da produção de conhecimento no âmbito do mestrado profissional. Também entendendo a afirmação de vínculos, pertencimento a uma comunidade, pensamentos, reflexões, referências como mobilizadoras da criação e saber.

É isso mãos, caminho para o fechamento de ciclo perspectivando abrir outros e lhe deixo com esse texto poético. No caminho do corpo encontro direções. Presente com ele, crio realidades saudáveis. Uno as partes ao todo, me engajo nos processos, participo da vida, compartilho criações acompanhadas. Teço fios e crio redes. Sonhos são tecidos coletivos.

Qualquer coisa tamuh junto!

²¹ Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/confabulando-com-pesquisas-implicadas-em-danca?lang=en> acesso em 21 de junho de 2022.

Carta 19 – Detalhando parte da realidade de relações e aprendizados

Salvador, 17 de outubro de 2021 e 11 junho de 2022.

Salve, Denival, Roberta, Seth, Jussara e Tamara!

Tudo certo por aí? Estou naquele corre, mas tudo certo por aqui, finalizando alguns trabalhos importantes. Ansioso para participar das próximas Clínicas e levar algumas fotos-presentes. Sinto de vocês um axé de saúde, resiliência e amor. Parabéns a vocês pela iniciativa de realizarem esse projeto durante tanto tempo.

Tem dias que venho pensando em me comunicar com vocês para falar sobre a Clínica. Já tivemos conversas pessoais muito importantes. Pude aprender muito ouvindo histórias, situações que fugiam da minha realidade.

Sobre tudo o que a gente faz neste ambiente, a Clínica me inspirou a embarcar nessa viagem das práticas complementares e integrativas de saúde. Uma vez eu lia o texto do *Shiatsu dos Pés* descalços que falava sobre respiração, dicas de fortalecimento da imunidade, alimentação, formas de perceber um paciente e técnicas de massoterapia. Percebo este ambiente como uma escola de diversos aprendizados e de saúde. Essa organização me aproximou de lembranças de Brasília, tais como, a linguagem de dança *breaking*, projetos sociais, capoeira, negritude etc. E hoje faz sentido com o que venho desenvolvendo.

Pude sentir que o ambiente é colaborativo. Uma relação comunitária em que fui abraçado por diversos braços e mãos. Com afeto e respeito foi um aprendizado que convido as pessoas a embarcarem no doar e a receber. Sinto espiritualmente como caminhos abertos à solidariedade e ao amor.

Agradeço a orientação de vocês por mediarem diversos momentos de aprendizado e contação de histórias acerca da comunidade. Com vocês fui aprendendo muitas formas

de atender, tratar e escutar, por exemplo, o protocolo de auriculoterapia chamado *National Acupuncture Detoxification - N.A.D.A*²².



Fotografia 13,14 e 15: Da esquerda para direita na primeira imagem eu recebendo tratamento, na segunda Tamara Terso aplicando acupuntura auricular e na terceira Denival e eu aplicando sementes de mostarda, em 2021 e as últimas duas imagens de 2022. Fonte: acervo pessoal.

Esse protocolo vai ser comentado no documentário *Dope Is Death: A outra luta dos Panteras Negras*²³ criado por moradores/as do sul do Bronx nos EUA. No documentário mostra a resistência e mobilização política da comunidade para transformar um hospital público em centro exclusivo de práticas integrativas e complementares com esse tipo de tratamento da Tradicional Medicina Chinesa.

²² Termo em inglês que corresponde a combinação de pontos específicos na orelha e os órgãos, como por exemplo, o rim, o pulmão, o fígado, a glândula hipófise e um ponto que conectar um coração ao espírito (a vontade) chamado ponto shen men: É um ponto conhecido por promover equilíbrio aos sistemas e emoções humanas. Ela controla as excitações, conserva o córtex cerebral e apresenta efeitos sedativos, anti-inflamatórios e analgésicos, sendo extremamente recomendado para tratar dores diversas.

²³ O documentário revela a história de como o Dr. Mutulu Shakur (padrasto do rapper Tupac Shakur, assassinado em 1996), junto com seus companheiros dos Panteras Negras e os Jovens Lordes, combinaram saúde comunitária e política radical para criar, em 1973, o primeiro programa de desintoxicação por acupuntura nos EUA- projeto visionário, logo considerado perigoso demais pelo governo norte americano. Disponível em: <https://ecofalante.org.br/filme/dope-is-death-a-outra-luta-dos-panteras-negras> acesso em 11 de junho de 2022.

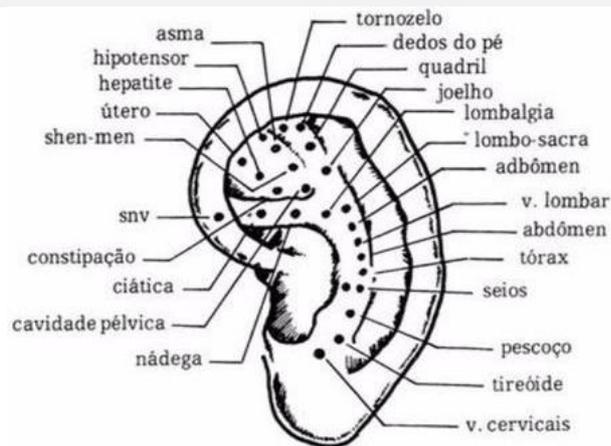


Imagem 20: A orelha representa um bebe de cabeça para baixo onde todos os pontos do seu corpo são pontos correspondentes a diversas partes do corpo. 11 de março de 2022. Fonte: Google.

Sempre com aproximações respeitadas e cuidadosas no sentido de fortalecer vínculos, percebo vocês criando relações saudáveis com as pessoas, acompanhando processos de vida, histórias, conversando com as pessoas, dentro e fora do ambiente da Clínica, ações como expansão.



Fotografias 16, 17 e 18: Da esquerda para direita Denival atendendo na porta da casa de uma vizinha, no centro Denival, seu Hilário pescador e Seth. Na última, Denival pressiona o trapézio de Dona Glória, também moradora do Alto da Sereia participante. 2021. Fonte: acervo pessoal.

Esta carta é um breve retorno dos inúmeros aprendizados como dançarino-massagista nesse contexto. De modo geral, a acupuntura auricular e a massoterapia são práticas de prevenção que trazem clareza pois podemos aprofundar em nossos processos

de autoconhecimento. Por isso que para ter resultados terapêuticos deve-se despertar memórias sensoriais de que estejam relacionadas com fortes referências sensório-motoras, lembranças de carinho, segurança e aconchego. Milton Santos em *Natureza do Espaço* compreende que: "tempo e espaço são uma só coisa, metamorfoseando-se um no outro, em todas as circunstâncias (2002, p. 44). Do mesmo modo, mente-corpo são integrados. A coexistência e a sobreposição das coisas, corpos, formas de vida, sons, casas, vielas estão o tempo todo em relação de sociabilidade. Há fios que conectam tudo. Vou finalizar esta carta com a noção de que corpo e saúde estão integrados.

Agradeço a vocês pelos lindos compartilhamentos. Beijo grande!

Carta 20 - Para Roberta Rox

Salvador, 30 de maio de 2021.

Querida Roberta,

Acendi uma vela amarela e um incenso de arruda. Dançando me ocorreu de escrever para você. Pensei, o que escrever a você? Bom, vou agradecer, dizer como foi minha experimentação, dizer o que observei em seus trabalhos e comentar da Clínica como um espaço em rede.

Primeiro te agradeço por ter me atendido com acupuntura, ventosas e rosas. Foi brava a crise de coluna, mas você foi mais brava ainda. Sobre essa fragilidade, cheguei a comentar com você, Steven e Seth. Me percebi em um lugar de vulnerabilidade física, emocional, social e espiritual. Foi um grande aprendizado receber sua doação.

Bom, hoje mesmo realizei uma movimentação inspirada em seu trabalho que fala de ancestralidade, o Enraíze-se²⁴. Foi uma movimentação que consistia em enrolar o topo da cabeça para terra, como em um ritual de saudação. Sobre esse mesmo trabalho, recomendei a meu irmão e minha mãe. Eles assistiram e gostaram. Ao assistir, pude acionar algumas memórias de quando você falou dessa obra aberta com sua família e me conectar à minha. Na minha percepção havia um continuum de corpos (eu sou) sempre em bando, em solo, em contexto e em sujeitos(as).

Já em Memore-Si²⁵ frui o trabalho em vídeo como um respiro, despertando um saudosismo da vida social. A relação corpo, objetos e elementos da natureza trazem uma concepção afrodiaspórica como memórias de lemanjá, Iroko e sentidos que evocam o tempo mágico do Alto da Sereia, BA.

Fiz conexões de seus trabalhos de performance com as artes participativas de Lygia Clark e Hélio Oiticica que buscavam a relação entre objetos, corpo e comunidade como uma ativação da participação do público. Essas relações estão bem presentes em Hélio e no trabalho de minha orientadora Rita Aquino no *Looping: Bahia Overdub*. Traços como

²⁴ Disponível em: <https://www.festivaldurante.com.br/performances/enraize-se/> acesso em 11 de junho de 2022.

²⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ggR3A_8KFzk&t=14s acesso em 11 junho 2022.

participação, educação, colaboração mostram que o inacabamento do processo abre a condição de que o público complete o sentido da obra. A junção entre arte e vida, artista e espectador/a.

Quando nos reunimos após a Clínica Comunitária tínhamos sempre a prática de comentar as impressões individuais de cada participante, como foi o dia, o que sentiu de cada pessoa atendida, o que captou do relato e da mente/corpo, fazendo uma conexão das questões corporais que ali se apresentavam com a dinâmica do bairro, tanto de condições de melhora de saúde ou de agravamento dela. A relação mais próxima com moradores/as era uma forma de entender o território/bairro com proximidade. Ao mesmo tempo direcionar a intencionalidade do trabalho da Clínica para uma maior integração com saúde coletiva. Como diz a Profa. Dra. Beth Rangel parafraseando Milton Santos, as redes de solidariedade geram força.



*Fotografia 19: Da esquerda para direita, Rafael Alves e Roberta Rox. Primeiro semestre de 2022.
Fonte: Arquivo pessoal*

Essa ideia de rede de força e solidariedade me remeteu a outra prática comum, que era a de visitar as pessoas ou ao encontrar algum morador/a, oferecer sementes de auriculoterapia sempre com uma breve troca de ideias. Percebi nessas situações uma forma de desdobrar o tecido da sociabilidade na direção da saúde coletiva em rede.

Essa prática passou a fazer sentido para mim quando encontrei Cida na escadaria. Fui tomar banho atrás da Pedra da Sereia pela escadaria. De repente, topo com Cida “fora

do espaço de atendimento”, se configurando em um encontro no território tornando uma expansão da Clínica.

Vou finalizar esta carta agradecendo pela tua força e entrelaçamento entre arte e terapia. É muito bonito seu trabalho.

Um grande abraço!

Carta 21 - Para Cida

Salvador, 06 de junho 2022

Olá Cida! Bom dia!

Um dia desses nos falamos pessoalmente na escadaria sobre diversos assuntos, a importância da Clínica Comunitária, gírias baianas no contexto do carnaval (ficou e levou, quando o trio ou a multidão leva você), sobre a prática do Johrei com o direcionar as mãos na direção do corpo de alguém próximo ou distante. Uma prática que se aproxima dos princípios do Reiki e a massagem, pois há uma ação de intencionalidade. Você também comentou da sua relação de amor pelos filhos, da sua saúde no contexto da pandemia, a relação com a vizinhança, um pouco da história de quando chegou na Sereia há mais de trinta anos e, em suma, todos os assuntos que lhe eram efervescentes naquele momento.

Ao ouvir Cida, me dei conta de que estava em uma situação em que os assuntos se misturavam entre vida e espiritualidade, por vezes eu me sentia como uma atriz. Risos. A relação de escuta me abriu um campo de percepção que Virgínia Kastrup chama de atenção aberta e centrada. Saquei que este exercício de escuta já era com uma extensão da clínica. Ouvir como modo de tornar a própria escuta de si e da pessoa em uma mediação sensível e saudável.

Pude em alguns minutos doar minha energia de escuta e dançar com algumas palavras e retornos pontuais enquanto mediador. Te ouvir me conectou com minha família, como meu processo de mudança de Brazlândia/DF para Salvador, BA e do saudosismo de quando a Clínica acontecia no mirante próximo ao bar de Dona Fátima. Se me permite minha amiga, gostaria de convidar você para escrever uma carta, pode ser em resposta a essa carta, ou para a Clínica ou para falar do que você quiser. Vou ler com muito carinho.

Agradeço por ser uma pessoa contagiante, entusiasmada e com muitos fundamentos. Você é uma verdadeira atriz.

Um forte abraço e beijão!

Carta 22 - Para Seth Hague

Salvador, 30 maio de 2021.

Salve irmão, primeiro gostaria de agradecer por me apresentar Kleber e a Clínica Comunitária. Foi e está sendo um aprendizado me relacionar com este contexto de saúde com essas pessoas. Quero agradecer também por quando me fez um convite para participar da roda de homens Xamô. Senti que estes dois contextos eram bem significativos naquele momento da minha vida. Primeiro pelo autocuidado e segundo a reflexão acerca das masculinidades.



Fotografia 20: Meu primeiro dia de Clínica Comunitária. Segundo semestre de 2020.

Fonte: arquivo pessoal

Clínica como local de saúde na forma mais ampla, sobretudo um espaço de homens pretos se cuidarem, pausar e respirarem. Uma possibilidade de aprender sobre masculinidades e no contato com outros homens. Por ser novo na cidade e estar de mudança de estado, criar relações vínculos e pertencimento poderiam e pode contribuir muito com minha saúde durante a pandemia.

Foi uma experiência coletiva como com os grupos de dança, forte e significativa. Retornei para uma forma de aprendizado em roda. Saber que posso me reconhecer nas e novos contextos foi muito saudável. Somos muitos e dançamos com muita gente.

Por tocar na palavra dança, que também me remete a ideia de corpo, lembro um dia que conversamos na casa de Tamara sobre dança. Eu havia comentado que dançava. Uma dança que vai além do senso comum, isto é, a dança pode estar em diversos modos de relação com pessoas, coisas, objetos, naturezas, culturas e modos de vida. Depois de um ano e meio recordei dessa ideia nas práticas de estar com as pessoas na Clínica Comunitária. Estar nesse ambiente era também estar em cena, ou seja, presente, atento e escutando.

Essa capacidade de artistas, também é dos terapeutas, mas também de qualquer pessoa. Estar presente comigo mesmo e a escutar minhas necessidades mudou a forma como passei a me perceber. Mudar de cidade e participar da Clínica trouxe um pouco mais dessa maturidade. Depois que tive crise de coluna com a dor do nervo ciático aprendi a aceitar a dor como condição democrática de existência, a entender o cuidado físico, emocional e espiritual integrado. Ter enfrentado um processo de vulnerabilidade física e socioeconômica me tornou ainda mais presente e aberto à escuta. Me ajudou a dissolver alguns ideais de masculinidade como algo forte. Talvez a coisa mais vulnerável para os homens é a ideia fechada de ser homem. Como você bem mencionou uma vez, os aspectos femininos ou sensíveis fazem parte da gente, do terapeuta e são parte de um todo, ou seja, dos vários modos de masculinidade.

Você comentou comigo do desafio que foi passar uma hérnia inguinal ao mesmo tempo que lutava para conseguir marcar uma cirurgia na rede pública de saúde. Lembro que essa situação demandou várias idas e vindas, impossibilidade de fazer suas coisas e provavelmente de trabalhar em períodos de crise. O que me chamou atenção mesmo nesse contexto é que eu passei por uma situação difícil e ainda sim tu foi me ajudando a me cuidar à distância com auto agulhamento em pontos específicos. Imagino que essa mesma ação fez parte dos teus momentos de autocuidado.

É importante dizer isso porque não me recordo de nenhuma referência masculina em minha vida que me apresentou formas de se cuidar, dicas de autocuidado e

acompanhamento contínuo. Aprendi muito com essa situação como um todo e principalmente a criar meus modos de seguir me cuidando. Certamente isso muda a forma como me coloco como massoterapeuta e dançarino.

Os pontos de acupuntura para o tratamento de cialgia que aprendi foram bexiga 64 e 65, *ling gu* e *da bai*, quatro pontos - pontos específicos para tratar dor lombar, entorse na parte inferior das costas, dor nos pés, dentro outra e a tonificação do pulmão. Ter coragem de fazer isso sozinho ajudou a entrar em contato com choro, sensação de aterramento, expansão e capacidade de resolução de problemas. Era uma meditação com agulhas.

À medida que fui praticando e compreendendo um pouco da sutileza dessas ferramentas, veio forte a necessidade de desenvolver mais o auto toque como forma de se acolher, observar a respiração e recarregar as forças vitais. Passei a tocar e cantarolar levando vibração e energia para partes do corpo que julgava necessário fluir algum tipo de bloqueio ou tensão. Escutar tal parte do corpo era uma forma de saber o que aquela parte do corpo queria saber. Acredito ter me curado de muitos pensamentos.

Agradeço pelos cuidados e aprendizados que muito me nutrem como pessoa e profissional. Admiro sua relação de vínculo com a comunidade como estrangeiro. Também devo cuidar tão bem dessas pessoas há anos. Parabéns pelo seu trabalho de mobilização junto aos moradores e vida longa à Clínica Comunitária. Que venham cada vez mais homens para se tratarem.

Forte Abraço!

Carta **23** - Para Denival Marinho

Salvador, 14 de abril de 2022.

Querido Denival,

Te escrevo agradecendo e reconhecendo sua mobilização e participação na criação da Clínica Comunitária do Alto da Sereia. É um dos projetos mais lindos que já vi e que tem tanto tempo de duração... mais de dez anos de existência!

Como te falei ontem, este espaço de saúde mútua, colaborativa e comunitária também é um dos pontos vitais da comunidade. Muitas pessoas têm tido resultados satisfatórios com os tratamentos. Como você bem mencionou, deixando de voltar ao médico porque tiveram melhoras.

A Clínica Comunitária tendo essa possibilidade de criar condições de acesso a tratamento e práticas integrativas tem sua história e seus custos. Ontem você me falou de uma nova camada da história que eu não sabia. Quando você e Seth começaram foram fazendo de forma alternada em algumas ruas da Sereia. Assim, iam criando uma forma de divulgação do trabalho e o atendimento de mais pessoas da vizinhança. Para chegar onde chegaram, vocês lidaram com muitos ambientes. Eu mesmo pude experimentar um pouco do que é fazer a clínica a céu aberto ou colocar sementes em pessoas ao subir ou descer as escadas. Hoje a gente sabe que com a garra e força de vontade de vocês temos a possibilidade de estar no salão da igreja aos sábados, sem que seja cobrado nenhum custo para utilização do espaço. Por outro lado, a gente sabe que Dona Odete²⁶ também tem facilitado e contribuído com essa mobilização social de forma contundente, buscando provar junto a Embasa e a Coelba que a utilização do espaço da igreja é uma ação filantrópica, beneficente para os moradores e de uso coletivo.

É aqui que podemos pensar que a Clínica é um espaço de doação, mas também aberto à colaboração de qualquer pessoa que participe ou receba tratamento. Temos

²⁶ Dona Odete é moradora do bairro do Alto de Sereia/BA e responsável pelas atividades religiosas, culturais e de saúde na igreja Nossa Senhora dos Navegantes. A Clínica engloba essas atividades ocupando a sala que fica no andar de cima. Dona Odete também viabiliza parcerias com a Embasa e Coelba para que essas atividades da comunidade tenham gratuidade em relação as contas de energia e água frisando a importância de mantermos um caderno de assinaturas e fotografias da Clínica para esse tipo comprovação como evento filantrópico (da) e (para) comunidade.

alguns custos para estar neste ambiente, para atender, para comprar materiais necessários para seu devido funcionamento. Ontem pude entender um pouco mais da importância de pensar este espaço como educativo, ou seja, da importância de quem participa e colabora de algum modo até mesmo com nossa caixa de arrecadação. Assim facilita a compra de material como agulhas, sementes, aparelho para massagem, algodão, luvas, álcool, óleo para massagem etc.

Foi bom encontrar você e a dona Odete para pedir permissão para realizar uma mini exposição no ambiente da Clínica e também saber de você se seria viável colocar um lambe com sua imagem. Logo de início, percebi que o senhor não gostaria de expor seu rosto, mas sendo a parte das mãos tocando o corpo de outra pessoa, talvez não houvesse problema. Por exemplo, algo assim:



*Fotografia 21: Denival fazendo a técnica do Shiatsu em Leo fotógrafo. Primeiro semestre de 2022.
Fonte: acervo pessoal*

Foi legal conversar com o senhor porque chegamos a uma reflexão juntos sobre a potência da imagem no sentido do cuidado e do afeto entre homens. Algo que nem sempre foi construído tão naturalmente no universo de algumas masculinidades. Ontem conseguimos compreender isso juntos e novamente a importância da Clínica Comunitária como um ponto vital na Sereia e para mim. Na primeira vez que participei, passei por um momento de muitas reflexões e me aproximar deste ambiente como dançarino e terapeuta me fortaleceu muito, sendo tratado e devolvendo tratando as pessoas com massagem e ventosas. E por outro lado, sabemos que não só na Sereia, mas até mesmo onde morei percebemos a recorrência de alguns homens abusando de substâncias.

Sabemos também que um lambe ou uma pessoa não muda o mundo de um dia para o outro, mas que toda pequena ação faz algum tipo de diferença, assim como projetos sociais fizeram em minha infância. A Clínica é este espaço intergeracional que com certeza contribui com a vida de muitas pessoas e famílias.



Fotografia 22: Intergeracionalidade. Primeiro semestre de 2022. Fonte: acervo pessoal

Esse espaço causa mudanças pontuais, mas também a longo prazo. Assim entendemos a importância de colocar um lambe como mais uma extensão ou ponto da

Clínica. Uma imagem criadora de sentidos vitais de cuidado, discussão da masculinidade, noção de comunidade e veiculação da massagem como importante prática de tratamento.

Finalizo esta carta com essas fotos presentes e também lhe dando uma massagem quando quiser da técnica yoga massagem ayurvédica. Talvez o senhor já tenha me conhecido, mas também é minha forma de agradecer e de saber que você pode contar comigo. Você é um grande profissional e está na hora de expandir mais atendimentos para além do horário da Clínica.

Grande abraço, Denival!

**POUSO:
EXPERIÊNCIA
DE CRIAÇÃO
EM DANÇA**

Rafael Alves



Estado da Bahia

SINOPSE

O espetáculo "POUSO" acontece através de toques e trocas diretas com as pessoas presentes. Partindo dos princípios das danças de rua e massagem, utilizo os pontos de apoio e pousos das mãos para criar outras situações de inversões das percepções corporais, pausas insistentes, constantes varreduras e estabelecer uma geração de atrito, calor e carícia.

RELEASE

Inspirado nos cadernos do DO-IN antropológico do nosso ex-ministro da cultura Gilberto Gil, que concebeu a noção dos "pontos de cultura" e a sua lógica de dinamização como estímulo dos pontos vitais do corpo coletivo, busco uma dança que conecta corpo e chão. Nesta dança, estabeleço um chão comum para estar sensível aos pontos vitais do corpo coletivo que se estabelece a cada apresentação. O espetáculo "POUSO" acontece através de toques e trocas diretas com as pessoas presentes. Partindo dos princípios das danças de rua e massagem ayurvédica, utilizo os pontos de apoio e pousos das mãos para criar outras situações de inversões das percepções corporais, pausas insistentes, constantes varreduras e estabelecer uma geração de atrito, calor e carícia. Solo desenvolvido no contexto do Mestrado Profissional em Dança / PRODAN -UFBA com Bolsa FAPESB, orientação da Profa. Dra. Rita Aquino, tutoria artística e co-direção de Leonardo França e fruto de uma atuação como terapeuta corporal na Clínica Comunitária do Alto da Sereia/BA com moradores/as do Rio Vermelho e Ondina.

APRESENTAÇÕES REALIZADAS

- Mostra interna da componente Laboratório de Corpo e Criação I e II do Curso de Licenciatura em Dança Noturno UFBA, Salvador/BA (2022);
- Mostra interna da componente de Práticas Solística do Curso de Licenciatura em Dança Noturno UFBA, Salvador/BA (2022);
- Mostra Escuta da Clínica Comunitária do Alto da Sereia com participantes e moradores do Rio Vermelho e Ondina, Salvador/BA (2022);
- Ensaio Aberto do solo Pousos no Teatro Experimental da Escola de Dança/UFBA, Salvador/BA (2022);
- Abertura do Festival da Plataforma de Artes Paralela, Uberlândia/MG (2022);
- Abertura do Seminário Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança-Prodan/UFBA, Salvador/BA (2022);
- Apresentação/Gravação do solo Pousos no teatro Experimental da Escola de Dança/UFBA, Salvador/BA (2023).

LINK

<https://www.youtube.com/watch?v=RwBINmG5Nnl>

FICHA TÉCNICA

Direção, concepção e performance: **Rafael Alves**
Co-direção, tutoria artística: **Leonardo França**
Orientação Mestrado Profissional em Dança UFBA: **Rita Aquino**
Texto: **Joanita Alves (mãe)**
Figurino: **Irys Oliveira**
Vídeo e edição: **João Rafael**
Classificação indicativa: **Livre**
Duração: **aproximadamente 20 e 25 minutos**
Captação e edição audiovisual: **João Rafael Neto**

AGRADECIMENTOS

Coordenação do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança – PRODAN / UFBA, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, moradores/as do Alto da Sereia, e participantes da Clínica Comunitária e dos componentes Prática Solística, Laboratório de Corpo e Criação 2022.1 da Escola de Dança da UFBA.

OFICINA POUSO: PARTILHAS PARA EXPANDIR NOÇÕES DE DANÇA, SAÚDE E COLETIVIDADE



RELEASE

A criação desta oficina é um desdobramento de minha pesquisa desenvolvida no contexto do Mestrado Profissional em Dança / PRODAN - UFBA com Bolsa FAPESB, orientação da Profa. Dra. Rita Aquino, co-direção e tutoria artística de Leonardo França, é fruto de uma atuação como terapeuta corporal na Clínica Comunitária do Alto da Sereia/BA com moradores do Rio Vermelho e Ondina.

A oficina "POUSO - partilhas para expandir noções de dança, saúde e coletividade" poderá ter a duração de 3h, turma de 15 pessoas e se destina a todas as pessoas interessadas em práticas transdisciplinares entre arte, saúde e comunidade. A oficina propõe experiências com aromas, pontos de apoios, toques e agulhas ativando conexões sensíveis com o chão geográfico e afetivo (objetos e fotografias) que este corpo habita e transita. Nesse sentido, quais tecidos sociais, peles comunitárias, coletivas, do bairro, da sociedade, do espaço do teatro, do galpão, do beco, da praça precisam ser tocadas, varridas, alfinetadas e estimuladas para melhor distribuir sua energia sócio-política-econômica-cultural? Como nos conectamos ao poder do toque coletivo?

Se no espetáculo POUSO o ato de tocar promove e sustenta ações para gerar uma confiança coletiva, na oficina estruturada através de uma abordagem prática em dança, movemos as seguintes questões: Como as práticas integrativas e procedimentos tradicionais ditos de saúde movem a dança? E como as práticas corporais e procedimentos artísticos de dança movem as práticas integrativas e de saúde? Como as práticas de dança podem ser tecnologias para estabelecer vínculos e formas de participação coletiva?

Segue o link com fotos da prática de agulhamentos do chão geográfico e afetivo experimentado com as pessoas moradoras).



LINK:

https://drive.google.com/drive/folders/1q256Jzwkd8uZia_XaN6Y9OgOg96NubYi?usp=sharing

Carta 24 - Para Nara Oliveira, sobre O Livro das Envultações

Salvador, 30 de outubro de 2021.

Oi meu bem!

Que saudade de você! Sinto tanta saudade que às vezes dá vontade de me teletransportar em uma máquina do tempo só para te abraçar. Sou muito grato por cruzar teu caminho, foi uma das coisas mais bonitas que me ocorreu. Ter te conhecido foi o respiro precioso que a roda da vida nos proporcionou. Bom, o motivo da minha escrita é que essas nossas trocas seguiram reverberando, sobretudo os compartilhamentos que você fez comigo sobre seu processo de criação em “Maria das Alembrações”²⁷.

Quando ouvi o *podcast* do Livro das Envultações²⁸ de Leo França e Alana Falcão (2021) que lhe enviei posteriormente, me lembrei muito de você e dessa sua criação em dança com Luciana. Pelo que captei, o processo de criação, além de ter várias figuras e referências a cultura popular, trazia a perspectiva de que “Maria das Alembrações” contava histórias reais fictícias de mulheres de sua ancestralidade.

Pois bem, tinha acabado de sair da Clínica Comunitária e fui pegar o Livro das Envultações e confirmar o envio do presente para você. Assim que cheguei em casa, abri uma risografia com uma imagem repetida na cor azul e preto, aparecendo um corpo em pé, envoltos de um cobertor. Folheei o livro e logo vi que se tratava de uma outra experiência em relação ao *podcast*. Pensei que o conceito de micromitologia coreográfica²⁹ e o pensamento de dança apareciam ali na escrita como uma forte relação com Maria das Alembrações. A poética de esconder abria para possibilidade de fazer

²⁷ Disponível em: https://instagram.com/das_alembrações?igshid=YmMyMTA2M2Y= acesso em 18 de julho de 2022

²⁸ Disponível em: https://open.spotify.com/show/4Gg6e83UmBiAispNbZmX4W?si=gx40kQIPRI2bRa5ViF5YzQ&utm_source=copy-link acesso em 08 de julho de 2022.

²⁹ Neste livro, os autores Leonardo Cordeiro e Alana Falcão “mediaram a imersão das experiências de outros quatro artistas da dança para ensaiar desaparecimentos. Essas danças de transformação acontecem aqui enquanto fricções visíveis, invisíveis, reais e ficcionais que se materializam em fotografias, oralidade e literatura. A esses movimentos que conectam a idade do corpo à Terra eles chamam de “micromitologias coreográficas”(2021, p,09)

mostrar histórias que foram ocultadas. O material além de poético me convidou para dançar tecendo enquanto lia minha própria micromitologia. Após uma primeira tateada no livro senti que seria uma boa experiência de leitura. Assim escrevi a Leo agradecendo a ele, Alana e todos participantes. Espero que você se inspire bastante.

No dia seguinte, no domingo, senti um vazio existencial após ter ido à praia e andando de bike. Foi como se alguma coisa tivesse morrido ou estava para nascer em mim. Uma sensação próxima ao processo de criação em dança que já vivenciei. Já reparei que quando surge esse sentimento algo novo (que não sei exatamente o quê) está em gestação. Nesse dia voltei e fui ler. Li sobre fundamentos da tradicional Medicina Chinesa e, em seguida, o livro das "Envolturas". Engatei no fluxo e fui até o fim.



Fotografia 23: Nara Oliveira. 24 janeiro de 2021. Fonte: acervo pessoal

Realmente foi uma experiência muito legal. O "espaço vazio" se recriou em sentidos poéticos surgindo escuta, noção de que arte e vida estão presentes. Em outras palavras, senti aquilo que nomeamos uma vez de "dobra no tempo-espaço". Depois cheguei a esboçar uma micromitologia inspirada no livro. O modo como foi escrito revela

um pensamento de dança e ficções. Nossas memórias, relações de parentesco, aproximações, distanciamentos vão sendo movidas a partir da lógica desaparecer e mostrar, principalmente histórias de nossa ancestralidade que foram invisibilizadas. Espero que você curta a leitura e seja um alimento para seu processo de criação.

No mais sigo aqui com saudade torcendo para que nossos caminhos se cruzem em breve. Sigo aqui no andamento da pesquisa do mestrado experimentando práticas de corpo em Laboratório de Performance com Ciane Fernandes e Práticas para caminhar no escuro com Leo. Vou também aos poucos construindo um processo de criação e espero poder sentar novamente para gente tomar um café e trocar sobre as andanças da vida. Antes de finalizar esta carta tenho uma forte sensação que já te encontrei em algum lugar das estrelas.

Saiba que amo você e sempre vou me lembrar de você (Nara Oliveira).

Muitos beijos e até breve!

Carta 25 - Para Alexandra Martins, Práticas para caminhar no escuro

Salvador, 03 de agosto de 2020.

Querida Alexandra, a experiência de estar no casarão sozinho durante esse mês foi um processo de cura. Em especial, como disse Jaqueline de Almeida, o Alto da Sereia é um lugar propício para estes tipos de processo. É importante mencionar meu agradecimento por me acolher em sua casa para dar seguimento ao sonho de estudar mesmo sem ter no início condições financeiras. Aprender a administrar uma casa de estudantes foi uma experiência de troca muito legal. Agradeço também por ter ajudado através de seu auxílio emergencial na vinda de meu irmão a Salvador, BA. Foram quinze dias intensos de muitos aprendizados e trocas, pois foi a primeira vez que convivemos juntos intensamente em outro estado. O mês de agosto foi de lidar com dores e maior saúde.

O motivo do meu compartilhamento hoje é relatar um pouco da prática que experienciei e de um exercício de questionário que cheguei a comentar com você quando falei do grupo de pesquisa Entre: Artes e Enlaces. Em dois encontros nesse contexto, Rita, Nei, Leo e eu experienciamos uma prática de respiração ligado a pesquisa de mestrado de Leo chamada *A quem cabe o lugar de Humano nesta dança: cosmofricções para danças estilhaçadas*. Em geral, ele vai discutir através do perspectivismo ameríndio como a noção de humano pode ser compartilhada com outras formas vida e não vida. O exercício de respiração que fizemos levava tempo e pelo que me recordo era pela boca ativando todo o tubo digestivo. Consistia em inspirar e expirar pela boca durante até que a capacidade respiratória fosse aumentando a duração da entrada e saída do ar. E, a partir desta experiência, se move a partir da respiração.

Após os dois encontros, seguir praticando comigo mesmo durante meses. A prática me levava a uma espécie de estado onírico e me ajudava a dormir quando tive insônia durante a pandemia de Covid-19. Me recordo que em algumas madrugadas sentava de pernas cruzadas e respirava até os olhos lacrimejarem, gerando bastante sono e bocejos. Quando voltava a dormir tinha sonhos com riquezas de detalhes.

Como continuação dessas práticas respondi a um questionário com as seguintes perguntas: quais corpos, quais materialidades, quais entes estão mais presentes neste momento em meu cotidiano? Uma filha? Os sonhos? Um celular? Uma máquina? Umas tintas? Uma vela? Uma pedra? Um amuleto? Uma foto? Uma fruta? Uma panela?

Respondendo de forma pontual identifiquei estes corpos e materialidades mais presentes neste momento de minha vida que foram: minha mãe, irmão, plantas, mar, sonhos e velas. Inventariando e sensibilizando a vida desses corpos como sugerido no questionário, percebi que minha mãe me causava o atributo de filho que acompanha a mãe e o irmão. Gerando a capacidade de ação da escuta, abertura, elaboração de perguntas, resolução de questões, ligação afetividade feminina-masculina e aprendizado de ser filho. As afiliações afetivas com ela foram um tapete redondo tramado por ela, histórias de coletividade com as irmãs/os, a feitura de sabão preto no interior do Goiás, o costume de contar sonhos e o trabalho com as mãos que perpassa gerações. As entidades que aparecem nessa relação com minha mãe foram Oxum e Iemanjá. A conexão com as águas doces e salgadas.

No atributo de irmão percebi um aprendizado o de ser irmão que cuida, gerando em mim a capacidade de ação e atenção, escuta, abertura a diálogos sobre masculinidade. As ligações afetivas são o pertencimento à cultura *Hip-Hop*, questões raciais, afetivas, histórias de vida e a nossa responsabilidade. As entidades que apareceram foram Exú, Omolu e Obaluaíê, ou seja, os aspectos da comunicação, doença, pipocas, cura, terra e transformação ligados a essas divindades.

Já as plantas me proporcionam um atributo de pessoa e responsabilidade ecológica. Elas geram em mim a capacidade de observação, escuta, acompanhamento e cuidado. As relações afetivas são aproximação de fase adulta da vida, capacidade de desenvolver comunicação sensível, composição entre as diversas espécies, pensamento de dança, mistério, alimento, oxigênio que concede vida e a percepção de um ritmo de vida pleno. A entidade que relacionei a elas foi Obaluaê. Como as senhoras da cura, da terra, da saúde e da transformação.

O mar me proporciona atributos de pertencer a natureza - a conexão com o todo, com a respiração, com a vida orgânica com o céu e as marés internas. Esta relação com o

mar demanda de mim a capacidade de contemplação, de desaceleração, de choro, alimento e gratidão. As entidades que aparecem nessa relação com o mar foram lemanjá, mãe dos peixes e protetora dos pescadores/as.

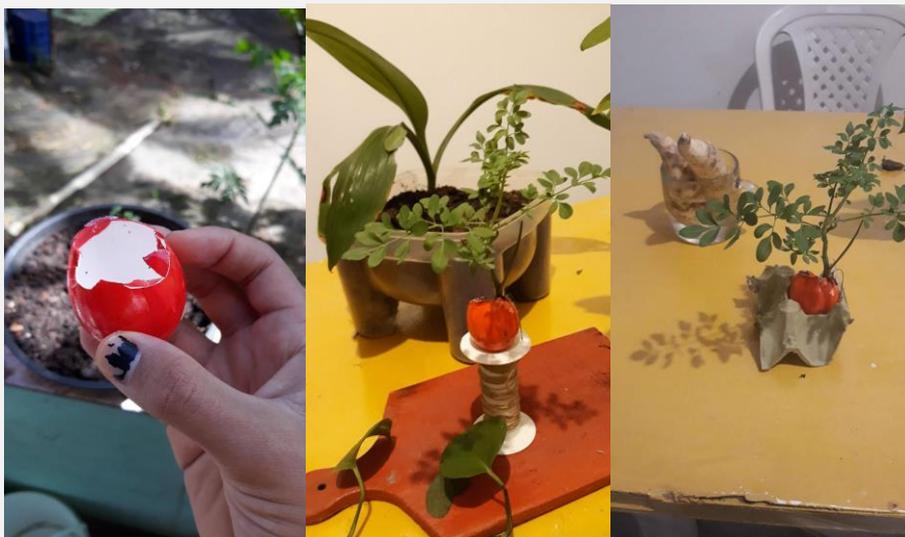
Já os sonhos me trouxeram um atributo de sonhador. Sonhar no sono e na vida desperta. A ação gerou em mim foi uma ligação profunda com as emoções/pensamentos e a capacidade de se perguntar se a vida é um sonho; de desvelar signos, inventar outros, a auto observação, resolução de problemas, discernir entre a realidade, relação entre cotidiano, espiritualidade, estado ficcional de se viver a existência, questionamento da realidade e a criação de sentidos significantes. As relações afetivas que os sonhos causam em mim são: intimidade, amizade, vida profunda, complexidade, perplexidade, interpretação, ligação espiritual com pessoas. As entidades que apareceram foram a sagrada bebida ayahuasca.

As velas me proporcionam o atributo de pessoa conectada a espiritualidade e a ancestralidade. Uma pessoa que tem fé e acredita encontrar força e sabedoria vinda dos antepassados mortos e vivos. O fogo-vela me gera a ação da concentração, do dar, receber e agradecer. A ligação com o trabalho com práticas manuais de terapia, a ligação sutil com coisas, pessoas, objetos e o cosmos. O dobrar da cabeça é um gesto de reverência ao fogo-espírito. Assim as relações afetivas com a natureza da vela me conectam uma espiritualidade ligada a proteção e a presença. A entidade ligada a este objeto foram os caboclos.

De modo geral, todos esses corpos causam transformações e atributos em mim de um ponto de vista situacional e contextual na relação com a casa que moramos juntos, assim como, a relação com o bairro do Alto da Sereia onde muitos aspectos de ancestralidade africana foram fazendo parte do meu aprendizado com Salvador, BA. É como se esses corpos atribuíssem em mim sensibilidades, sabedorias brasileiras, posições de corpo e mundo que sempre estiveram em minhas práticas de dança, de vida tendo nascido no Brasil.

Ainda no exercício de Práticas para caminhar no escuro, não poderia deixar de mencionar que outros corpos, coisas e objetos são estranhos ao meu mundo, porém, mesmo sendo estranho ou bizarro, vergonhoso me acompanharam desde outros tempos.

Assim listei como exercício fruto da proposta um inventário com esses corpos que soam estranhos, mas que gostaria de me aproximar. Ainda me perguntando quais transformações eles operam em mim? Quais atributos? Quais variações das naturezas do seu corpo acontecem nestas relações? Corpos alienígenas foram: chapéu mexicano, cascas de ovos, cascas de fruta, potes de plástico, sacolas de lixo, pedaços de cano, joelho de cano furado e pedaço de filtro de barro.



Fotografias: 24, 25 e 26: A força que tem para compreender a fragilidade. Segundo semestre de 2020.

Fonte: acervo pessoal

Querida Alexandra, a partir destas identificações desses objetos, a experimentação de pintar as unhas de preto, a casca de ovo de velho fui percebendo que a masculinidade tóxica é tão frágil que o ato de andar com unhas pintadas fora de casa já uma ação alienígena ao universo da heteronormatividade. Foi uma forma de abdução e reflexão acerca de masculinidades. Se está prática ou grupo de pesquisa lhe gerou interesse que ativou sua pesquisa em artes visuais, a relação a diáspora, identidade que vai se metamorfoseando lhe recomendo se aproximar do grupo e da prática para caminhar no escuro. Tenho a intuição que pode lhe interessar em um futuro próximo, ou seja, em um amanhã.

Deixo um beijo grande e desejo muita saúde a Dona Sônia!

Até a sua volta a Salvador, BA.

Carta 26 - Como essas comunidades têm se movido em meu mover? Como o meu mover move comunidades, danças e sentidos?

Salvador, 23 de março de 2022.

Caro leitor e leitora,

Escrevo esta carta no tempo presente. De instante a instante, vão brotando algumas memórias e sonhos. Um futuro possível, feito de dança, comunidades, relações e saúde. Mover em diferentes chãos para refazer corpo e pensamento de dança. Como me movo com essas comunidades e como essas comunidades se movem em mim?

Em Laboratório de corpo e criação com Rita Aquino, Leonardo França e colegas, experimentamos alguns verbos de ação: rolar, deslizar, percorrer trajetórias imaginativas no corpo, pressionar pontos de apoios no chão, apoiar, ceder, empurrar, subir e descer. À medida em que a movimentação ia sendo pesquisada, chegou uma memória bem presente em minha vida, a mudança de estado. A mudança dos apoios foi como um estímulo além do aquecimento. Me evocou uma ideia de percepção do olhar passeando em diferentes locais do espaço, ou seja, como me mover com diferentes apoios me leva a novas formas de percepção do mundo?

A artista baiana e professora da UFBA Clara Trigo na dissertação de mestrado *Instabilidade Poética: Síntese provisória de uma prática de movimento*³⁰ buscou na mudança de base de apoio criar como dispositivo criativo pedagógico. E pelo princípio da autonomia em Paulo Freire, desenvolver acessórios e objetos que viabilizassem novas relações do corpo com o chão e a gravidade. A investigação da mudança de base no corpo ia além dos pés. O intuito era desenvolver novas estratégias motoras, técnicas e pedagógicas (2014, p. 43).

Essas relações do corpo com o chão me remeteram ao texto *Planos de Composição* de André Lepecki (2010), onde a ideia de diferentes chãos passa por esta noção de diferentes planos, parafraseando a pergunta do autor, é possível a cada superfície perder alguma verticalidade de corpo para se ganhar outras horizontalidades de movimento?

³⁰ Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/15130> acesso em 21 de junho de 2022.

Ainda sem saber responder essa pergunta, gostaria de mencionar nesta noção de relação do corpo com o chão que os apoios incomuns também me remeteram a outras formas do corpo existir para além de uma posição bípede nomeada pelo professor, artista e pesquisador da UFBA, Edu O.

Através desta investigação em Laboratório de corpo e criação conjugando com as noções dessas comunidades, a do Alto da Sereia e a da Escola de Dança, fui percebendo a importância de desenvolver uma consciência do mover (no) e com territórios. Mover com os contextos seria esse aprendizado de mover com tempo/espço, técnicas, modos de vida, pensamentos, jogar com ideias de mundo, construir identidade que se transforma, construir pertencimento, corpo e dança.

Caro leitores e leitoras, vou fechando esta carta abrindo perguntas. Para André Lepecki cada obra pede um corpo e cada singularidade de corpo é uma forma desse corpo ser e se mover. Como essas relações comunitárias e territoriais podem gerar modos de ser e esses modos de ser uma obra singular de dança que articule corpo, sujeito, comunidades e saúde?

Forte abraço!

Carta 27 - Para Rita Aquino e Leonardo França

Salvador, 23 de março de 2022.

Salve Rita e Leo!

Primeiro gostaria de agradecer a vocês por me proporcionar esse espaço de trabalho, compartilhamento e troca em Laboratório de Corpo e Criação e Prática Solística que ambos lecionam no modo presencial na Escola de Dança da UFBA. É muito importante para mim fazer dança neste ambiente comunitário após dois anos de aulas remotas e também aprender a construir autonomia. Quero destacar que as orientações de Rita foram muito preciosas para que juntos pudéssemos ir compreendendo o que o vinha pulsando durante o percurso do PRODAN, até este terceiro momento que é a criação de uma dança. Agradeço a Leo por topar fazermos trocas de colaborações em dança com massoterapia. Serão dinamizadoras deste processo culminância de compartilhamento.

O motivo de direcionar esta carta a vocês diz respeito a três assuntos: a partilha de um ensaio, como tornar investigações em compartilhamentos cênicos didáticos e como construir por meio da dança noções de saúde expandida.

Hoje experimentei fazer da casa um laboratório de corpo, criação e prática solística. Para essa prática, pensei experimentar relações comunitárias que venho refletindo a partir dos dispositivos ou verbos de ação: dar e receber, inspirar e respirar. Realizei gestos literais e não literais relacionados a essas palavras. Logo foi aparecendo frases de movimento que me levaram ao deslocamento, a transferência de peso das bases de apoio. O que significou observar a transferência de peso dentro da ação de dar, receber e respirar como princípios de movimento.

Variando dentro dessa mesma lógica algumas percepções de movimento ligadas a mini rolagens do contato dos pés com o chão e estabilização de um ponto de apoio que auxiliam no mover. Uma forma de se mover se opondo a gravidade e outra cedendo a ela. As duas desenvolvem o corpo diferentes nuances, umas com mais ou menos tônus.

Relacionei essa lógica com a massoterapia. Dentro dessa lógica movimento com a respiração, dar e receber se tornam uma (reorganização, oposição, músculos e ossos que empurram e são empurrados), ou seja, o corpo que toca é tocado criando um fluxo

continuum.

Pensar dança a partir desta lógica do *breaking* e da massoterapia, a acupuntura auricular e os meridianos, ou seja, canais de energia no corpo representados no shiatsu e no do-in, me aproximou da ideia de pontos e conexões enquanto dançava. Pela perspectiva de corpo e saúde, levar o foco da atenção para o corpo pode estimular maior economia energética e saúde expandida?

Como pensar essas conexões que fiz num fluxo tão rápido como uma forma de aquecimento e preparação corporal ou possibilidade de compartilhamento?

Como seria fazer a ideia dos pontos de conexão com outras pessoas?

Se conectar consigo mesmo antes de qualquer prática corporal, em dança ou teatro pode nos levar a uma maior escuta e economia energética do movimento?

Nesta investigação e no ato de mover veio o sentido de saúde e meridianos compreendidos nas práticas orientais como canais de energia pelo corpo. Ao dançar imaginei um canal de energia passando por dentro do corpo e chegando a outro ponto, como se fosse um fio condutor de energia. De forma imaginada, mudava os pontos de conexão levando o pensamento de um ponto do corpo para o outro. Por exemplo, a auriculoterapia considera a orelha como uma casa central que se conecta com outras casas também centrais. Quando se coloca uma semente de mostarda no ponto da orelha correspondente ao fígado, conseqüentemente a ativação deste ponto vai dinamizar ou diminuir as energias yin ou yang do fígado, mobilizando o excesso ou escassez para maior equilíbrio.

Através deste ponto vista de corpo, a forma de se mover oras era por uma sensação física/emocional, oras por um campo sutil. Como encontrar nas perspectivas indígenas brasileiras nomenclaturas intrínsecas a noções de corpo/mente? ECONOMIA ENERGÉTICA DA DANÇA.

Cristine Takuá em filosofias indígenas³¹ pensando formas de se colocar no mundo de forma equilibrada e ou saudável, compartilha que saúde é uma criação que se dá no corpo/mente, isto é, talvez a doença é algo que se cria na mente e no corpo ao mesmo

³¹ Disponível em: https://youtu.be/s1zHM_nX1y0 acesso em 04 de abril de 2022.

tempo? O que abre possibilidade para refletir que saúde do ponto de vista do equilíbrio esteja intimamente conectada à relação com os espíritos da floresta ou o tratamento de questões da alma guiado pelo saber de cura dos pajés como cientistas da floresta. Como dançar essa perspectiva de saúde expandida levando em consideração o corpo como uma natureza?

Compreendo a saúde de uma perspectiva territorial e integrativa entre sujeito, ambiente, relação com tempo / espaço, casa, memórias, vizinhança. A saúde nesse sentido talvez seja a interpretação psicofísica da realidade ou de como em determinados contextos urbanos e ou da floresta a realidade se apresenta.

A imagem de segurar, entregar, colocar sementes é uma ação real no corpo e na dança, dar e receber. Ação de troca de movimentos, de circular a energia, de fazer a energia vital voltar e se distribuir. Nesse momento, pude perceber as sutilezas dessa noção ampliada de corpo só dá muito mais a partir de minha pequena relação com o lugar, a comunidade do Alto da Sereia. A delicadeza do gesto, o tônus leve. Nesse ponto da dança me fez voltar para a importância de cruzarmos arte como uma promotora de saúde expandida³².

³² Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/EXGtzT7CEYE3NeKy5> acesso em 04 de abril 2022.

Carta 28 - Para Leonardo França, pontos e redes vitais

Salvador, 26 de março de 2022.

Meu caro, quero lhe agradecer por ter topado tocar e mover comigo alguns chãos do processo de criação em dança. A gente dançou em diferentes chãos: pedras, areia da praia, chãos da praça pública, de mármore, de concreto, chãos de madeira da sala, chãos das amendoeiras, chãos do coreto da praça do Santo Antônio. Foram tardes de trocas, escuta, compartilhamentos e movimentação energética de excessos e escassez a partir da prática de agulhamento de objetos, tocar e dançar.



Fotografia 27: Presente. Fonte: acervo pessoal

Nesse sentido, o fluxo de criação dos diversos chãos me auxilia a aterrissar na compreensão do chão de ideias e do compartilhamento prático. Assim como pensar uma dança que se multiplique, a exemplo de oficinas.

Quero reconhecer a importância das tutorias artísticas no contexto do Mestrado Profissional em Dança como caminho de construção de autonomia e profissionalização. É um ótimo lugar para dialogar, aprender a tomar decisões e fazer escolhas. Sigo com o fluxo dessa nossa conversa comentando sobre a experiência da tutoria e a conexão do processo de investigação de movimento com o Morro da Sereia, BA.

Vamos iniciar pelo procedimento artístico de agulhamento de objetos que você me propôs. Vou seguir descrevendo o exercício dentro dos recortes de percepção que fui fazendo junto e aproveito para ir tateando na descrição da experiência um possível modo de compartilhamento com artistas e não artistas.

- Agulha um tapete de Yoga de olhos fechados como exercício de corpo integrado: sua indicação foi de que, a partir de um lugar da presença dos sons da praia e da rua, eu pudesse praticar o agulhamento sem pressa, como possibilidade de ativação energética, sensibilização, ativação de memórias afetivas de pessoas, lugares, coisas e ou técnicas. Como seria propor este exercício para outras pessoas? Como seria uma proposta de sensibilização do toque? Como esse fazer poderia nutrir o solo de dança, e mesmo produções audiovisuais? Como garantir minha autonomia financeira com experiências artístico-educacionais que promovam saúde e fortalecimento coletivo? Como me sustentar em apoios vitais?



Fotografias 28, 29, 30 e 31: confiar nos encontros e nas trajetórias traçadas. Fonte: acervo pessoal.

Inspirado no ex-ministro da Cultural Gilberto Gil³³, você me propôs a pensar a clínica comunitária do Morro da Sereia como um chakra, um ponto vital de um organismo

³³ Gilberto Gil nasceu em 26 de junho de 1942, cantor, compositor e político brasileiro, conhecido por sua contribuição na música brasileira com flexões sobre tecnologias e cultura. Em 1999, foi nomeado "Artista pela Paz", pela UNESCO. Em 2021, Gil foi ministro da Cultura do Brasil, entre 2003 e 2008, durante dois mandatos do ex-presidente Lula. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Gil acesso em 18 de junho de 2022.

assim como Gil juntamente com Célio Tourino³⁴ pensaram os "pontos de cultura". Sugerindo criar relações sobre a ideia de Do-in³⁵ antropológico, relacionado a leitura e a conexões com a prática da massagem que também ativa canais e pontos de energia pelo corpo.

O ponto de cultura é análogo ao chakra de um organismo, e a política cultural é comparada a um do-in antropológico. Aveso a qualquer autoritarismo, seja ele estatal ou mercadológico, Gil queria propor um Estado que jamais se arrogasse, com prepotência, a posição de produtor oficial de cultura (ou seja, de uma cultura ideologicamente dirigida). Em sua concepção, o Estado deveria atuar no sentido de estimular – de maneira análoga a uma "massagem", mas que também pode ser enxergado sobre a metáfora, também médica, da injeção – os "pontos de cultura" a fim de que pudessem brotar e florescer as TEIAS. Estas teias são quase o tólos do ponto de cultura: um ponto sai de seu isolamento ao começar a compor esta estrutura maior que é a teia."

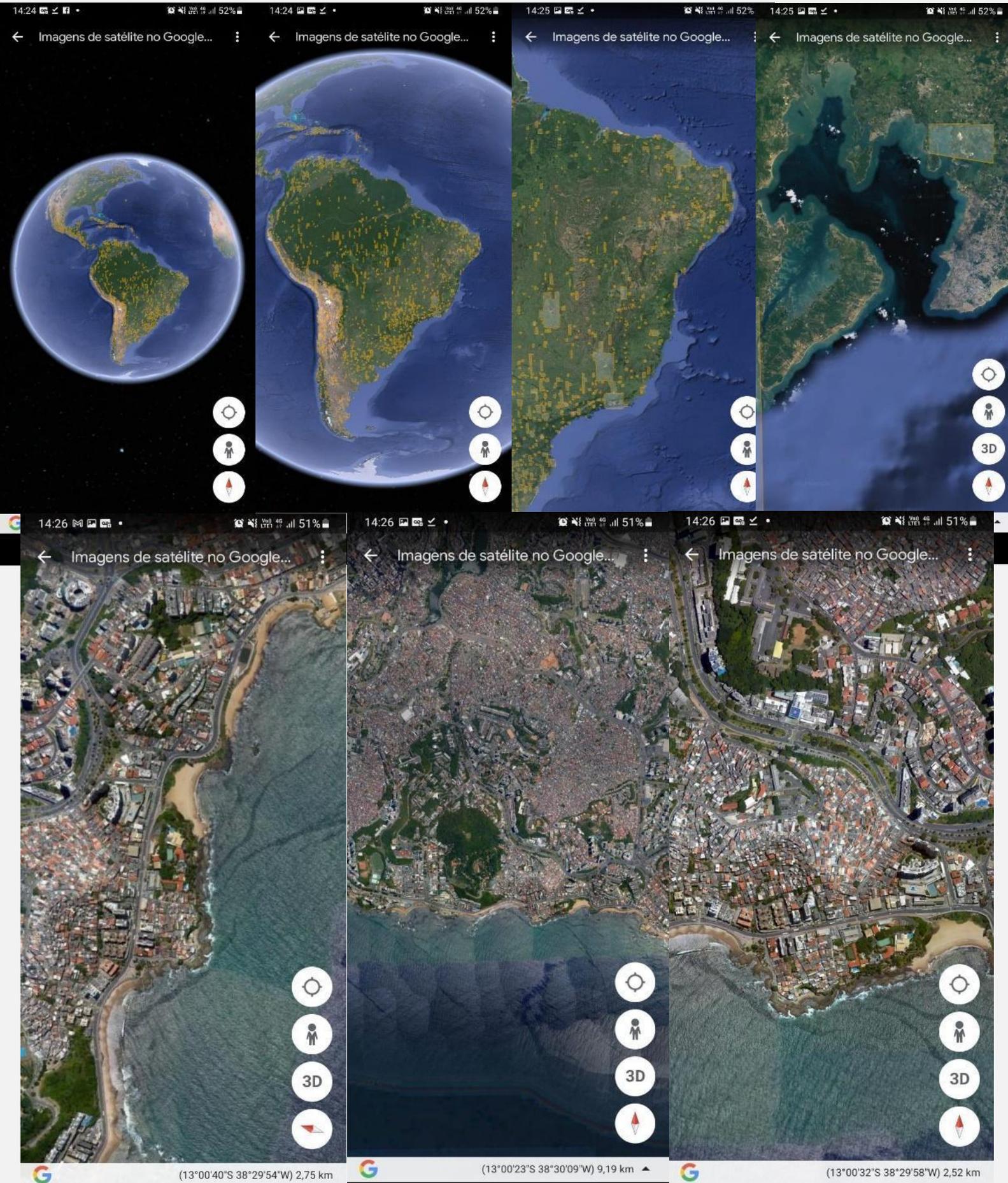
Nesse sentido, se faz muito importante pensar a cultura, as artes e a educação entrelaçadas na produção de conhecimento das comunidades, sobretudo periféricas, que por vezes já possuem seus próprios modos de vida, criações artísticas e culturais, modos de ensinar-aprender. Assim como em um atendimento de massoterapia, o terapeuta toca e é ao mesmo tempo tocado, o mesmo também deve ser entendido em relação às políticas culturais e educacionais em que estado e cidadão também participam do processo de revitalização da cultura brasileira.

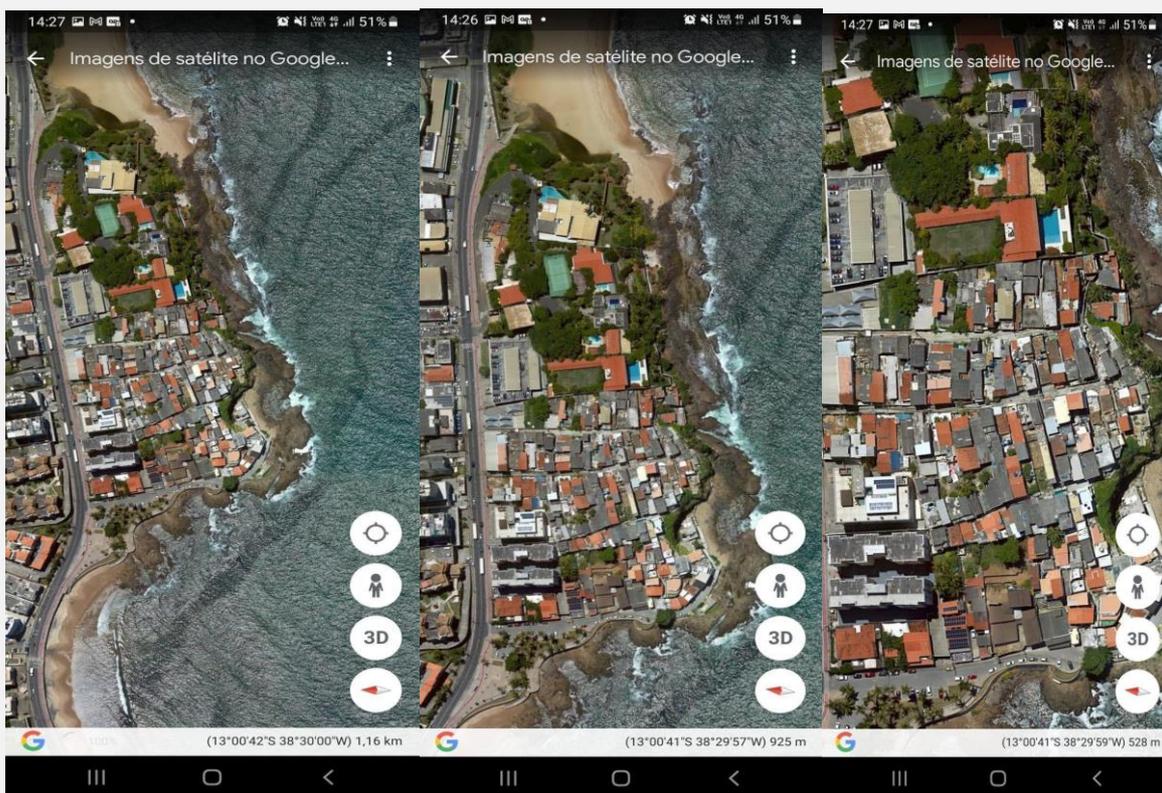
Nos perguntamos: Quais pontos vitais uma pessoa, uma senhora, um vizinho, um amigo, a criação querem mobilizar no bairro ou na rua? Quais energias estagnadas, questões sociais, violências podemos alfinetar no território? Como pensar a distribuição energética dos pontos de escassez e excesso em uma economia energética? Como a potência mobiliza a falta? Como estes pontos vitais podem gerar uma maior saúde

³⁴ Historiador formado pela UNICAMP e criador do projeto e livro pontos de cultura relata a importância de manter contato com cidadãos comuns que conquistam um novo meio para exercer o direito de se manifestarem culturalmente: os pontos de cultura. Disponível em: <https://acasadevidro.com/pontos-de-cultura/> acesso em 14 de junho de 2022.

³⁵ **Do-in** é uma técnica de automassagem de origem oriental, que basicamente utiliza a pressão dos dedos das mãos em pontos específicos do corpo humano, com objetivo de trazer alívio, prevenir, identificar e tratar enfermidades, como dores de diversas origens e problemas relacionados ao estresse, como ansiedade e insônia. Os pontos massageados no Do-In são os mesmos utilizados em outras práticas da medicina tradicional chinesa e japonesa, como a acupuntura, e se localizam nos chamados meridianos energéticos do corpo humano. "Do-In", palavra de origem japonesa, significa literalmente "o caminho da casa", sendo a "casa" uma metáfora para o corpo humano saudável.

energética de nossas danças? Como a dança toca nossos pontos de excesso e excesso como mobilizadores de saúde integrada?





Fotografias 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40 e 41: No Nordeste do Brasil, Salvador, BA. Fonte: acervo pessoal.

Outro procedimento artístico que você me propôs, Leo, foi localizarmos no mapa o Alto da Sereia. Um mapa geopolítico, mas também um mapa corporal e auricular. A partir desta indicação, produzir o seguinte texto:

O Alto da Sereia ou Morro da Sereia têm três escadarias principais de acesso pela Av. Oceânica. Sendo uma quarta pelas pedras e piscinas que ficam do lado do lado da praia da Paciência. Na escadaria do meio onde fica a Escola de capoeira do Nzinga, fundada pela mestra Janja, tem também a escola Ana Neri. Subindo um pouco mais a escadaria fica a casa que morei durante um ano, que a gente chama de Casarão das Sereias. Seguindo até o alto na parte que dá para ver o mar temos a igreja católica em uma esquina onde tem uma viela que dá outro mirante e o bar de Dona Fátima. E nessa igreja chamada Nossa Senhora dos Navegantes onde há também outro ponto vital da comunidade, a Clínica Comunitária.

Sistematizo também nessa carta outras propostas que praticamos juntos:

- Aquecimento: exercitar a presença escutando os sons do ambiente através do procedimento artístico/terapêutico de agulhar o *met* de yoga como pele. Auto ativação de pontos internos de energia vital, ativação de memórias afetivas, pessoas da clínica, memória de procedimentos tradicionais de auriculoterapia, acupuntura, percorrer pontos, meridianos, tocar de olhos fechados, sensibilizar o toque, atenção centrada...

- Do-in: ponto de pressão, ponto de pressão intermitente: procedimento de criação sugerido por Leo de traçar uma trajetória sem compromisso em finalizar e concluir. Tal procedimento nos sugeriu assim como nós cadernos Antropológicos do Do-In pensar em quais pontos vitais mobilizar na comunidade. Quais pontos vitais a senhora ou a criação que mobilizar no bairro, na sua rua? Quais energias estagnadas, questões sociais, violências podemos alfinetar no território? Como pensar a distribuição entre pontos de escassez e excesso em uma economia energética? Como a potência mobiliza a falta?

Este exercício de mover pontos vitais segue como uma continuum de experimentação na relação com objetos, coisas e lugares da rua. Seguindo o fluxo dos toques, mobilização de pontos, respiração enquanto condição de existência.



Fotografias 42, 43 e 44: Toque gentil. Fonte: acervo pessoal.

Neste percurso, exercitamos trazer o olhar para dentro, entregar o peso do corpo para terra, inspirar no umbigo, inspirar no ponto do corpo que sente bloqueio e expirar esvaziando este ponto. Me movi com a respiração para sustentar a movimentação e improvisar uma dança. Os verbos de ação de dar, receber, devolver coisas para o lugar estão dentro da de alguns princípios de toque: pressão contínua insistente e pressão em movimento intermitente. Uma observação importante na pesquisa foi variar os sentidos e possibilidades de movimento, assim como a atenção às mãos, coluna, joelho no sentido de uma economia e distribuição de energia. Compartilho com você algumas anotações que produzi após o nosso encontro:

- *No inspirar e expirar o mover é resultado da ação consciente de ventilação;*
- *Inicialmente a durabilidade do ritmo é consequência do tempo de inspiração e expiração;*
- *Inspirar ficou relacionado ao ato de receber, expirar associei ao gesto de dar e o mover foi uma forma de devolutiva;*
- *As apneias marcaram uma suspensão ou sustentação das ações como flutuar, suspender o tempo/espço, movimento;*
- *Mover com algo do lugar e devolver algo para o lugar pode promover formas de implicação com outros modos de dança, de arte e de vida.*

Observação: deixar que as inteligências corporais do breaking, massoterapia e auriculoterapia façam parte da criação de sentidos e possíveis cenas relacionais.

Agradeço a coragem e solidariedade com algo bem maior, a responsabilidade com o fazer artístico. Estou gostando muito de realizar este trabalho com você, me sinto fazendo uma dança que parte do desejo. Primeiro chão: ser sempre honesto seguindo o caminho do coração. É isso, meu velho, estou aprendendo nesta tutoria e co-direção que o processo de criação é sempre um conjugar arte e vida.

Seguem mais alguns registros em meu diário de bordo, produzidos após as práticas de investigação de movimento:

Ponto vital I: Caminhada da travessia, ritmo lento e duracional. Cabeça alinhada e joelho semi flexionados trazendo sutilmente as ações de dar, receber e devolver.

Ponto vital II: Mover com a respiração em ritmos diferentes, níveis, dar, receber, devolver em uma relação espacial grande, coreografar o olhar do público e com o público. Criar percepção de pontos, nuances, circulação e respiros no olhar.

Ponto vital III: Mostrar pontos vitais do corpo, pode ser como procedimentos reais ou milimétricos da acupuntura, canais de energia, toque pontual, profundos e ou intermitentes, medir distâncias, inverter pontos tradicionais e criar outros pontos de autotoque.

Ponto vital IV: Escolher estrategicamente alguém para tocar, mover pontos vitais de energia de um lugar para o outro, desenhar, percorrer caminhos, dar foco de movimento para quem é tocado, deixar que os sentidos se desdobram na dança.

Após a leitura da sua dissertação de mestrado, intitulada de *A quem cabe o lugar de humano nesta dança? Cosmofricções para danças estilhaçadas* (2021), fiquei pensando na noção de corpo como constelação de corpos. Pelas perspectivas ameríndias, os corpos - sejam eles animal, vegetal, mineral - estão em constante variação, o que diz respeito menos à diferenciação e mais à singularidade. Esse é o ponto vital que me interessa na dança, a implicação ética de dançar constelações de sentidos. Talvez esse seja o sentido mais radical que a arte possa nos ensinar: a potência da experiência.

Considerar a dança como ponto vital é compreendê-la a partir do seu papel fundamental de transformação tanto de pessoas, como contextos sociais e territórios. A participação na Clínica Comunitária atravessa em mim o aprendizado mobilizado de uma comunidade e, por ser artista, a dimensão da arte também devolve outros sentidos de vitalidade para este contexto.

Carta 29 – Para Ângela Maria - Shunyma

Salvador, 03 de abril de 2022.

Querida mestra Shunya! Como vai você?

Sempre fiquei impressionado com sua disposição corporal, com tanto pique dado no curso e na imersão do Método Kusum ModakSM de Terapia Yoga Massagem ayurvédica^{SM36}. Viva essa saúde, disposição em multiplicar essa prática complementar e integrativa para nossa comunidade de terapeutas. Grato pelo pelos aprendizados com você e que foram elementais para desenvolver um bom atendimento, tais como elementos técnicos: a pressão, o tempo, o ritmo e principalmente uma habilidade relacional que é a conexão com a pessoa. Isso muda a forma como o toque será modulado com o corpo do/a cliente. Essa prática de terapia corporal, assim como, a dança e a atividade física, quando realizadas com envolvimento demandam uma atenção meditativa participativa e assistida. Isso é muito bom.

Até onde sei você que percorreu uma trajetória na Educação Física, Pilates, mas fez muitas práticas de meditação e vem seguindo nos estudos ayurvédicos compartilhando dessas influências corporais de uma anatomia sutil em sua prática como terapeuta. Se me permite, gostaria de fazer algumas perguntas: o que é a troca de energia para você? Se tratando de um/a cliente, como percebe isso? Nessa via de mãe dupla do toque terapêutico, como você doa e receber energias que nutrem e ou separa energias de estagnação/excessos? Porque o caminho da massoterapia?

Por falamos em prática corporais gostaria de contar um pouco de uma experiência que tive com alguns colegas terapeutas de formação tais como, Clara Flores, Tatiana Schwartz e Thiago Castro em um contexto em que praticamos o método Modak. Foi uma

³⁶ Indiana criadora do método terapêutico de Yoga Massagem Ayurvédica. “Caçula de três filhos, nunca se casou, “durante a infância e juventude Kusum sofreu com problemas de saúde, particularmente na coluna. Por mais de vinte anos percorreu uma longa, diária e disciplina no Yoga, sempre sob orientação do Shiri B.K.S. Iyengar em seu instituto em Pune”. Seu segundo mestre foi Limaye, especialista na massagem tradicional indiana. Aos quarenta anos e a partir deste encontro passou a adotar as trações e torções em seu trabalho de massagem. Para saber mais sobre esse método ver *A transformação pelo toque* de Alda Martinelli.

prática corporal como aquecimento e sensibilização da percepção e que venho desenvolvendo junto com outras pessoas, estruturando uma oficina de dança a partir de perguntas³⁷: como as práticas integrativas e procedimentos tradicionais ditos de saúde movem a dança? E como as práticas corporais e procedimentos artísticos de dança movem as práticas integrativas e de saúde? Como as práticas de dança podem ser tecnologias para estabelecer vínculos e formas de participação coletiva? Quais tecidos sociais, peles comunitárias, coletivas, do bairro, da sociedade, do espaço do teatro, do galpão, do beco, da praça precisam ser tocadas e estimuladas como uma massagem para melhor distribuir sua energia sócio-política-econômica-cultural?

São perguntas que vem movendo esta prática e esta prática vem movendo com estas perguntas. Vou adentrar na prática compartilhada buscando expressar como se deu um pouco desse pensamento de modo experiencial. Tínhamos como objetivo praticar o aprendizado da técnica e memorização dos passos, transições e trejeitos de tocar, mas também ter esse momento para o cuidado mútuo. Sentindo a liberdade entrelaçar corpo, dança, toque propus um momento de auto toque. Então pedi aos colegas para que se colocassem em pé em roda e fechassem os olhos.

Conduzi para que esfregassem as mãos de modo que ficassem aquecidas, em seguida fazendo um toque muito suave e de pouso das mãos sob os olhos fechados, toque que me remeteu ao último passo de finalização de sessão do método Kusum Modak e das práticas do Laboratório de Performance com a Profa. Dra Rita Aquino. Desse modo, trabalhamos para que cada pessoa pudesse se conectar consigo mesma. Pedi para que percebessem o calor das mãos, a textura, o pouso suave do calor gerado pelo atritar das mãos, o distensionamento dos olhos e, por fim, a ausência de luz. Fui conduzindo para que observassem a respiração, o ritmo, a entrada e saída de ar. Depois fui seguindo para uma espécie de observação externa do corpo, de como estava a posição dos pés, a distribuição do peso e pedi para que não mudassem de posição, mas apenas tomassem consciência.

³⁷A oficina "POUSO - partilhas para expandir noções de dança, saúde e coletividade" vem se estruturando através de uma abordagem prática em dança. Parte deste processo é fruto de relações com contextos comunitários com as componentes de Laboratório de corpo e criação I e II. Tem orientação da Profa. Dra Rita Aquino e a co-direção e tutoria artística de Leonardo França. O contexto de desenvolvimento dessas práticas está ancorado no âmbito do Mestrado Profissional em Dança/PRODAN- UFBA e fruto de minha atuação com atendimentos que realizo na Clínica Comunitária do bairro do Alto da Sereia com moradores do Rio Vermelho e Ondina, Salvador -BA.

Ainda de olhos fechados, esfregamos as mãos mais duas vezes. Na segunda vez pedi que levassem o toque para alguma parte do corpo que julgassem como um ponto vital. Pousamos a mão e percebemos de olhos fechados, com o toque, a região. À medida em que a escuta dessa área ia acontecendo, passei a orientar que continuassem observando se algo mudava na respiração, na região tocada e como aquele ponto para cada uma/um poderia se distribuir por outras partes do corpo. Logo após alguns minutos, passamos para uma terceira rodada.

Pedi para cada pessoa friccionar as mãos mais uma vez e levar algum lugar do corpo que lhe chamasse atenção e/ou que necessitasse ser tocado mais diretamente. Acumulando pequenas percepções do escuro, do jeito de tocar, da pausa, da respiração, da posição do corpo no espaço, orientei que no terceiro toque cada pessoa intencionasse as ações de dar, receber e distribuir³⁸. Após essa prática, percebo que foi garantido um tipo de presença serena, aberta e centrada³⁹, como numa espécie de cartografia do corpo.

Falando dessas relações entre essas áreas de conhecimento, gostaria de destacar que estes questionamentos que a gente vem fazendo e essas práticas, têm sido fundamentais para mim e para pensar dança, educação, práticas corporais, prática integrativa e complementares de saúde com diversos contextos, por exemplo, a possibilidade de compartilhar com outras pessoas. Paulo Freire pensou uma educação não bancária onde não há o depósito de um conjunto de informações nas pessoas, mas uma prática dialógica, em roda, uma abertura, exposição e correspondência ao mundo. O que me remete ao modo como cada pessoa traz consigo o que percebe suas experiências de aprendizado. A partir desse compartilhamento com você querida mestra e caso tenha interesse, proponho a possibilidade de fazermos permutas. Posso compartilhar práticas corporais em seus cursos de formação e imersão. Acredito que estas práticas podem contribuir cada vez mais com o aprendizado dos participantes.

Quero lhe agradecer por mais um momento de partilha e por ter me convidado para ter sido auxiliar de produção e assistente na imersão, foi muito importante para mim. Com essa experiência pude vislumbrar ser também professor desse método tão bacana, e

³⁸ Noções presentes no livro *Pensar Nagô* de Muniz Sodré.

³⁹ Noções presentes no pensamento de Virginia Kastrup.

também refletir de que modo mais pessoas, contextos sociais, instituições de ensino e campos do saber podem aderir essas práticas corporais, procedimentos tradicionais de terapia, mas também de arte/dança. Por exemplo, como seria se o Sistema Único de Saúde - SUS abraçasse as nossas práticas como tecnologias e promoção de saúde, vínculos com comunidades e territórios? Enfim, vou fechando esta carta espero poder somar para construções maiores e de valorização de nós e profissionais do corpo. No mais, sigo desenvolvendo estas práticas corporais em dança.

Um forte abraço e um beijo grande!



Fotografia 45: Shunya e eu na imersão do método Modak de terapia Yoga Massagem Ayurvédica. Fevereiro de 2022. Fonte: acervo pessoal.

Notas sobre a tutoria artística, pistas e desdobramentos de uma oficina

Salvador, 04 de abril de 2022.

Exercício proposto na tutoria Leonardo França do processo de investigação da dança como variação de procedimentos artísticos: Agulhar pontos vitais para mim no trajeto entre a casa em Pernambués e a UFBA.

Objetos escolhidos: Objetos que me conectam a pessoas, a minha família – em especial meu irmão, a lugares nos quais identifico excesso ou escassez de energia

Ação: Medir distâncias com as agulhas. Fazer do ato de agulhar um modo de meditação.

Pergunta: Qual energia eu dou, recebo e distribuo nessa ação?



Fotografia 46: Natureza. Fonte: acervo pessoal.



*Fotografias 47, 48, 49 e 50: Agulhamento da mobilidade urbana entre Pernambués, BA e UFBA.
Fonte: acervo pessoal.*

Anotações: Agulhei o ônibus de Pernambués/BA com intenção de mobilizar o transporte coletivo como um ponto vital do bairro e da cidade de Salvador, BA. Considero o ponto do final de linha do bairro até a Universidade Federal da Bahia como trajeto em que circula vida e pulsa energia com várias presenças. Estímulo à energia de mudança, de renovação e mais cuidado do governo com os usuários de transporte coletivo. Para que as empresas financiadas pelo poder público se mobilizem para propor melhorias à cidade. A linha agulhada de hoje é a que faz o trajeto entre Pernambués, Pituba, Caminho das Árvores, Praça Nossa Senhora da Luz. É o ponto em que salto do ônibus para fazer a integração até as Gordinhas, na nova avenida chamada Milton Santos.

Pergunta: Como agulhar o tempo de espera no transporte público de Salvador?



Fotografia 51: Ensaio para agulhar distâncias. Fonte: acervo pessoal.

Novas perguntas: Como agulhar pontos do bairro do Morro da Sereia que simbolizam e mapeiam a distribuição de energia entre o excesso e o escasso. Quais energias sobram na Sereia e quais energias são escassas? Como conectar o bar dos homens à Clínica Comunitária? Como conectar a disponibilidade para beber com a disponibilidade ao toque? Será que poderia ajudar a fortalecer uma autonomia que evite alcoolismo e violências domésticas? Agulhar garrafas de cerveja? Som do mar e caixas de som no bairro, alguém relata uma maior dosagem entre som e silêncio? Agulhar caixas de som e corais do mar? Manejar a energia de acúmulos de lixo e o desejo de coleta do lixo? Enfim, esboços alguns pontos aqui, mas isso deve ser feito na escuta atendendo as pessoas na própria Clínica.

Segue o link com fotos da prática de agulhamentos do chão geográfico e afetivo experimentado com as pessoas moradoras do bairro do Alto da Sereia, BA).

Carta **30** – Para tocar com arte, implicações éticas, sociais e políticas

Salvador, 06 de maio de 2022.

Caro leitor e leitora,

Como artista, docente, pesquisador, dançarino, educador social, educador somático e massoterapeuta, passei a perceber uma dimensão entre o toque e a conjugação com arte como pontos vitais importantes de serem conectados.

Por meio de minhas experiências com atendimento de massagem e conversa com clientes, sentia que a dimensão do toque já era um tipo de experiência direta em que a pessoa tocada poderia acessar diversas camadas relacionadas às vivências corporais. Por exemplo, a respiração, o peso do corpo no chão, o tamanho dos ossos, a sensação de pele com pele, conforto, acolhimento, a ação da gravidade, a amplitude de movimento nas articulações, memórias, estados de contemplação, sonho, êxtase, visões e diversos benefícios que dizem respeito não somente a melhoras físicas. Mas um entendimento de corpo em que as pessoas tocadas pudessem participar ativamente de seus processos.

Fui percebendo em minhas experiências práticas que tocar um ponto específico do corpo era também tocar sentidos que estavam ligados a situação da tensão de um determinado ponto. À medida em que a pessoa ia por meio da respiração, toques pontuais e intermitentes sentindo a experiência, essa se recordava mais rapidamente da situação ligada àquelas áreas de incômodo ou que requer mais atenção. Assim, fui entendendo que a dimensão de corpo está ligada para além do ponto físico podendo ligar a família do indivíduo, a comunidade que pertence, questões relacionais, existência, processos profundos de mudança, desestabilização, bloqueio, alegria, ambientes, contextos. Ou seja, corpo e saúde em uma experiência expandida.

Então, inicialmente através das práticas de educação somática ao longo da Licenciatura em Dança e mais fortemente no período da Pandemia de Covid-19, fui tomando consciência do corpo e dos aprendizados pelos toques. Era nítido que o toque facilitava os processos físicos, emocionais e espirituais por ser uma ação precisa e direta.

Nesse sentido, o toque para mim tem um papel extremamente importante do ponto de vista pessoal, mas também político, ético, financeiro, educacional, artístico.

A pandemia de Covid-19 acentuou diversos pontos de tensões sociais. Por outro lado, deixou mais explícita a necessidade humana de experienciar artes, contemplação, afetos, socialização, cultura, tudo o que é vital para saúde do planeta, das pessoas, dos animais.

A restrição de ir a um show, abraçar, sentir-se em comunidade, participar de atividades presenciais e diversos tipos de toques individuais e ou coletivos me fizeram pensar na importância desta ação. Que a dança tem um papel fundamental em modos de reeducar ao autotoque, e ao toque de outra pessoa. Aprendemos tocando, sentindo, pegando o mundo, pois nossas memórias ficam recheadas de informações sensoriais palpáveis.

Tenho me perguntado como a dança e a relação com o toque podem promover relações artísticas para além dos protocolos de um atendimento? Quais formas de relação podemos criar através da dança e do toque? Quais afetos nos mobilizam ao sermos tocados/as? É possível gerar estados de relaxamento, mântico, consciente, onírico nos espectadores/as?

E se a criação de um espetáculo de dança fosse conjugada com a experiência da massagem, perguntando aos espectadores/as: você já se tocou no poder do toque? Onde o toque te leva? Quando você toca de que forma você é tocado?

Reflico nesta questão também vital para mim, pois tem sido o modo como tenho experienciado o mundo mais fortemente de 2019 para cá. Onde a dança está se construindo como pertencimento a minha história de vida e como modo comunitário. Busco criar algumas aberturas que possam ser experienciadas, que fazem parte dos meus interesses na relação com a arte e diálogo com o mundo.

Carta **31** - Para Leo

Salvador, 07 de maio de 2022.

Hoje fui à Clínica Comunitária com minha mãe. No percurso de Pernambués até o bairro do Alto da Sereia fomos conversando sobre a experiência prática com dança. Conteí a ela como estava experimentando o transporte público enquanto aquecimento, procedimento criativo, as descobertas no encontro com Leo, o entendimento de corpo e saúde de forma expandida como caminho para mover e o procedimento de agulhar as coisas.

Aproveitando esse momento de cuidado mútuo, eu e minha mãe fizemos tratamentos auriculares. Logo no final conversei com Marquinhos pescador, Denival e Seth sobre assuntos relacionados à saúde, masculinidade, questões sociais sobre pontos em nós ou na comunidade que precisam ser mobilizados para uma maior vitalidade.

Em conversas com esses homens, contextualizei o que tenho feito - dança, massoterapia e o aprendizado da Clínica Comunitária. Falei do procedimento de identificar pontos e meridianos no corpo que fazem com que a energia de excesso ou escassez flua melhor. Tais pontos podem ser encontrados na auriculoterapia, acupuntura, Shiatsu, Do-in, técnica de terapia manuais e até mesmo nos cadernos do Do-in do ex-Ministro da Cultura Gilberto Gil, pensando os pontos de Cultura do Brasil como vitais à saúde e o desenvolvimento do país.

Nesse sentido, pensar a Clínica Comunitária ou qualquer outra organização de um bairro ou de comunidades nos leva a refletir que são pontos que estimulam a vitalidade de território ou uma espécie de economia energética social, política, educacional de sujeitos/as.

Quer dizer, do macro para a relação com o corpo, tocar pontos - sejam de tensão ou dor - são portais, chaves que levam a uma outra percepção de corpo e de mundo. Corpo já não só em sua dimensão física, mas expandida com a geografia do espaço, com as casas, ruas, família, amigos, relacionamentos, pensamentos, sonhos.

Ainda na presença desses homens e pensando no exercício de agulhar coisas e objetos do bairro, contei que eu tinha agulhado o banco do ônibus para mobilizar uma

melhoria dos ônibus. Nesse sentido, perguntei a Denival qual lugar / situação / objeto poderia ser agulhado, na percepção dele, como forma de mobilização da energia de excesso e ou saúde?

Denival respondeu que agulharia uma carteira de cigarro. Assim criamos uma situação. Na frente da porta da igreja católica onde acontece a Clínica, em um cercado com plantas e um mirante, experimentos escolheram em que posição ficaria a carteira de cigarros. Vendo a imagem de um pé com gangrena sugerida pela própria empresa alertando sobre o tabagismo, convidei Denival para aplicarmos as agulhas juntos nessa imagem.



Fotografias 52, 53 e 54: Quatro cantos. Fonte: acervo pessoal.

Em conversa com Seth acerca do mesmo procedimento de experimentação, escolhemos ir ao mirante próximo a quitanda da Dona Fátima onde aconteceu a Clínica no primeiro período de abertura da Pandemia de Covid-19. Ao caminhar para lá, fomos entendendo que talvez uma coisa a ser agulhada tinha uma forte relação com a

masculinidades no sentido do uso abusivo de álcool. Fizemos um agulhamento da lata e da garrafa de cerveja como forma de intencionar uma maior saúde.



Fotografias 55, 56, 57, 58, 59 e 60: Mobilizar energia yin. Fonte: acervo pessoal.

Ao orgulharmos a garrafa, lembramos de uma história que ocorreu em um dos momentos ainda de muita crise durante a pandemia, uma cervejaria criou toda uma situação com os moradores da Rua da Aiocá para gravar um clipe na comunidade para fazer publicidade de sua marca. Em conversas que fomos pegando com a vizinhança “um pouco aqui e um pouco ali”, percebemos que a comunidade estava dividida com a situação.

Parte dos moradores se organizou para conseguir cestas básicas, produtos de limpeza sanitária e máscaras durante a pandemia. Outros moradores, devido à falta de sustento por conta da crise política, financeira e sanitária, estavam aceitando o baixo valor que a cervejaria ofereceu para utilizar suas casas como palco e camarim, mesmo tratando-se de uma produção de grande porte e que certamente mobilizou grandes quantias de dinheiro.

Para além do valor pago aos moradores que precisavam se sustentar, trata-se de refletir a respeito do que fica para a comunidade quando a empresa de cerveja vai embora? Que tipos de relações e vínculos de pertencimento são construídos neste contexto? O lucro da indústria do álcool vai ser revertido para alguma ação duradoura para a comunidade? Que tipo de educação e cultura se cria com a imagem de beber cerveja no verão?

Formular essas perguntas não como se fosse proibido consumir substâncias, mas por pensar que ainda existem muitos homens que encaram desafios na vida do uso excessivo de bebidas alcoólicas. Muitas vezes esta alternativa leva a diversos outros problemas, desde falta de autocuidado como situações de violência doméstica. Então qual o papel da mídia e das empresas nestes contextos de vida onde muito se investe no consumo e pouco em uma cultura de consciência saudável?

Percebemos que agulhar a latinha de alumínio seria mais difícil, e fizemos o agulhamento no papel alumínio do rótulo da garrafa de cerveja. À medida em que íamos realizando esta ação, lembramos de algumas presenças de homens bêbados no ambiente da Clínica. De modo tal que havia uma abertura das emoções, do corpo que dança de uma fala mais profunda. Coabitando com estas presenças, fomos entendendo o papel da Clínica como importante no sentido de dar abertura para estas pessoas ao tratamento

auricular, massoterapia e maior conexão consigo mesmo. Sabemos que as pessoas sabem se cuidar e que este contexto foi potencializando ainda mais esse tipo de atitude de forma mútua. Como disse Denival, a comunidade é maravilhosa e para ela a Clínica é como uma grande família.

A partir das memórias que iam sendo despertadas, fomos conversar com um morador que um dia teve uma infecção no intestino que, se não fosse cuidada, o levaria a óbito. Esse morador ficou em abstinência devido ao uso abusivo de álcool o que levou a delirar ficando muitos dias em casa. Ele emagreceu e a situação de vulnerabilidade o deixou deitado durante muitos dias em um sofá que estava já na madeira. Acabou gerando uma grande ferida próximo ao sacro.

O que levou a comunidade e outros terapeutas a se solidarizar por esta pessoa, também compreendendo como uma questão muito cara para nós: as masculinidades. Repensar essa posição no mundo de modo em que o desenvolvimento seja menos a um bloqueio da vida e mais um fluir saudável. Percebemos que presenças de ordem comunitária viabilizam uma rede de solidariedade, como diz Milton Santos e a Professora Beth Rangel, uma rede de forças. É vital para o território, para o bairro práticas de prevenção, práticas artísticas, educacionais, culturais que viabilizem este estado de saúde.

Carta 32 - Para Keila Oliveira e turma de Laboratório de Corpo e Criação, fluxos que se retroalimentam e se nutrem

Salvador, 12 de maio de 2022.

Oi Keila e colegas!

Vou contar um pouco de uma experiência que tive com Keila.

Hoje em prática solística foi bom me mover com tua presença. Gostei daquela música que você colocou. Qual é o mesmo nome? Acho que os laboratórios oferecem às nossas pesquisas outras presenças e nutrição. Criamos uma dinâmica de ensaio voltada para a pesquisa de movimento. Em vários momentos, quando fazia uma pausa, dava pra perceber isso na sua prática. Tinha um momento que parecia de novo um duo. Como aquele que fizemos no início do semestre.

Nesse dia, cheguei na UFBA com a expectativa de testar uma cena relacional com toque, faz mais de um mês que quero tatear essa ideia, mas hoje nem rolou como eu esperava, rs. Por outro lado, no início da prática você comentou que estava com dor muscular em todo corpo e isso ficou insistindo enquanto pesquisava. Fiz um aquecimento que era pressionar a parede com pontos intermitentes e pontuais. Mantinha viva a ideia de tocar pontos vitais da praça, da árvore e do banco. Fui revezando em duas chaves para perceber como o contato com a parede voltava para o corpo e o corpo para a parede, quase como um pouso. Depois experimentei ao mesmo que acontecia auto toques (em alguns momentos gestos declarados de carinhos). O motivo da pesquisa de hoje tinha relação com o retorno que tive da turma dos solos de Laboratório de Corpo e Criação e que fez muito sentido com a investigação. A nova camada era curtir, aproveitar, viver os momentos pequenos dentro desses toques e ou carinhos, assim como fazer pausas mais longas sustentando a imagem do corpo no espaço. Por que estou fazendo isso? Estou pesquisando como co-habitar força e delicadeza das mãos que empurram fortemente o corpo contra o chão, mas também que o acariciam.

Depois que a movimentação foi se desenvolvendo para pontos de pressão no chão, subidas e descidas, inversões, quer dizer diferentes apoios no chão que iam trazendo como pano de fundo da dança *breaking* e capoeira (aspectos de criação compreendido na

tutoria e co-direção com Leo); também passei a quebrar a lógica do movimento. Ou seja, quando eu estava controlando ou pensando no próximo movimento, mudava a direção, me surpreendendo com os caminhos que o corpo encontrava sem meu controle consciente. Essa é a parte que me desafia muito, porque preciso quebrar com a constância do meu ritmo para deixar surgir novas possibilidades de movimento e pausas inesperadas.

Estavam rolando muitas camadas de percepção e junto a isso seu comentário sobre sua sensação corporal. Acredito que neste dia, como em outro, sua presença bem como dos colegas ajudou a ativar mais uma energia de terapia como em Lygia Clark, em que o caráter pessoal diferenciava seus atendimentos de um psicólogo. Co-habitar ao mesmo tempo/espço da sala com seu corpo foi me convocando fisicamente a necessidade de experimentar um tipo de tônus e movimentos que remetesse como plano de fundo a massoterapia.

Foi aí que lembrei que tinha levado a maleta de óleo essencial, óleo vegetal, pó indiano camulas... Essas coisas que utilizo em meus atendimentos. Então próximo da vela que acendi, abri a mala e fui sentir as coisas, os cheiros, as texturas, as plasticidades, as visualidades que convocam sobretudo em mim uma maior sensorialidade. Passei alguns dos produtos na mão, deixei as coisas abertas na bandeja e voltei a mover no espaço como um todo. Vi que você foi lá curiar as coisas, risos. Achei isso interessante e já fiquei pensando como uma cena relacional.

Em seguida me veio um *insight* de que você estava participando de algum modo. Então passei a compor com você em alguns momentos de modo mais intencional. Fui fazendo algumas perguntas enquanto me movia: é possível massagear a distância? Como criar toques sem tocar na pele? (Lembrei de Camila com sua pesquisa na dança de salão). É possível fazer da pausa um tipo de toque? Como manter contato energeticamente a distância? Como criar uma dança que cria intencionalidades de acolhimento, aconchego, carinho, relaxamento e sensações sensoriais que convocam a participação das espectadoras/es? E a última pergunta que fiz e que talvez mais conseguir testar foi: como massagear enquanto dança apenas com vento das mãos?

Rolou uma situação em que você pausou e passou a me observar e literalmente estavam pulsando essas reflexões. Fui me aproximando de você e no meio da dança fiz

vento com as mãos compartilhando o cheiro do capim santo, entrando em algumas pausas, observando teus risos, dúvidas do que fazer e fui jogando com isso em minha forma de mover. Ao mesmo tempo compondo a energia que você me devolvia, que era de leveza e entrega do corpo para o chão. Foi incrível e inesperado, acho que saímos transformados rendendo até uma boa conversa sobre nossos processos de criação e alguns pitacos.

Gostei de conhecer de perto sua criação e a relação com sua Orixá, ligada à energia da cobra. Ter visto a sequência coreográfica que criou nesse dia me trouxe a sensação de que essa coreografia poderia ser feita também com muitas pessoas. Já pensou em experimentar esse trecho onde os dançarinos realizam a sequência entrando e saindo de lugares diferentes da sequência sem que ela pare até isso ganhar um continuum de velocidade? Percebi na sequência coreográfica relações com a coluna, cintura escapular, braços, coração e mãos, sinuosidade e força. É bom de ver e a música curiosa, ambas as coisas dançam com a gente. Agradeço muito por compartilhar sua coreografia, falar do teu processo, escutar um pouco do meu, assim como por toda troca. Esse encontro foi vital para nós. Que sua dança se multiplique com as rodas da Pretagogia de Sandra. Salve as realezas!

Abração e beijo grande!

CARTAS PARA O FUTURO

Carta **33** - Para Marcos Paulo Alves Rodrigues

Salvador, 19 de maio de 2022.

Salve mano meu!

Quero aproveitar esse gás da escrita para manter de algum modo contato com você. Acredito que essa nossa forma de se comunicar a distância é muito saudável. Assim vamos matando a saudade e dando um jeito de passar o tempo. O motivo desta carta tem relação com dois pontos vitais: o trabalho de dança que estou desenvolvendo com o artista Leonardo França; e a pergunta: como reconstruir nesse caminho de dança o próprio sustento?

Bom, hoje limpei a casa de cima para baixo e fiz um atendimento de massoterapia em uma colega de turma que está contribuindo com meus trabalhos de massoterapia e auriculoterapia, serviços que vou conjugando com os estudos. Estou atendendo-a antes das aulas de Laboratório de Corpo e Criação na Escola de Dança da UFBA. Já é uma forma de começar a aproveitar a concentração gerada no atendimento para fazer meu trabalho de investigação do movimento.

Nesse dia, surgiu um material de experimentação do trabalho de dança novo. Gestos de se limpar, limpar o espaço e limpar as pessoas espectadoras como constantes varreduras, gestos parecidos com "dar um passe" ou um ritual. Gestos e ações cotidianas também encontradas na técnica de massoterapia da Thai Yoga Massagem, aquela que utilizei no seu atendimento quando você foi me visitar no Alto de Sereia, BA. Estou realizando gestos de dança próximos deste universo. É meio louco te falar isso, mas tu lembra quando Zé faleceu e que tive que trabalhar na limpeza do Aeroporto Internacional de Brasília? Era uma jornada 12 x 36, a noite e a madrugada toda! Foi uma crise financeira bem na época que eu tentava conseguir um serviço de professor de *breaking* no Projeto Hip-Hop Pró Ativo, e fiquei com o trampo para segurar a onda. Mas também foi um super aprendizado de vida me perceber na situação de uma grande parcela de trabalhadores/as brasileiros/as, assim como Mainha que também trabalhou de auxiliar de serviços gerais uma época para o Banco do Brasil.

O vizinho Messias que morava do lado de nossa casa em Brazlândia, DF me arrumou esse emprego no aeroporto e anos mais tarde esse para Mainha. Foi o que o salvou na época. Eu só agradeço porque a gente pode com nosso suor guardar dinheiro para construir a casa que vendemos lá em Brazlândia, DF. Essa experiência foi tão significativa que voltou à minha memória com a dança e gerou uma força de vontade para desenvolver projetos, como por exemplo, me dedicar aos estudos do Exame Nacional do Ensino Médio. Trabalho é trabalho e nada melhor que comer o pão e o fruto do nosso suor. Depois que encerrei as atividades como profissional da limpeza, eu prometi a mim mesmo que só voltava no aeroporto para viajar. Passei no ENEM e entrei no Instituto Federal de Brasília na Licenciatura em Dança-IFB. Quando voltei ao aeroporto, eu estava no quarto período do curso e indo viajar pela primeira de avião para São Paulo para fazer uma apresentação com o coletivo irmãos Guimarães. Como foi a sua sensação de viajar de avião para Salvador, BA? Já pensou a gente viajar juntos para trabalhar e realizar em outros estados do Brasil esse trabalho em dança?



Fotografia 61: Da esquerda para direita Marcos Paulo Alves Rodrigues (irmão) e Rafael Alves de Assunção Oliveira no Aeroporto Internacional de Salvador, BA. 27 de agosto de 2020. Fonte: Acervo pessoal.

Bom, existem muitas memórias, mas quero adentrar nessa coisa desse trabalho de dança como sustento e recomeço. Eu e Leo França, professor e co-diretor, temos chamado essa dança de uma dança de recomeços, não como uma repetição e sim uma nova forma de iniciar, tá ligado? Uma dança que insiste em pausas, pousos para retomar uma movimentação vigorosa. Nesse sentido, a dança tem como pano de fundo inversões do *breaking* dance e capoeira, mas bem diluídos. É uma dança que toca em pontos vitais do corpo, do espaço e do público. Um entrelaçamento de cultura popular e contemporânea, habitando força e sensibilidade. Nesse sentido, te pergunto: o que é vital para recomeçar? Como recomeçar a vida após a pandemia de Covid-19 e a mudança de estado?

Para expressar um pouco do processo e você saber de onde estou partindo, tenho investigado como princípios da massoterapia e a da dança *breaking* são caminhos para uma sensibilização e aproximação coletiva. Como a dança nos faz buscar novas formas de apoio, formas de perceber e inverter/inventar novos mundos? Depois que compartilhei com você episódios difíceis em minha vida, senti vontade de desistir dessa profissão, por outro lado ter continuado tem me feito buscar apoios vitais de saúde e de reconexão comigo mesmo. Espero que este trabalho seja fruto de vozes coletivas e novas possibilidades de viver.

Hoje no aquecimento passei óleo essencial de lavanda na mão e esfreguei até esquentar. Levei as mãos próximas dos olhos sentindo o calor das mãos na pele. Fui entendendo essa sensibilização por meio dessa forma de toque como minha preparação corporal para o ensaio desse dia. De joelhos e com uma vela acesa no escuro da sala fui tornando a prática de preparação corporal como um estar no aqui e agora, ou seja, um aquecimento da percepção e da abertura da escuta do corpo. Tipo uma espécie de percepção sensorial aguçada ou como dizem no senso comum, expansão da consciência. É lógico que sabemos que as plantas têm poder para tal, a lavanda e o capim limão acalmam e geram fluxo de pensamentos criativos. Por isso, tenho apostado além do poder do toque, no poder dos aromas. Ao ter tateado o calor das mãos próximas ao corpo fui transferindo para outras partes como braços, tronco e pernas. Fui escutando as necessidades do corpo ou das partes que a energia tinha que ser desbloqueada, como alguma tensão desnecessária, emoção ou sentimento que precisava fluir. Depois que

passei a atender, fui percebendo que corpo são camadas que vão além do físico, do que é visto. Essa prática de investigação por meio de sensibilização do toque me remete a minha avó por parte de pai. Sempre que atendo com massoterapia me lembro dela, mas também de meus avós e nossos bisavós em que os aspectos dos trabalhos com as mãos tocam uma camada intergeracional em nossa família.

Outra coisa nova que foi surgindo no processo de criação dessa dança foi a vela acesa. O mesmo procedimento que faço quando vou atender, de acender a vela. Passei a trazer essa ação com o processo de criação em dança. Talvez seja por isso que as pessoas lembram de ritual. Sinto que ajuda a me conectar com a fé, ou seja, com uma intencionalidade na expressão do movimento. Fui pesquisar a vela aparece em várias tradições, culturas afro, orientais e indígenas, a exemplo os PIRIPKURA⁴⁰ que têm o fogo como algo para aquecer, iluminar o caminho, assim como, a importância de manter a floresta em pé e viver. Outra prática japonesa chamada Reiyukai é acender velas para os antepassados a fim de queimar carmas, ou seja, repetições inconscientes da vida. Nas religiões de matrizes africanas é comum acender velas para as forças da natureza como, por exemplo, a orixá que se mostra em forma de águas salgadas, Iemanjá. Bom, existem muitos significados para a prática de acender velas, até mesmo para relaxar, tomar banho, jantar, ler um livro, fazer uma oração. Fui lembrando dessas coisas enquanto me movia em volta da vela, foram os sentidos que fui construindo me remetendo ao ritual de limpeza energética da dança.

No decorrer da movimentação fui expressando gestos enquanto dançava relacionados a limpeza, o próprio corpo, os lugares, os cantos da sala de ensaio, as pessoas e junto a isso fui fazendo algumas inversões/movimentos de apoios no chão próximo a vela. Criei composições com luz e sombra. O figurino tem sido uma calça de aikido chamada hakama na cor preta. Leo e eu estamos pensando em grafismos indígenas e afro que tragam a relação preto e branco, ou seja, elementos das culturas afro-indígenas. Irys, nossa amiga da dança e costureira, vai fazer comigo o corte e costura desse tecido com

⁴⁰ Os três últimos povos dessa etnia que vivem na floresta amazônica de forma isolada apenas com uma tocha de fogo que mantém aceso, às vezes, durante dez anos. Vivendo apenas dos recursos que a natureza dispõe lutam para não apagar o fogo e manter a floresta em pé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=14cnpfBEWeo> acesso em: 13 de junho de 2022.

grafismo nessa calça e também um quimono branco. Utilizo para iniciar recebendo as pessoas e fechar a apresentação. Após uma mostra desse processo, já brinquei com Rita, minha orientadora, Leo e Janaína do curso do PRODAN e que assistiram que eu estava finalizando “o atendimento terapêutico coletivo”, rs. Às vezes me sinto curandeiro ou alguém que está sendo curado, hahaha.

Esse dia foi tão significativo que tive a sensação de estar me aproximando cada vez mais de um trabalho para ser compartilhado. Me recordei também daquele sonho que minha mãe teve em maio de 2020 sobre as águas de cura. Que diz assim:

Deixa eu te contar um sonho que tive essa noite... eu sonhei que viajava e chegava em um lugar muito bonito onde tinha uma praia... só que aquela água era de cura. Aí em volta daquele ribeiro tinha um pé de...? Uma árvore enorme...Aí no pé dessa árvore estava assim um pouco suja e diz que chegava algumas pessoas limpando em volta da árvore ficando limpinha. E ah! Enquanto a água, eu ficava maravilhada com aquela água, eu enfiava a mão e dizia porquê que eu não trouxe uma vasilha para levar dessa água. A água era azul! Eu pegava ela com a mão e eu ficava maravilhada. Acordei com eles limpando em volta dessa árvore. Essa noite eu dormi... foi uma das noites que eu dormi bastante mesmo. Parece que assim a minha mente descansou, sabe? Foi uma... Dormi direto, deitei cedo e tive esse sonho de manhã.

Acredito que uma dança de recomeços ou (danças de recomeços) passem por este lugar de varredura, cura e encantamento. A dimensão dos sonhos, dormindo ou acordado, gera nos espectadores/as a capacidade de sonharem e se encantarem pelo mistério da vida. Apesar dos pesares, sonhar mundos dentro de outros mundos. Menos urgência em contar o tempo cronológico e mais se permitir viver o caminho. Por exemplo, observe agora mesmo a sua respiração como um elemento vital do corpo. Se me permite, lhe pergunto: como sonhar sonhos possíveis que gerem outras danças? O que sonham as pessoas amigos/as por aí? O que sonha esse país?

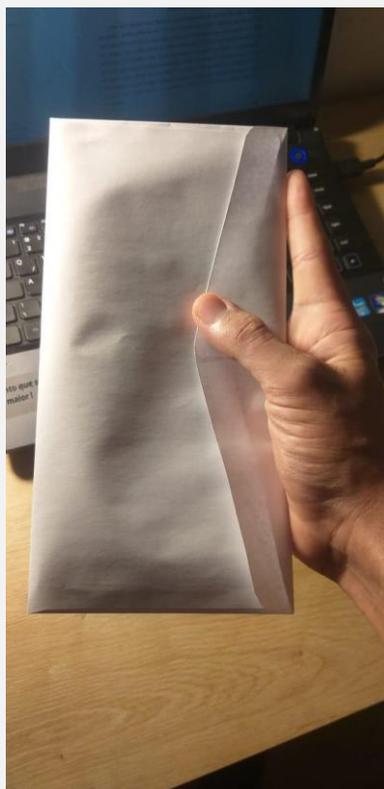
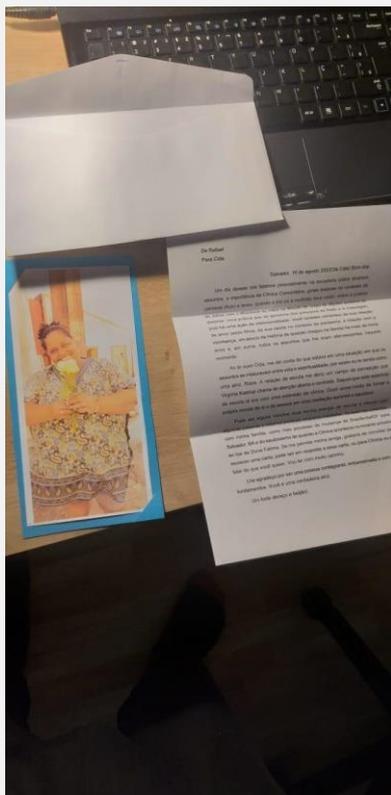
Vou me despedir, deixo um forte abraço e agradecendo a você que me lê e faz parte do meu sonho. A gente vive um no sonho do outro. Se você é mesmo um sonhador, lhe convoco a olhar agora mesmo para suas mãos e agradecer as deusas/es que aí residem.

Carta 34 - Considerações finais: cartas em um mesmo envelope

Salvador, 15 de agosto de 2022

Caro leitora e leitor, escrevo esta carta a vocês apontando futuros possíveis. Considero provisórias e mobilizadoras as respostas acerca das perguntas iniciais desta pesquisa: como o chão me move? Como mover o chão? O percurso me trouxe até aqui, e se desdobrou nos resultados que irei apresentar a seguir. Quero destacar que as perguntas por vezes são mais importantes do que respostas, essas perguntas foram como um procedimento primeiro, para me escutar e escutar chãos. Posso dizer que tais perguntas moveram e seguem movendo diversos chãos. Chãos das ideias, chão da concretude, chãos dos afetos, chãos do por vir.

É importante dizer que algumas cartas foram enviadas via WhatsApp, por correios, e-mail e entregues pessoalmente. Algumas foram respondidas por mensagens de texto e voz do aplicativo de bate papo com pequenas mensagens de texto, voz, vídeo e *gifs* em forma de agradecimento e desejo de aproximação do material como um todo. Algumas cartas têm sentido e compreensão em si mesmas, porém o sentido maior do contexto da pesquisa é complementado com a leitura das demais cartas. Ficou evidente que a leitura e a resposta das pessoas que receberam, demonstram a potência que esta forma de escrita em formato cartas gerou afetivamente e reflexiva. Contudo não tive retornos no mesmo formato epistolar, mas desejo trabalhar esses retornos futuramente. E também que o caráter afetivo e reflexivo são formas de tecnologia relacional para estabelecer vínculos e construção de pertencimento com pessoas, comunidades e territórios.



Fotografia 62 e 63: Carta para Cida, moradora do Alto da Sereia e participante da Clínica Comunitária. 15 de Agosto de 2020. Fonte: Acervo pessoal.

Outra possibilidade é a própria continuidade do caráter da escrita em caráter afetivo direcionando e intencionalizando a novos remetentes ampliando as discussões com novos referenciais corpo, dança, cultura, educação, diáspora, política e movimento negro sugeridos pela banca. E mais, o retorno para pensar uma nova forma de síntese dos materiais/produtos será importante do ponto de vista profissional e acessíveis a diferentes públicos. Desse modo, as indicações vão viabilizar que a síntese dos procedimentos artísticos e educacionais circulem de diferentes formas, aqui no formato do memorial e em forma de programa (folder/catálogo) para diferentes sujeitos/as e contextos que esta pesquisa dialoga e dialoga.

Nesse sentido, apresentamos aqui um caderno com uma síntese do trabalho de preparação corporal e criação de sequência coreográfica de breaking desenvolvido com Lucio Piantino, o material para investimento na circulação do espetáculo "Pouso" em mostras e festivais, um desdobramento da oficina "POUSO partilhas para expandir noções de dança, saúde e coletividade" destinada a todas as pessoas artistas e não artista

interessadas em práticas transdisciplinares entre arte, saúde e comunidade e o resultado do Evento Escuta: mostra da Clínica Comunitária com lambe-lambes (fotos presentes), práticas corporais, roda de conversa e lanche no bairro do Alto da Sereia, BA.



Escuta: mostra da clínica comunitária

Imagens 64 e 65: Arte gráfica criado por Lina Maria. 10 de agosto de 2022. Fonte: Acervo pessoal.

Caro leitores e leitoras, foi a primeira vez que fui mobilizado a articular um evento como este no Alto da Sereia com uma programação que envolvessem as pessoas, a pesquisa, a relação entre universidade acadêmico e sociedade, arte e saúde associada entre diferentes contextos e sujeitos/as, bem como, a relação de corpo e saúde integrados, construção de vínculos e formas de pertencimento entre comunidades e territórios. Graças a todas as pessoas envolvidas conseguimos realizar mais um evento cultural e de saúde popular da Clínica. Como diz o nosso ex-ministro da cultura Gilberto Gil em uma

entrevista: ...” cultural é ordinária. Cultura é como feijão com arroz, é necessidade básica. Tem que está na mesa, é necessidade básica de todo mundo”.

Pré-produção

Falando sobre um evento cultural, na pós-produção criei um cronograma junto a Rita e em seguida entrei em contato com alguns moradores/as e participantes para criarmos um grupo de WhatsApp onde pudéssemos comunicar sobre a relação deste evento e os detalhes. Jussara disse que poderia ficar com a parte da alimentação, ela fez salada de Frutas e Abará⁴¹ Também fizemos com Roberta, Seth e eu uma reunião presencial para debatermos sobre as ideias de como, e onde fazer. Pensamos as possíveis imprevisibilidades do tempo (clima) e elegemos uma segunda opção de espaço caso chovesse, a sala da igreja Nossa Senhora dos Navegantes onde acontece atualmente a Clínica. Conversamos também sobre onde poderíamos colocar os lambe-lambes. Nessa reunião, surgiu uma primeira proposta de programação de atividades que foi sugerida na arte gráfica acima feito por Maria Lina⁴² e com a imagem de Denival Marinho. Mandei algumas opções de imagens para Lina e ela pegou a fotografia de quando as imagens para exposição estavam prontas criando essa linda arte gráfica com a fotografia de Denival que Roberta fez no dia do evento com a Meditação com as Rosas.

Entre em contato com Denival para perguntar se ele me autorizava a utilizar sua imagem. Eu disse a ele que era uma imagem muito bonita, por ele ser um dos idealizadores da Clínica Comunitária e estar próximo do dia dos pais, seria legal que fossem a imagem dele. Denival autorizou e saiu esse lindo cartaz para divulgação do evento que teria o mural de fotografias de dois anos com porta retrato feito por Bia Borsoi⁴³

⁴¹ Abará é feito da mesma massa do acarajé, o feijão-fradinho, só que cozido a banho-maria na palha da bananeira ou papel alumínio. É uma comida típica africana que faz parte da cozinha baiana e também uma comida ritual dos terreiros de candomblé.

⁴² Maria Lina é colombiana, artista visual, assina suas obras em murais como Nativa Ilustra moradora do Alto da Sereia há mais de quatro anos, já participou de outras versões da Clínica Comunitária antes da pandemia de Covid-19.

⁴³ Bia Borsoi é carioca, artista do circo, educadora infantil, fez oficinas com as crianças do Alto da Sereia e participou da Clínica Comunitária agora na pandemia Covid-19.

Um certo dia fui na casa de Bia pegar alguns livros e aproveitei para contar dessa movimentação com a Clínica, nesse dia, Lina também estava. Foi quando compartilhei a ideia de fazer uma exposição/mural com as fotos. Bia comentou que poderia colaborar fazendo porta-retratos que pudesse ser entregues para os moradores/as. Quando as fotos estavam prontas fizemos outra reunião para mostrar as imagens, discutimos a ideia e dar seguimento nos porta-retratos.



Fotografia 66: Fotografia feita por Rita Aquino do Mural de exposição do evento Escuta e no fundo pintura de Lina Maria. Alto da Sereia/BA. 13 de agosto de 2022. Fonte: Acervo pessoal.

Foi muito interessante se perceber em outra posição de pré-produção do evento. É extremamente trabalhoso no sentido de estar constantemente refletindo nos detalhes e no todo, tem que ter uma capacidade de amarrar as pontas no sentido da comunicação para que as coisas possam acontecer coletivamente e de forma harmônica. É um trabalho de presença e antecipação, bem próximo de noções e capacidades praticadas que a dança proporciona. A pré-produção me remeteu bastante aquela ideia de realizar trabalhos de forma independentes, assim como, ONG'S, artistas, coletivos, comunidades, associações e pessoas comuns fazem sem apoio financeiro do estado. Pude sentir essa experiência e ser muito grato porque mesmo com muito trabalho eu não estava só.



Fotografia 67: Fotografia feita por Bianca Borsoi após a montagem do mural. Alto da Sereia/BA. 13 de agosto de 2022. Fonte: Acervo pessoal.

O que o compartilhamento da ideia do catálogo com os/as participantes ajudou a pensar como futuro desdobramentos?

Fizemos mais uma reunião Roberta, Seth e eu. Compartilhei que o catálogo só seria possível de ser realizado mais para frente por conta das demandas e prazos. Mas a partir deste projeto a gente poderia pensar em catálogo para cada terapeuta participante mostrando o seu currículo, trabalho específico e sua forma de atuação conectado à Clínica. Isso também tocou novamente em diversos pontos vitais relacionados a sustentabilidade e mobilização de outros eventos no contexto da Clínica, como oficinas de partilhas de aprendizados, oficinas de profissionalização, eventos culturais e a necessidade de criar novas parcerias.

Então decidimos seguir organizando as imagens da Clínica em um drive para captar recursos no futuro para pagar as pessoas que atendem e propõem oficinas, sejam de práticas integrativas ou artísticas. Projetamos também a possibilidade de conseguirmos pessoas que nos ajudem a captar recursos para desenvolver diferentes oficinas aos finais de semana, custear materiais e, enfim, que os moradores pudessem participar. Seguindo essas reflexões, o que podemos fazer no momento é seguir mobilizando as pessoas participantes que recebem tratamento ou atendimento para continuarem contribuindo com quantias mensais, mas também garantir que algumas pessoas sem acesso ou condições possam continuar sendo tratadas. Captar recurso de forma significa não só o custo de materiais, mas a valorização e o reconhecimento dos/das profissionais que se dedicam à saúde popular. Por isso também, esboçamos coletivamente um texto com um projeto de oficinas da Clínica.

Mostra Escuta

A princípio tivemos uma primeira ideia de programação das atividades que era realizar em locais diferentes no próprio Alto da Sereia até seguimos para o mirante. A prática corporal de Qi gong⁴⁴ ministrada por Roberta e Seth seria feita em frente à igreja

⁴⁴ Prática corporal de origem chinesa que trabalha a economia de energia e o estímulo da energia vital, também para tratamento de doenças, aumento da longevidade, desenvolvimento da espiritualidade e diversos níveis de consciência.

Nossa Senhora dos Navegantes, depois teria uma caminhada para colar lambe-lambes e por fim, a apresentação de Pousos seguindo de roda de bate-papo e confraternização no mirante próximo ao bar de dona Maria de Fátima. Porém, no dia, teve uma garoa bem cedo o que sugeriu outra dinâmica e organização dessas atividades e espaços. As pessoas moradoras e participantes chegaram mais tarde, o que me fez refletir que há um tempo na coletividade e na própria dinâmica do Alto da Sereia ou em geral, para que as coisas sejam realizadas de forma coletiva.

No entanto, o tempo que parecia chuvoso firmou, com isso decidimos concentrar todas as atividades no Mirante. Assim o mural de fotografias-presentes foi exposto junto a pintura de Lina e no espaço corredor/beco que dá para o mirante e a igreja. Os Lambe-lambes foram autorizados pelos participantes e moradores.



Fotografias 68, 69, 70 e 71: Roberta Rox colando lambes de Dona Damiana, Denival e última imagem da esquerda para direita Fernando apontando para seu próprio lambe. 13 de agosto de 2022. Fonte: Acervo pessoal.

Em seguida teve a prática de Qi Gong ministrada por Roberta e Seth, seguido do trabalho de terapia auricular. Nesse momento me preparava também para apresentar Pousos. Fui me conectando com as práticas, o estímulo de energia vital, fui vestido o figurino, organizando os objetos, os aromas e me aquecendo. Abaixo compartilho imagens da prática corporal de Qi gong, apresentação de Pousos seguindo de roda de bate-papo e lanche.



Fotografias 72 e 73: Troca com Pedro em Pousa e imagem aberta do Mirante no momento da Prática. 13 de agosto de 2022. Fonte: Acervo pessoal



Fotografias 74 e 75: Roda de bate-papo e da esquerda para direita Valmira do Lado de Jussara. Fotografias feitas por Nana e Roberta. 13 de agosto de 2022. Fonte: Acervo pessoal.

Roda de conversa

Na roda de conversa agradei as pessoas participantes e moradores, comuniquei rapidamente o que estava compartilhando em Pouso e as inspirações no ambiente da Clínica e a tutoria artística e co-direção de Leo. No calor do momento, pedi para que as pessoas comentassem a experiência do dia e sua relação com a Clínica. Assim as pessoas foram conduzindo a conversa comentando, participando de forma aberta e voluntária.

Na roda tiveram muitos relatos, teve pessoas que falaram da dimensão dos tratamentos recebidos, Tamara, por exemplo, comentou das memórias de saúde coletiva, Roberta da conexão que o morro da sereia proporcionou a ela e também com arte e saúde, Seth fez associações com a movimentação do solo de dança Pouso com o ambiente de prática da Clínica, Rita comentou a relação de acompanhamento do trabalho e de conhecer os moradores/as pelo percurso do processo de orientação, Jussara e Denival falaram da importância da Clínica para os moradores. Batemos um papo sobre a possibilidade do que é desenvolvido na Clínica e também em paralelo a ela no dia-a-dia, a importância da aproximação entre os diferentes contextos, a exemplo a universidade e o Alto da Sereia, enfim, tivemos diversas falas que demonstram também uma construção de vínculos e pertencimento com este ambiente.

Pude aprender nessa experiência a dimensão e a importância da escuta, da mobilização, da colaboração e da mediação. Gerou também nos participantes o desejo de seguir colando outras lambes na porta da casa dos moradores e participantes. Recebi um retorno que foi uma proposta coerente com o trajeto de participação da Clínica. Sigo a partir desta vivência e do catálogo desejando realizar um livro de fotografias, um livro inspirado no livro Mil Casas do Coletivo do Núcleo do Dirceu. Nesse sentido, tive a oportunidade de participar do ebook *Entre nas experiências em Dança: comunidades, coletividades e contextos em jogo (2023)*, com as fotografias e uma breve descrição chamada: *Clínica Comunitária do bairro do alto da Sereia- Salvador (BA)*.

Acredito que será muito importante compartilhar esse ebook com os participantes da Clínica. E por isso que esta carta final é também um recomeço. Um reconhecimento de que educação pública gratuita e de qualidade não é um privilégio, mas um direito de todos/as. Esta carta também é um convite para que você, assim como eu, possamos

habitar estes ambientes comunitários, ter acesso a estes espaços universitários, catálogos, materiais de estudo, promover reflexões e compartilhamentos em dança.

Desta forma, busquei contribuir com o campo da dança de forma a expandir as minhas possibilidades do seu fazer, reconhecer sua potência de transformação social, política, educacional, ética, estética e de saúde como construção de pertencimento. Pouso solo de dança e oficina são a materialização desses aspectos. Esses dois trabalhos um sendo a principal produção e outro um desdobramento da pesquisa foram formas de expandir a produção de conhecimento junto a coletividades. Solo de dança Pouso e oficina demonstram a capacidade que a área do conhecimento em dança, tem de se articular com outras áreas de conhecimento, a exemplo das práticas integrativas ditas de saúde. A dança pode muito contribuir com a sociedade, pois levar em seu fazer uma mega gama de articulação com modos de vida, técnicas, procedimentos, saberes, contextos e sujeitos/as.

Nesse sentido, considero a dança como importante campo de construção de conhecimento e um ponto vital a ser estudado, aprofundado e integrado não apenas por artistas e pesquisadores da área, mas por outros sujeitos/as de outros campos do saber e instituições. Pela sua potência de articulação, a dança tem a capacidade de estar em outros concursos, como por exemplo, na área da saúde. Pela capacidade de articulação conceitos e por sua capacidade de transformação do corpo através de procedimentos de criação. A dança tem a capacidade de transformar as pessoas e os contextos por deslocar noções e procedimentos tradicionais de mundo e de corpo. Isso se chama poesia. Nesse sentido, a dança pode ser compreendida a partir do seu papel fundamental transformação socio/coletiva de territórios gerando aprendizados afetivos, redes e pertencimento de coletividades.

Caro leitor e leitora, fecho esta carta compreendo que o Mestrado em Dança promoveu um processo de aperfeiçoamento profissional, elaboração do discurso sintonizado com as práticas e abriu possibilidades enquanto artista educador no mundo do trabalho, bem como, desdobramentos desta pesquisa. Agradeço você que me lê, que foi um apoio vital, que segurou nas minhas mãos, que conversa com essas noções, que têm outras perspectivas a contribuir, que compartilha dessas práticas ou outras, que

dançou e dança comigo até aqui. Dançar sempre será uma implicação com os mundos e contextos que vivemos. A dança é feita de muita gente.

Um forte abraço e até logo!

REFERÊNCIAS

AQUINO, R. F. **A prática colaborativa como estratégia para a sustentabilidade de projetos artístico-pedagógicos em artes cênicas**: um estudo de caso na cidade de Salvador. 307f. il. 2015. Tese (doutorado) – Escolas de Dança e Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

AQUINO; Rita. ASSIS; Felipe. Palco Giratório: circuito nacional/Sesc. Departamento Nacional. Artigo: **Como fazer juntos? Práticas Colaborativas em Mediação Cultural** – 2013-. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2013.

ALMEIDA JR, Bartolomeu C. **Um Olhar sobre Breaking**: Histórias em Planaltina e de minha formação docente. (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Dança), Instituto Federal de Brasília. Brasília, 2016.

BRANDÃO, Ana Elisabeth Simões. Corpo-sujeito e comunidade de sentido no entrelaçamento da arte, educação e cultura. **Anais do XI Enecult: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2015.

CLARK, Lygia - Hélio Oiticica: **Cartas**, 1964-74/ organizado por Luciano Figueiredo; prefácio de Silviano Santiago. 2. ed./ Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Trad. Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1. ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

CORDEIRO, Leonardo França. **A quem cabe o lugar de humano nesta dança?** cosmo-fricções para danças estilhaçadas. 96f. il. 2020. Dissertação (mestrado) – Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip hop: a performance poética do ator-mc.**/1.ed. –São Paul: Perspectiva, 2014.

DANTAS, Mônica. Ancoradas no corpo, acoradas na experiência: etnográfica, autoetnográfica e estudos em dança. **Urdimento**, v.2, n.27, p. 168-183, dezembro de 2016.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org). **Escrevivência, a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FALCÃO, Alana; CORDEIRO, Leonardo. O Livro das envolturas. Salvador, BA: Duna, 2021.

FERNANDES, Ciane. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. **Dança**. Salvador, v. 2, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Roberto; AQUINO, Rita; RANGEL, Beth. (Org.) Entre nas experiências em Dança: comunidades, coletividades e contextos em jogo. Parnaíba-PI: Acadêmica editorial, 2023, no prelo.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

KASTRUP, Virgínia. O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, **Psicologia & Sociedade**; 19(1): 15-22, jan/abr. 2007.

LEPECKI, A. **Cartografia Rumos Itaú Dança: Criações e conexões**/organização Cristine Greiner, Cristina Espírito Santo e Sonia Sobral. - São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

LUCIANE Ramos-Silva. A DANÇA DOS OUTROS: IMAGINAÇÕES DIASPÓRICAS PARA INTERPELAR O MUNDO. **MORINGA - Artes do Espetáculo, [S. l.]**, v. 10, n. 2, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2177-8841.2019v10n2.49823. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/49823>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MARTINELLI, Alda. **Yoga massagem ayurvédica: a transformação pelo toque**, editora Olhares, 2 Ed – São Paulo, 2018.

MARTINS, Rosana. Hip hop, arte e cultura política: expressões culturais e representações da diáspora africana. **Em Questão**, vol. 19, núm. 2, jul-dez, 2013, pp. 260-282, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip-hop: educação e poder: o rap como instrumento de educação**, Salvador: EDUFBA, 2015.

NÚCLEO DIRCEU, Mil Casas, Patrocínio Ministério da Cultura, Petrobras. Teresina/PI, (2011-2012).

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da Ancestralidade: corpo de mito da filosofia da educação brasileira** -Curitiba: Editora gráfica popular, 2007.

PARGA, Pablo. **Investicreación Toda obra Artística es una investigación invisible**. Universidad Autónoma de Querétaro, Cerro de las Campanas s/n, Centro Universitario 76010. Santiago de Querétaro, México Primera edición: septiembre de 2018.

OLIVEIRA, Rafael. Relações do corpo com o chão: experiências artístico-educativas com Lucio Piantino. In: ANAIS DO VI CONGRESSO DA ANDA, 2021, Salvador. *Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/anda/anda-2021/trabalhos/relacoes-do-corpo-com-o-chao-experiencias-artistico-educativas-com-lucio-piantin>> Acesso em: 21 nov. 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RANGEL, Beth; AQUINO, Rita Ferreira de; ROCHA, Lucas Valentim. Confabulando com pesquisas implicadas em Dança. In: **ANAIS DO VI CONGRESSO DA ANDA, 2021**, Salvador. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/confabulando-com-pesquisas-implicadas-em-danca?lang=en>> Acesso em: 17 jun. 2022.

SÓLON, P. **Alternativas Sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo**, direitos da Mãe Terra e a desglobalização. Tradução de João Peres - São Paulo; Elefante, 2019.

SOBONFU, Somé. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. [tradução Débora Weinberg] - 2 ed. – São Paulo Odysseus Editora, 2007.

SODRÉ, Muniz. Entrevista ao Jornal O Globo realizada em 12 de junho de 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/gente/muniz-sodre-recebe-alta-de-hospital-relata-montanha-russa-de-emocoes-de-40-dias-de-internacao-devido-Covid-19-24472485>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SODRÉ, Muniz. Pensar nagô/Muniz Sodré. -Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TAVARES, Breitner. **Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. Sociedade e Estado**, 2010, vol. 25, p. 309-327.

TRIGO, Clara Faria. **Instabilidade poética : síntese provisória de uma prática de movimento** / Clara Faria Trigo. – Salvador, 2014.

TEIXEIRA, A. C. B. Deficiência em cena: o corpo deficiente entre criações e subversões. **ENSAIO GERAL**, Edição Especial, Belém, v1, n.1, 2010.

APÊNDICE A: ARTIGO

Relações do corpo com o chão: experiências artístico-educativas com Lucio Piantino

Rafael Alves Assunção Oliveira (UFBA)

Comitê Dança em Múltiplos Contextos Educacionais: práticas sensíveis de movimento

Link: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/relacoes-do-corpo-com-o-chao--experiencias-artistico-educativas-com-lucio-piantino->

Resumo: Esse artigo integra a pesquisa “Relações do corpo com o chão: experiências artísticas, educativas e de participação social”, em andamento no PRODAN/UFBA. Trata-se da continuidade das reflexões abordadas na Licenciatura em Dança/IFB, e na Especialização em Dança/UFBA. No mestrado, investigo as seguintes questões: como o chão me move? Como mover o chão? O objetivo é desenvolver práticas artísticas participativas e educacionais que estimulem a construção de vínculos, pertencimento e participação social. Neste texto, discuto a experiência de colaboração com a obra “Somos que Somos e não Cromossomos” do artista Lucio Piantino, analisando-a a partir dos seguintes pontos: relações de pertencimento entre sujeitos/as a partir da linguagem *Hip-Hop* e a dança *breaking*; mediação de ensino-aprendizagem (preparação corporal) online e semipresencial; discussões acerca do corpo e da pessoa com/sem deficiência.

Palavras-chave: DANÇA. PERTENCIMENTO. MEDIAÇÃO. EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO-EDUCATIVAS. PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.

Abstract: This article is part of the research “Relationships between the body and the ground: artistic, educational and social participation experiences”, in progress at PRODAN/UFBA. This is the continuity of the reflections addressed in the Degree in Dance/IFB, and in the Specialization in Dance/UFBA. In the master's, I investigate the following questions: how does the ground move me? How to move the floor? The objective is to develop participatory and educational artistic practices that encourage the construction of bonds, belonging and social participation. In this text, I discuss the experience of collaborating with the piece “*Somos que Somos e não Cromossomos*” by artist Lucio Piantino, analyzing it from the following points: relations of belonging between subjects based on Hip-Hop language and dance breaking; online and blended teaching-learning mediation (physical training); discussions about the body and the person with/without disability.

Key-words: DANCE. SENSE OF BELONGING. MEDIATION. ARTISTIC-EDUCATIONAL EXPERIENCES. DISABLED PEOPLE.

Relações de pertencimento a partir da linguagem *Hip-Hop* e dança *breaking*

De acordo com Roberta Estrela D’Alva (2014), o *Hip-Hop*⁴⁵ nasceu em festas de rua (*Block Party*) nos Estados Unidos no início dos anos de 1970. Nesta época, o sul do *Bronx* era um cenário desolador, violento, com prédios incendiados, tráfico de drogas e gangues de rua. Em meio a abandono, falta de investimento, alta taxa de desemprego, queda dos preços das casas e pobreza em um contexto de estagnação econômica, a metrópole lidava com tribulação fiscal que quase fez o governo federal declarar falência em 1975. O contexto era de crise, mas também aquecia o nascimento do movimento sociocultural *Hip-Hop*⁴⁶, *punk*, disco, latino e afro. Como resposta “a um corpo social doente que reage a uma febre que se recusa a passar” (p. 03), a invenção coletiva da juventude se opunha às lógicas do Estado de sucateamento e morte. O movimento era uma forma de celebração da diversidade e da auto representação de jovens, uma comunidade que retomou os espaços públicos através dos grafites e “das danças urbanas, então referidas como *street dance*” (p. 15). Assim o movimento *Hip-Hop* ia se caracterizando politicamente como movimento de festa de rua/bairro que possibilitava fazer e contar a própria história, promovendo sociabilidade, comunicação, ativação de autores/as e conhecimento.

⁴⁵ “São encontrados fontes em que a ‘invenção’ do termo Hip Hop é atribuída ao DJ Hollywood e ao MC Keith Cowboy Wiggins. O DJ Afrika Bambaataa, criador da The Universal Zulu Nation, considerado o mentor intelectual da cultura hip-hop, credita o termo ao DJ Lovebug Starski, mas foi o próprio Bambaataa quem convencionou a cultura a partir de quatro elementos: o *DJing*, a arte do *disc jockey*, que a partir de dois tocadiscos se torna uma espécie de ‘tutor’ do passado fonográfico concreto, contador de histórias musicais, que transforma sua experiência musical individual na vivência do coletivo; o *MCing*, a expressão do mestre de cerimônia, MC, originalmente o mediador entre DJ e o público e que por meio de sua voz atua principalmente articulando o rap (ritmo e poesia); o *b-boying/b-girling*, expressão de dançarinos urbanos, criadores das ‘*street dances*’ (danças de rua, ou urbanas), aqueles que dançam durante os *break-beats*, autodidatas da criação do movimento; o *graffiti writing/graffiti*, arte urbana em que o grafiteiro, artista gráfico das ruas, utiliza os muros muros como interface e a cidade como moldura para seus grafites-depoimentos, trazendo a transgressão como meio e a arte aerossol como fim. Em textos da Zulu Nation (organização emblemática da cultura hip-hop da qual Bambaataa é fundador), o elemento *MCing* também é chamado rapping, o *bboy/b-girl* é por ‘várias formas de dança’ que incluem o *breaking*, *up-rocking*, *popping*, *locking* e há ainda a adição de um ‘quinto’ elemento, considerado o que mantém todos os outros juntos: o conhecimento.” (D’ALVA, 2014, p. XXII).

⁴⁶ O termo aqui leva o “H” maiúsculo, pois trata-se da existência de toda uma comunidade e um direito de existir e conhecer. O termo quando leva letras minúsculas se referi a um gênero musical, um produto a ser comprado ou vendido. *Hip* (informado/estilo) *Hop* (saltar/dançar) juntos tece sentidos com de uma forma de ser-estar, consciente de si, dos outros e do mundo. A palavra pode ter vários sentidos, por exemplo, na forma do movimento pode ser (saltar e pés), isto é, ao invés de caminhar e correr também pode ser considerado um “jogo de cintura”.

Para Lima e Santos (2017) a chegada do *Hip-Hop* no Brasil ocorreu em São Paulo em 1980, período marcado pelo final da Ditadura Militar, especificamente pelo governo do General João Figueiredo. Neste momento, a economia permaneceu inerte e houveram mobilizações da sociedade civil. Em 1983 e 1984, milhares de brasileiros/as exigiram o direito de voto para presidente no movimento “*Diretas Já*”.

Os bailes *black* ou a vertente brasileira do *Black Power*⁴⁷ também surgem como forma de contraposição ao contexto político, exaltação à negritude, a luta por igualdade de direitos civis no Brasil e no mundo. Em outras regiões do país, o *Hip-Hop* veio a se consolidar e se fazer presente enquanto manifestação cultural que pauta a socialização, o lazer e a diversão da juventude negra (LIMA; SANTOS, 2017, p. 124). Para Ivan dos Santos Messias (2015), em Salvador, Bahia, o *Hip-Hop* contribuiu significativamente “na formação crítica e na mobilização de políticas da juventude através da educação não formal, mediante a solidariedade” (p.13).

A partir destas perspectivas, os/as diversos/as autores/as citados/as marcam a importância do *Hip-Hop* no Brasil como uma forma de conhecimento e uma resposta artística às opressões. Estas questões nos apontam para o potencial da dança e, em especial do *Hip-Hop*, em processos artístico-educativos em contextos de educação não formal⁴⁸. Hoje, em meio a Pandemia de Covid-19, há um aprofundamento das desigualdades econômicas e da vulnerabilidade social em nosso país, em especial no âmbito da população negra. Em meio a este contexto, de que forma a cultura *Hip-Hop* poderia contribuir para promover relações de pertencimento, interdependência, autoconhecimento, redes de solidariedade e força?

⁴⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2021/04/o-significado-do-cabelo-black-power/> acesso em 10 de julho de 2021.

⁴⁸ É de nosso interesse ampliar esta reflexão também para o âmbito da educação formal, tanto nos contextos de Educação Básica quanto de Ensino Superior. Entretanto, neste artigo nos restringimos a discutir uma experiência em âmbito não formal. Para mais informações acerca dessa noção ver *Movimento negro educador* de Nilma Lino Gomes.

Como o chão deste processo vem movendo esta prática?

Alinhado com o método de pesquisa Somático Performativa, compreendo que as práticas criativas:

[...] não são apenas compatíveis com a arte: elas nascem da arte, de seus modos particulares e únicos de articular, relacionar diferenças e criar conhecimento. Neste sentido, o conhecimento com dança é inovador e relevante não apenas para a dança ou para as artes, mas para o contexto da pesquisa num âmbito bem mais amplo. A dança reconquista, assim, um **território** [grifo nosso] de produção de conhecimento que lhe é próprio e único, além de fundamental para a integração das várias faculdades e aspectos numa contemporaneidade [...]. (FERNANDES, 2013, p. 23).

Nesse sentido, é possível pensar que as práticas artísticas em dança e a cultura *Hip-Hop* têm seus próprios percursos. Dialogo com Dantas (2016), na afirmação de que a metodologia Somática no âmbito da pesquisa seria uma forma de produção de conhecimento “fazer ver-perceber”: para além do que se vê, sendo necessária registrar as informações cinestésicas e, em seguida, transformar o que viu, sentiu, tocou, ouviu, cheirou, saboreou, intuiu, vivenciou e compartilhou em linguagem dançada, falada e escrita (DANTAS, 2016). Por isso, essa proposta, de caráter teórico-prático, tem como pressuposto a noção de pesquisa implicada, e assume os procedimentos metodológicos de observação coparticipante autoetnográfica, na qual o pesquisador-dançarino-mediador se insere junto ao campo social para promover reflexões contextualizadas, intrínsecas e interpessoais coerentes. Nesse sentido, as diversas práticas com danças se constroem durante o processo e transformam-se no ato da criação no próprio método da pesquisa (FERNANDES, 2013).

Mediação de ensino-aprendizagem online e semipresencial

Esta forma de compreender a produção de conhecimento em dança me traz duas lembranças muito significativas. A primeira diz respeito à experiência de integrante do grupo *Rock Street Crew*⁴⁹ durante mais de sete anos como dançarino de *breaking*. Essa

⁴⁹ Blog do grupo disponível em: <http://rscbreaking.blogspot.com/> acesso em 07 de julho de 2021.

experiência foi marcada por inúmeros aprendizados coletivos, na rua, em roda, permeados por aspectos de colaboração e produção. Não posso deixar de mencionar que nasci em um contexto em que a cultura *Hip-Hop* chegava com efervescência como uma identidade mestra de luta de classe e pertencimento. Nessa organização puder aprender a me mobilizar, construir experiências de masculinidades, consciência crítica e criar apresentações artísticas como denuncia social⁵⁰.

A segunda lembrança diz respeito a quando conheci Lucio Piantino há quinze anos atrás, em um evento de *Hip Hop* em Brazlândia/DF. Logo fomos trocando passos e movimentos de *breaking*, foi como se fosse cena! Um encontro sensível, de escuta e troca. Anos mais tarde Lúcio e eu nos reencontramos para preparação corporal, criação de sequência coreográfica inspirada nas danças urbanas e colaboração com a obra *Somos que somos e não cromossomos (2021)*, de sua autoria⁵¹, revessando entre encontros online e semipresenciais⁵².

⁵⁰ Nesse sentido, identifico grande convergência entre os interesses de nosso trabalho e do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. A companhia, fundada em São Paulo em 1999, utiliza elementos da cultura *Hip-Hop* – como *breaking*, grafite e rap – na realização de seus trabalhos teatrais. Com a direção da dramaturga Claudia Schapira e do DJ e ator Eugênio Lima, o grupo investe na oralidade ritmada e na poética musical, expondo as urgências, dificuldades e contradições da vida nas metrópoles. O objetivo é estabelecer o encontro da arte de representar com os modos de expressão urbanos, resultando numa linguagem híbrida, que evolui para espetáculos-manifestos e é marcada pelo tom de denúncia social. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo464387/nucleo-bartolomeu-de-depoimentos> acesso em 07 de julho de 2021.

⁵¹ É um espetáculo solo que traz quatro personagens que retratam a vida, as experiências e os interesses. O texto, escrito por Lurdinha Danezy com a participação da diretora Mônica Gaspar e do próprio Lucio, fala sobre a vida, o trabalho, os sonhos e as dificuldades enfrentadas por ele para superar o preconceito e a discriminação sofridos ao longo de sua vida e sua carreira. No palco, Lucio apresenta seus talentos como pintor, dançarino de hip hop e ator ao performar um artista em seu ateliê, um dançarino de hip hop, um candidato a deputado e uma Drag queen. O texto propõe uma reflexão sobre oportunidades e a falta delas, sobre inclusão e exclusão social, sobre acessibilidade e sobre respeito às diferenças. Lucio se mantém sozinho no palco a maior parte do espetáculo que conta também com recursos de vídeos e áudios que trazem um pouco da história do ator. Lucio, com este espetáculo, pretende, mais uma vez, reforçar que a síndrome de Down é apenas uma das suas inúmeras características e que o diagnóstico de deficiência não define a pessoa e não determina sua vida, afinal, como o próprio Lucio não cansa de repetir: Sou feliz, triste é o preconceito.

⁵² Os períodos de realização do processo como um todo foram de outubro a dezembro de 2020, de janeiro a fevereiro 2021 e de março de 2021 a Julho de 2021.



Figura 1: Lucio e eu em uma conversa /aquecimento. Fotografia: Lurdinha Danezy.

O objetivo inicial foi propor práticas corporais inspiradas em Gyrotonic®, Gyrokinesis®, Yoga, Pilates, Danças, Thai Yoga Massagem⁵³ e exercícios de condicionamento físico que propiciassem a ampliação da capacidade cardiorrespiratória. Também experimentamos aquecimentos como impulso para as cenas do espetáculo, praticar o roteiro da obra, organizar objetos cênicos e figurino em posições estratégicas para transição de cenas e conversar sobre a prática. Inicialmente o intuito era ativar o trabalho por elementos das danças urbanas, músicas, vídeos, referências e objetos pessoais.

Aos poucos, os encontros foram se tornando um estar juntos como premissa da educação para o afeto, uma forma de pertença ao lugar que se vive-dança e de estímulo à diversidade cultural (SODRÉ, 2012). Um processo não só de instrução, mas socialização através da linguagem *Hip-Hop*, danças populares por meio de conversas, batalhas de rima, batalhas de dança, práticas de danças urbanas, trabalho gestual, prática de improvisação

⁵³ Para acessar imagens do trabalho de Thai Yoga Massagem que venho desenvolvendo, acesse vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2HjSNmZUFJ8> acesso em 11 de julho de 2021.

em dança, prática de *beat box* (sons com a boca), rimas como *Mc*, histórias de vida, atendimento de massagem, almoço, jogo de xadrez etc.



Figura 2: Balasana é uma postura de agachamento profundo que aproxima a pélvis da terra, alonga a região quadril, tornozelos, virilha e costas. Asana do Yoga e da vida excelente para o aterramento mente/corpo.
Fotografia: Lurdinha Danezy

Pensando em como se daria a preparação corporal nesse contexto, passei a exercitar as ideias de Kastrup (2015), que sugere que a atenção corporal é concentrada e aberta, o que dialoga com a noção de corpo disponível não somente para cena, mas para vida. Com objetivo de propor práticas que estimulassem o exercício cardiorrespiratório para dançar as cenas do espetáculo, abarquei tudo que Lucio queria fazer nas aulas, como dançar axé⁵⁴, funk⁵⁵ e o próprio *hip-hop*⁵⁶ como caminhos para dilatar essa atenção aberta e centrada.

Conversando com as ideias de Rancière (2002) e Aquino (2015), não havia uma concepção de transmissão de conhecimento, mas uma mediação construída durante as aulas. Abaixo compartilho um pouco de como se deu essa estratégia de mediação algumas

⁵⁴ Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/KzbechWB6YVxMHyx7> acesso em 08 de julho de 2022.

⁵⁵ Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/Z4c8ZFdVhGahHNjq7> acesso em 08 de julho de 2022

⁵⁶ Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/9kW6UpyUxU8TeDMD7> acesso em 07 de julho de 2021

motivadas por instruções, perguntas, referências audiovisuais, Língua Brasileira de Sinais, exercícios de condicionamento físico e também exercícios na lida com o novo contexto de uso das tecnologias.

Antes dos encontros sempre planejava as aulas baseadas nas anteriores e sugeria “deveres de casa”, passava as orientações pelo WhatsApp® por áudios e escrita. Em uma atividade para casa fiz duas sugestões: a primeira que ele deveria ver vídeos de dança-teatro da cultura *Hip-Hop*/danças urbanas e, a segunda, que enviasse para mim referências de vídeos de danças que o mobilizavam a dançar⁵⁷. Após nove encontros online, vinha propondo a Lucio e provocando-o a investigar o movimento do *breaking*⁵⁸ ou criar uma estrutura de improvisação em dança⁵⁹ com o tema gerador *Hip-Hop*. Para este encontro e em outros, perguntas indutoras⁶⁰ foram indicadas como exercício de ativação. A proposta envolvia definir uma música e algum adereço para realização de uma

⁵⁷ Enviei para Lúcio os seguintes vídeos: *Herói Tombado* de Roberta Estrela D’Alva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=djXvyVQrKqE>; *Cia Pé no Mundo para Objetos Coreográficos* de *William Forsythe*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkFLY96X4N8>; *Balada Manifesto* de Fragmento Urbano, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BgA_wlGmIIw; *Acordei Que Sonhava* do Núcleo Bartolomeu, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DhNeW5nHQr8&t=18s>; *Storm’s Footworks fundamentals*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7SRuyFEZfAI&t=4s>; *Bboy Neguin Ultimate Traile*, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y-Ng6YIqx_4; *Nothing Looz Kids Battle Final 2017 Bgirl Terra vs Demani*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GNkySP2qS5s>; *BSBGIRLS Legendários 2013 – TV Record*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=heqGCzY1AmI>. Lúcio me enviou os vídeos do filme *Ela dança eu danço cinco*, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z-DYsv_yjM&t=3s; *Street dance 2*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hh7LZ3DOT80>; *Mc Rebeca, Kevin O Chris e Wc no Beat-Repara (Coreografia oficial) Coreografia- Deslizo e jogo de MC Rebeca*; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9OxCwxiLoE>. Todos os vídeos tiveram acesso em 08 de julho de 2021.

⁵⁸ Em geral os dançarinos/as *bboys* e *bgirls* fazem uma apresentação artística protagonizando seus movimentos na roda individualmente ou em grupo. A dança se realiza no ritmo dos *breaks beats* organizados pelos *DJs*. Os dançarinos/as fazem *top rocks* em pé para todos os lados ou para seu oponente e ou público. Em seguida descem para os *drops*, ou seja, para o chão com uma pausa ou em um fluxo contínuo. Na relação dos apoios do corpo com o chão desenvolvem bases e transferências pesos com diversas partes do corpo para desenvolver um trabalho de pernas *foot works*. Durante a entrada na roda, podem realizar movimentos combinatórios de força e ou explosão *power moves* e finalizando com um congelamento, uma pose, imagem do corpo no espaço *freezes*. Para além dos movimentos em si, talvez seja importante como os dançarinos/as imprimem em suas danças suas histórias e ou o universo do *Hip-Hop*. Se diferenciado ou se contaminado por outras danças e pessoas podendo subverter a lógica da estrutura e compondo de outras maneiras. Sobre *breaks beats* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H2wTKTDeqf4> acesso em 06 de julho de 2021.

⁵⁹ De acordo com Nachmanovitch (1993, p.71): “improvisar não é fazer “qualquer coisa”; a improvisação pode ter o mesmo sentido de estrutura e totalidade de uma composição planejada”. Isto significa, que nesta estrutura descrita acima posso realizar por escolha outras ações que componham com o todo. Sem receios de experimentar coisas, ações, objetos, textos, trajetórias de tempo/espço.

⁶⁰ O que te motiva dançar? Quais sentimentos surgem quando você dança? Em que contexto se passa? Como é esse dançarino/a de *breaking*? De onde ele/a vem? Como são seus comportamentos e gestos? Como ele/a se move (no) e com o chão? Em que momentos há pausas? Em que momentos da música dançar mais rápido ou lento? Quando dançar no nível alto, médio e baixo, ou seja, em pé, mais baixo ou bem próximo do chão? Quais sentimentos se expressam?

performance, como resultado processual Lucio respondeu a tarefa de casa gravando um vídeo dançando⁶¹. Dialogando com Lepecki (2010), reitero a compreensão que “todo corpo pode dançar, toda dança pode ter qualquer corpo”, ou seja, cada obra pede um corpo e cada singularidade de corpo uma obra adequada desse corpo ser – estar (p.18).

Em outra atividade sugeri a ele que desse uma aula de danças urbanas, iniciando com aquecimento dinâmico inspirado no *hip hop dance* ou *street dance*. Em seguida, fizemos um trabalho de fortalecimento do centro do corpo (*core*) e membros inferiores com exercícios de abdominais, pranchas e pernas, depois faria uma apresentação da sequência coreográfica e ou improvisação em dança, por fim, compor uma coreografia.

Ao invés de Lucio realizar as atividades exatamente como orientei, ele foi compondo e transformando as provocações em uma incrível dança urbana (*popping*) com a movimentação de onda (*wave*). Tendo praticado Língua Brasileira de Sinais (Libras) durante anos, ele utilizou as letra do do alfabeto como recurso metodológico para que eu pudesse compreender o princípio de movimento. Por exemplo, ele sugeriu que eu praticasse o movimento de onda com os braços a partir da letra “E”. A letra “E” seria o princípio do movimento, fazendo dobrar a ponta dos dedos como uma dobradiça de porta. Nesse momento, algo mágico aconteceu: compreendemos juntos o sentido de uma mediação de experiências artístico-educativas.

Fui aprendendo a me relacionar com Lucio mediando suas aventuras, escutando, interpretando e traduzido enquanto ele conduzia e se guiava pela sua própria experiência de mundo. Inverter os papéis foi uma virada de chave no trabalho, ativou em nós interdependência e colaboração. Esses acontecimentos foram fundantes para deixar que o ato de estar juntos vá coreografando o planejamento, as instruções e as estratégias de uma forma inventiva e aberta à criação. Outro aspecto importante de ser mencionado é que as palavras **relação** e **mediação** estavam presentes na maioria das anotações dos planos de aulas, eram reflexões resultantes da prática e do encontro.

⁶¹ A movimentação era inspirada no rei do pop Michael Jackson e danças de *bboy/b-girl*, disponível em: <https://photos.app.goo.gl/6w2Q6xwtA8JXG1Be9> acesso em 08 de julho de 2021.

Música de *Adam Gibbons* nascido em 24 de março de (1981), ganhou o apelido de “Falta de Afro” quando estudante na universidade onde como *disc jockey*, tocava funk em concertos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=12Lzcyj-18KE> acesso em 08 de julho de 2021.

No trabalho da coreografia, foi aparecendo outros aspectos, o **estímulo** e a **repetição** consciente⁶². Assim, íamos trabalhando de diferentes formas: nós dois juntos, com a mãe e diretora Mônica Gaspar gravando; com algum objeto; com músicas diferentes de *Hip Hop*; sem música; pausando e conversando; fazendo outras danças e depois fazendo a coreografia novamente; de olhos vendados; em locais diferentes da casa; em cima de uma mesa gigante; para direções diferentes em relação à tela; mais no canto no palco... O trabalho consistia basicamente em fazer gravar, assistir, conversar, analisar o gesto expressivo⁶³ - e fazer de novo. À medida que os ensaios iam acontecendo, a sequência coreográfica ia acumulando movimentos que faziam sentido e readaptando outros. O que evidenciou nesse trabalho um fluxo de criação colaborativo.



⁶² Os vídeos a seguir mostram um pouco da coreografia em processo de construção, disponíveis em: <https://photos.app.goo.gl/cEon6u17ViubjBwR9>; <https://photos.app.goo.gl/aguXD8d1B4wKAExMA>; <https://photos.app.goo.gl/6tnBBdCscLP9AFHB6>. Acesso em 10 de julho de 2021.

⁶³ “Christine Roquet (2011) destaca que a análise do gesto expressivo trata precisamente da corporeidade do movimento, do gesto dançado, do fenômeno do próprio dançar, diante de razões éticas, sociais, culturais e políticas – que fundamentaria no ocidente a recusa em valorizar as práticas gestuais e corporais. Pensando na abordagem etnográfica e na Abordagem Sistêmica do Gesto Expressivo como forma de pesquisa no processo que inclui ainda análise por meio de imagens e registros [...]” (SANTOS e PIZARRO, 2017, p. 165).

Figura 03: Amarelo. Encontro pela plataforma Google Meet. Fotografia: Lurdinha Danezy

Esse aprendizado nos ambientes online e semipresencial era ativado com Lucio, isto é, aprendendo mais com Lucio do que Lucio comigo. Assim, os corpos se apresentavam disponíveis ao ver, fazer, lembrar, aprender, traduzir e criar, pois o conteúdo da aprendizagem não era só um processo de aprendizagem dos/nos encontros -havia no entanto um planejamento aberto, havia também indicações, repertório, perguntas mobilizadoras, a aprendizagem se confirma a partir da relação o educador não apresenta-se como um espaço vazio.... O "conteúdo" se compõe na relação. Tal prática se contrapunha com a "concepção de educação bancária" (FREIRE, 1983, p. 67 apud AQUINO, 2015, p.63), isto é, a divisão entre aqueles que sabem e os que não sabem, os que transmitem valores e conhecimentos para os outros vazios que devem ser preenchidos. Era uma proposta de educação problematizadora na qual "[...] o educador/a já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado. Ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem" (FREIRE, 1983, p.78-79 apud AQUINO, 2015, p.64). Pensando uma aprendizagem artística como processo de inacabamento, condição de igualdade, consciência crítica que não ignora absolutamente tudo

[...] a consciência da condição comum de inacabamento e igualdade das inteligências possibilita a criação de um espaço de valorização e reconhecimento onde se estabeleça formas de relação dialógicas, não hierárquicas e baseadas no amor, para a construção de conhecimento com os (as) outros (as) através das seguintes operações: observar, relacionar e avaliar as relações de congruência com os contextos (AQUINO, 2015, p.77).

Nesse sentido, fomos chegando a uma definição provisória de estratégia de mediação de processo artístico-educativos que acolhia variações de acordo com as especificidades do dia, desejos, questões tecnológicas, instruções etc. Em síntese, podemos afirmar que se tratava de: **1. iniciar as aulas/encontros sendo espectador/a de suas danças; 2. observar a relação durante e ir mediando às propostas/instruções comentando e fazendo perguntas; 3. estar aberto a surpresas e mudanças criando conexões com o objetivo da preparação corporal e criação da sequência coreográfica.**

Assim, as aulas foram sendo criadas com a noção de inacabamento, imprevisibilidade, desapego, vínculo e sociabilidade. O ambiente online e remoto como diferentes espaços propícios a criar condições e estímulos para reconhecer, visibilizar, apreciar, comentar, falar, refletir através da escuta:

[...] ouvir bem exige outro conjunto de habilidades, a capacidade de atentar de perto para o que os outros dizem e interpretar antes de responder, conferindo sentidos aos gestos e silêncios, tanto quanto às declarações (SENNETT, 2012, p.26 apud CARMO e CASTRO, 2007, p.78).

Assim como Carmo e Castro (2007), Aquino (2015) também tece aproximações como o pensamento de Sennet (2012) pela perspectiva de Rancière (2002) e Paulo Freire (1996), apresentando uma interpretação que converge para um entendimento de aprendizado e espectador/a. Fazer arte e exercitar a escuta como um conjunto de habilidades da ordem do traduzir mundos ao seu modo, responder problemas, recriar sentidos, assim como inventar seria da mesma ordem que recordar e rememorar experiências anteriores (AQUINO, 2015, p.74-75).

O que no sentido emancipatório em Paulo Freire (1996), se expressa em consciência crítica como condição de inacabamento em *O Mestre ignorante* de Rancière (2002), sugere diminuir as distâncias entre quem vê e faz considerando a igualdade das inteligências. Pois parte do pressuposto de que todos/as têm a mesma capacidade de aprender qualquer coisa e relacionar o que aprendeu com o todo. Ser mestre é ser acompanhante dos outros/as em sua "aventura" de conhecimento/vida e saberes. Um "mestre ignorante" diminui as explicações demasiadas que embrutecem e do contrário dialoga e faz perguntas que estimulam a conexão com a floresta de signos, tais como, o que vê? O que pensa disso? O que pode fazer com isso? O que pensa sobre o que disse ou fez?

Nesse sentido, mediar o processo de ensino-aprendizagem com Lúcio não era uma transferência do ambiente presencial para o virtual, e muito menos o depósito de conteúdos, mas uma construção de conhecimento participativo e aberto, produzido por ambos corpos disponíveis com características, especificidades e formas de perceber as realidades.

Corpos como continuidades de mundos possíveis

Para Vieira (2006) o corpo é um sistema aberto móvel, e por ser assim, modifica-se a cada instante de vida (CASTRO e CARMO, p.64). Nesse sentido, pela perspectiva da transformação, tudo poderia ser dança: buscar um objeto dentro de casa, uma história contada, a mãe que entrava no vídeo para dar alguns “pitacos” sobre o trabalho, a pausa para respirar, a condução de aula por ligação telefônica, envio de uma carta⁶⁴ etc. Essas situações evidenciavam corpos em metamorfoses e em continuidade com a vida (COCCIA, 2020).

No encontro do dia 20 de novembro de 2020, iniciamos a aula conversando sobre a vida, como estávamos e em seguida Lucio falou das batidas do *funk* e a proximidade com *break beats*, relacionando aos batimentos cardíacos como disparadoras de sentimentos. Dando continuidade as atividades, fizemos um trabalho de aquecimento de partes do corpo como um todo. Depois ele dançou uma música inteira de *funk* até cansar, pausamos para respirar e lemos o roteiro da obra. Passamos as cenas do espetáculo como um exercício de transições de cena, transformação de estados específicos de cada uma como estímulos a lidar com desafios e imprevisibilidades:

[...] surgem de diversas entradas do espaço cênico, as respostas e os ajustes entre os participantes precisam entrar em sintonia para tomar decisão com proveito e autonomia no momento presente. São soluções imediatas a partir das próprias experiências no campo colaborativo que precisam ser resolvidas rapidamente, o que predispõe ao corpo agir com rapidez e atenção redobrada. Tais procedimentos exigem treinamentos diferenciados e com tarefas que levam em consideração o corpo, qualquer corpo, na relação com o ambiente. (CARMO; CASTRO, 2017, p. 73-74).

Se brincarmos que o espaço de encontro online ou presencial pode ser disparador de desafios e respostas a problemas, então podemos jogar que todo processo pode ser um produto inacabado onde é preciso tomar decisões, fazer escolhas, se antecipar mesmo quando a internet caiu e demorou a voltar. A gente não saiu de cena, assim como, transitar de uma cena para outra na coxia ou nos bastidores, não saímos da relação com a obra ou com vida, mas sim metamorfoseamos o corpo de uma mudança à

⁶⁴ Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1R_t-nq98YKhG0tjyYWIJ5oK-IgzuKP4s/view?usp=sharing acesso em 06 de julho de 2021.

outra. Do mesmo modo a vida, a lagarta, a borboleta que vivem a mesma vida de diferentes formas.

Corpos com e sem deficiência partilham experiências com especificidades e características, desenvolvimento e modificação a cada instante:

[...] são também exigidas demandas para que possam se relacionar com os mundos possíveis. Para que resolvam da melhor maneira possível os desafios que emergem de situações inesperadas, na cena improvisada ou na vida, para elaborar escolhas com eficácia e que funcionem como disparadores para as dramaturgias de dança ou para encarar a vida com autonomia. (CARMO; CASTRO, 2020, p.73)

Assim, as aulas/cenas lidavam com imprevisível, antecipação, tomada de decisão e resolução de problemas, estabelecendo relações com nossos contextos de mundos diferentes, de gênero, classe, raça, sexualidade porém próximos por conta do *Hip-Hop*. Percebíamos que o processo fazia conexões com a obra e com a vida: na lida com os preconceitos, exclusões, desigualdades e, como diz Sodré (2012), um reinterpretar da educação a partir da socialização e do afeto.

A obra enseja mostrar para o público em geral danças de protagonismo, reflexão crítica, tais como, a importância de narrar a história com dança, aspectos relacionais, indenitários, estéticos, poéticos toda uma potência que perpassa as questões de preconceito, deficiência, diversidade, política de direito e acesso.

Tais noções são pareadas com a experiência de Ana Carolina Bezerra Teixeira (2010), que expõe um estudo acerca do corpo deficiente na cena artística brasileira com base na experiência construída junto a *Roda Viva Cia de Dança*⁶⁵, compartilhando reflexões com corpos considerados incapazes para tal prática e que rompem na cena artística um despertar de novas possibilidades de movimento, criação e produção artística. Conseqüentemente, o papel do corpo com deficiência na cena artística contemporânea

⁶⁵ “A Roda Viva Cia. de Dança, iniciou suas atividades em 1995, como parte do ‘Programa Interdisciplinar de Reabilitação na Lesão Medular’, desenvolvido pelo Departamento de Fisioterapia da UFRN, coordenado pelo Professor Ricardo Lins, onde ainda se intitulava ‘Roda Viva Dança Sobre Rodas’. A iniciativa do projeto era de cunho terapêutico, a fim de “reeducar os corpos lesionados para a profilaxia corporal e o retorno ao convívio social” (TEIXEIRA, 2011, p. 26). No mesmo período o “Projeto de Dança para Pessoas Portadoras de Deficiências”, do Departamento de Artes da UFRN, coordenado pelos Professores Henrique Amoedo e Edson Claro também se integraram a pesquisa. A fusão destes dois projetos de extensão universitária, um hospitalar e o outro artístico, tinham como principal objetivo a inserção social de pessoas com deficiência física’. Disponível em: http://beta.wikidanca.net/wiki/index.php/Roda_Viva_Cia_de_Dan%C3%A7a acesso em: 10 de julho de 2021.

passa a reivindicar um lugar além dos discursos do modelo institucional de inclusão e ocupa espaços de criação cênica e o acesso ao mercado de trabalho nas artes. Também permeando a desconstrução do estereótipo capacitista e não visa tocar o público normativo como uma superação ou super eficiência do corpo, mas aleijar o pensamento heteronormativo, cis, branco, europeu e global.

O artista, professor e pesquisador Edu.O⁶⁶ vem cunhando o termo bipedia compulsória⁶⁷ como uma lógica socioeconômica, cultural e política que determina e separa o que é normal, e anormal, capaz e incapaz. O conceito defendido por ele é compreendido não como a forma de locomoção sobre membros inferiores, mas uma estrutura que estabelece “padrões excludentes pautados na normatividade do corpo, que subjagam e inferiorizam as potencialidades da pessoa com deficiência, tomadas por incapazes e inaptas” (CARMO, 2019, p.78 apud CASTRO; CARMO, 2020, p.64).

Nesse sentido, o capacitismo pode ser configurado como um discurso ou lógica hegemônica normativa que requer dos corpos a superação e a eficiência não como características, mas como visibilidades midiáticas? Será que a deficiência é um aspecto que se dá nos encontros e nas relações?⁶⁸

Considerações finais

Dentre os resultados preliminares, posso afirmar, portanto, que a obra *Somos que somos e não cromossomos* aponta para um caminho como reelaboração de si e

⁶⁶ É artista da dança, performance, teatro, escritor e professor da Escola de Dança da UFBA. Mestre em Dança (PPGDANCA/UFBA) com especialização em Arteterapia (UCSal), doutorando em Difusão do Conhecimento (PPGDC). Diretor do Grupo X de Improvisação em Dança e co-fundador do Coletivo Carrinho de Mão, é colider do Grupo de Pesquisa PORRA. E-mail: eduimpro@gmail.com

⁶⁷ Vídeo da carta pronunciada por Edu. O. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iZAraMOnqyM> Acesso em 25 de mar.2021.

⁶⁸ Estas relações se dão em diversas instâncias. Poderíamos nos perguntar, por exemplo, por que curadores de festivais perpetuam um olhar capacitista e entendimento de incapacidade à produção de artistas com deficiência? A inclusão gera lucro, pois põe curadores, produtores e programas de TV “bem na fita”, corroborando para um pensamento da caridade, uma construção para aliviar o estado constituído por pessoas privilegiadas. Esse tipo de pensamento bípede não vê artistas com deficiência como simplesmente artistas, mas mostram como deficientes. Como não mais pensar uma inclusão que exclui? Como considerar os diversos corpos com deficiência, transexuais, indígenas e outros considerados categorias indenitárias negros/as, LGBTs não mais como pautas, mas construtores de narrativas e conhecimento? Essas questões também estão presentes na pesquisa, entretanto, não serão desenvolvidas neste artigo.

produzindo conhecimento, não em um modelo de corpo que precisa ser seguido, superado ou dançado como se anunciasse um objeto. Há reflexões que não são “pautas”, mas reelaboração de existência. Talvez seja uma das diversas contribuições da obra para o público em geral.

Com Lucio pude aprender mais do que ele poderia aprender comigo. Assim os corpos com características e especificidades se apresentavam disponíveis ao ver, fazer, lembrar, aprender, traduzir e criar. O conteúdo da aprendizagem era o próprio processo de aprendizagem, assim como a prática foi se transformando e tecendo reflexões no próprio percurso. A observação foi fundante desenvolver uma abertura a surpresas e mudanças.

As danças resultantes dessa prática buscaram relações de pertencimento, mediação experiências artístico-educativas e a discussão de pessoas com/sem deficiência; com integração, consciência crítica e inacabamento como condição de igualdade - o que Aquino (2015) aponta como chão das práticas colaborativas, não-hierárquicas e dialógicas, baseadas na presença e afetividade como retroalimentação dos/das sujeitos/as e contextos.

Rafael Alves de Assunção Oliveira
UFBA

RALVESCORPOEARTE@GMAIL.COM

Artista da dança e mestrando do Programa de Pós Graduação Profissional em Dança da UFBA. Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança UFBA. Licenciado em Dança/IFB (2017-2012). Integrante do Grupo de Pesquisa ENTRE: Artes e Enlaces.

Rita Ferreira de Aquino (orientadora)
UFBA

AQUINO.RITA@GMAIL.COM

Artista de dança e professora da Escola de Dança da UFBA, PPGDança e PRODAN. Doutora em Artes Cênicas, Mestre e Especialista em Dança pela UFBA, Licenciada em Dança pela Faculdade Angel Vianna. Líder do Grupo de Pesquisa ENTRE: Artes e Enlaces.

Referências

- AQUINO, R. F. **A prática colaborativa como estratégia para a sustentabilidade de projetos artístico-pedagógicos em artes cênicas**: um estudo de caso na cidade de Salvador. 307f. il. 2015. Tese (doutorado) – Escolas de Dança e Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- CARMO, C. E. O; CASTRO, F. C. D. Desconstrução da bipedia compulsória na Dança. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Santa Catarina, v.16, n.4, p. 59-84, Out/Dez. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao>>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- COCCIA, Emanuele. **Metamorfose**. Desenhos de Luiz Zerbini. Tradução Madaleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1. Ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.
- D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip hop: a performance poética do ator-mc**./1.ed. –São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DANTAS, Mônica Fagundes. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança. **Urdimento**, v.2, n.27, p.168-183, Dezembro 2016.
- FERNANDES, Ciane. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. **Dança**. Salvador, v. 2, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Lilian Cristina Bernardo. O movimento negro educador. *Sapere Aude*, v. 9, n. 17, p. 341-347, 2018.
- KASTRUP, Virgínia. O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, **Psicologia & Sociedade**, 19(1): 15-22, jan/abr. 2007.
- LIMA, Engel R.; SANTOS, Hasani E. A proposta do sujeito afro-periférico por meio do rap e do hip hop: uma leitura por meio da Identidade e da Diáspora, Praça, **Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v.1, n.1, (2017).
- LEPECKI, A. **Cartografia Rumos Itaú Dança: Criações e conexões**/organização Cristine Greiner, Cristina Espírito Santo e Sonia Sobral. - São Paulo: Itaú Cultural, 2010.
- LUCIANE Ramos-Silva. A DANÇA DOS OUTROS: IMAGINAÇÕES DIASPÓRICAS PARA INTERPELAR O MUNDO. **MORINGA - Artes do Espetáculo**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2177-8841.2019v10n2.49823. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/49823>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip-hop: educação e poder: o rap como instrumento de educação**, Salvador: EDUFBA, 2015.
- NACHMANOVITCH, S. **Ser criativo**: "O poder na improvisação e na arte". São Paulo: Summus Editorial, 1993.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SANTOS, E; PIZARRO, D. **Ensino-pesquisa em extensão: processos de composição em dança na formação do docente-artista**/ Diego Pizarro (org.). –Brasília: Ed.IFB (2017).
- SOBONFU, Somé. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. [tradução Débora Weinberg] - 2 ed. – São Paulo Odysseus Editora, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TEIXEIRA, A. C. B. Deficiência em cena: o corpo deficiente entre criações e subversões.

ENSAIO GERAL, Edição Especial, Belém, v1, n.1, 2010.